



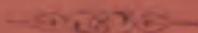


Collecção de «Silva Vieira»

ENSAIOS
ETHNOGRAPHICOS

POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS



VOL. I

3.^a EDIÇÃO

ESPOZENDE
LIVRARIA ESPÓSENDENSE
EDITORA

1911

OBRAS FOLK-LORICAS

Revista do Minho, para o estudo das tradições populares.

(Annos publicados):

I anno (1885-1886), preço 600 reis.

II anno, 86-87, (9 n.^{os}) 225 rs. (esg.).

III anno, 87-88 (10 n.) 350 rs. (esg.).

IV anno, 88-89. (12 n.) 300 rs. (esg.).

V anno, 89-90 (12 n.) 400 rs. (esg.).

VI anno, 90-91 (18 n.), 500 rs. (esg.).

VII anno, 91-92 (24 n.) 500 rs. (esg.).

VIII anno, 92-93 (25 n.) 500 rs. (esg.).

IX anno, 93-94 (29 n. e um appendice), 1.000 reis (esgotado).

X anno, (19 n.) 1.000 reis.

XI anno, (27 n.) 1.000 reis (esgot.).

XII anno (15 n.) 1.000 reis.

XIII anno, (17 n.) 1.000 reis.

XIV anno, 1.000 reis.

XV anno, (30 n.) 1.000 reis.

XVI anno (24 n.) 1.000 reis.

XVII anno, 400 reis.

XVIII anno, 600 reis.

XIX anno em publicação.

Ramalhete de Canções populares
colhidas no concelho d'Esporende.
Preço 60 reis.

Bibliotheca Folk-lorica Portugueza, 1 volume publicado, «Materiaes para a historia das tradições populares do concelho d'Esporende». Preço 200 reis (esgotado). A reimprimir.

Collecção de "Silva Vieira,"

ENSAIOS
ETHNOGRAPHICOS

Editor
JOSÉ DA SILVA VIEIRA
—
ESPOSENDE

514-37

ENSAIOS ETHNOGRAPHICOS

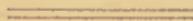
POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS



VOL. I

2.^a edição



FAMALICÃO

TYPOGRAPHIA MINERVA de Gaspar Pinto de Souza & Irmão

20 — Rua de 5 de Outubro — 24

1911

Prologo da 1.^a edição

Tendo o Snr. José da Silva Vieira, amigo-desvelado das tradições populares portuguezas, emprehendido acérca d'este assunto a publicação de varios volumezinhos de diversos auctores, convidou-me tambem a mim para eu dar para a sua collecção alguns artigos meus que andam dispersos, ou escrever outros de proposito: accedi de boa mente ao convite, coordenando uma série de Ensaios ethnographicos, cujo 1.^o volume offereço hoje ao publico.

Lisboa, 10 de Setembro de 1891.

J. L. DE V.

Advertencia da 2.^a edição

Previno o leitor de que nesta 2.^a edição não alterei quasi nada o texto da 1.^a, e que mantenho o mesmo número de páginas, e a mesma disposição d'ellas: de modo que os indices alphabeticos que terminam o vol. IV (e último), e que o são de todos os volumes publicados, ficam servindo na presente edição igualmente para o vol. I.

As alterações que introduzi consistem apenas em uma ou outra correcção indispensavel.

Para eu modificar o volume onde entendo que o podia fazer, tornar-se-me-hia necessario refundi-lo, e como consequencia d'isso refundir tambem os tres restantes.

Lisboa, 7 de Julho de 1911.

J. L. DE V.

Este volume comprehende os seguintes trabalhos :

I — O Presbyterio de Villa-Cova;

II — Esbôço historico dos estudos feitos acerca das tradições populares portuguezas.

O PRESBYTERIO

DE

VILLA-COVA

(1878-1879)

A meu primo

P.^e Adriano Leite Cardoso Pereira de Mello

OFF.

© auctor.

As ferias são para o estudante como um oasis em meio do deserto para o viajero cansado; são o calix do allivio que elle antevê do seu caminho de abrolhos.

Cábulas e verdadeiros amigos do estudo, todos gostam das ferias: para aquelles não passam, é verdade, de prolongamento de vida ociosa e vagabunda; mas para estes tornam-se uma necessidade.

O descanso não o podemos dispensar; o proprio Jehovah descansou ao fim da obra dos seis dias.

Comecei com este preambulo para dizer que nas curtas ferias do Entrudo deixei temporariamente o Porto, onde ha dous annos estudo, a fim de ir passar alguns dias a uma aldeia um pouco distante da cidade invicta, — e que em singela e humilde phrase pretendo contar a historia da minha viagem.

A escolha da aldeia tinha recahido em *Villa-Cova-de-Carros*, frèguesia em que um primo meu, — a quem este pobre escrito vae dedicado, — é parochó e vive em companhia dos paes e dos irmãos.

A aldeia em si pouco vale a pena de com ella se gastar tinta e papel; as costumeiras, porém, dos habitantes e as circumstancias que occorreram durante a minha estada alli, levaram-me a apprehender o presente trabalho. Dividi-lo-hei em duas partes: na primeira occupar-me-hei da descripção do local, etc.; na segunda enumerarei alguns dos costumes d'aquelle povo, e outros factos dignos de menção.

Noticias historico-geographicas

Sahi da estação de Campanhã no dia 2 de Março de 1878, ás 8 horas e 45 minutos da manhã. Iam comigo varios estudantes do Collegio de S. Carlos, uns meus condiscipulos d'este anno, outros do anno passado, — Aloysio Torres, João P. da Silva, Joaquim M. da Costa, Christovão d'Almeida, etc.

Já vêem os leitores que a viagem não devia ser triste, — e na verdade o não foi.

Os rapazes são travessos de natureza, a ponto do Diabo do Inferno, segundo a lenda piedosa nos refere, nada querer com elles.

A locomotiva, veloz como um relampago, obrigou-nos rapidamente a atravessar as diversas estações: Rio Tinto, Ermesinde, Vallongo, Recarei e Cête.

O' bemaventurado Progresso, quanto te não devem os mortaes! Quão mais justo não era que em vez do culto que muitos prestam a irrisorias imagens, se erguesse a tua estatua em meio do mundo, e a humanidade em peso adorasse o Deus puro e immaculado que se nos revela em ti?

Se ao homem falta ainda muito, para dominar todo o universo, não ha dúvida que muito tem já caminhado, e muito tem já feito.

Hoje somos transportados através dos campos, dos mares e do espaço, quasi com a instantaneidade com que o telegrapho transmite as nossas ideias, e o telephone as nossas palavras!

Todas as sciencias dão hoje as mãos umas ás outras, e se auxiliam mutuamente, para a grande obra do aperfeiçoamento humano.

Deixemos rouquejar a malvadez ignara; deixemos estorcerem-se de desespero e furia os sectarios da treva e do êrro, e continuemos a andar. Loucos, que não ouvem a voz que os convida ao banquete da gloria! cegos, que não vêem o sol bemfazejo que os alumia!

Ponhâmos todavia de parte isto, e prosigâmos na narração.

Em Paredes, estação immediata á de Cête, tive de despedirme saudosamente dos meus amigos e companheiros: elles continuaram no comboio, e eu retirei-me para a villa de Paredes, d'onde em breve me dirigi ao termo da viagem. Eram 11 $\frac{1}{2}$ horas quando cheguei a Villa-Cova.

Villa-Cova-de-Carros fica situada a uns 4 kilometros de Paredes, perto de montes e pînhaes, mas ao mesmo tempo cercada de

bellas campinas ferteis em vinho, azeite, pão, &.

Nas vizinhanças de Villa-Cova, ou nas do concelho a que ella pertence, ha povoações mais ou menos importantes e notaveis.

Entram neste numero, por ex.:

Pena-fiel, cidade e cabeça de comarca; — *Lousada*, villa, capital do concelho do mesmo nome; — *Paço-de-Sousa*, — pago do inclito Egas-Moniz, que ahí jaz numa capella, e em cujo tumulo se vê toscamente memorado o grande e conhecido acto de abnegação que nobilita o aio de Affonso I, e caracteriza os costumes portuguezes do seculo XII; — *Paços-de-Ferreira*, antigo *couto*, e actual cabeça de concelho; — *Aguiar de Sousa*, célebre principalmente por em tempos antigos ter ahí ao pé existido um castello, e tambem por junto ao rio *Sousa* estar a *Capella-da-Senhora-do-Salto*, á qual anda annexa uma *lenda pia*, que o sr. Augusto Luso da Silva, professor do lyceu do Porto, poetizou no seu livro «Impressões da Natureza»; — *Bal-*

tar, antiga villa e *honra*: segundo um documento da Camara do Porto (cit. no vol. I do *Port. Ant. e Mod.*), foi esta povoação dada com Paço e Pena-fiel por D. João I, em 1386, a João Rodriguez Pereira, como recompensa de serviços; — *Louredo*, frèguesia muito antiga: diz o sr. Pinho Leal (*obr. cit.*) que foi villa, *behetria* e ao depois *honra*, que D. Affonso IV, pelos annos de 1340, concedeu a D. Leonor Furtado; — *Paredes*, como já disse, capital do concelho em que está Villa-Cova.

De outras povoações igualmente illustres e memoraveis poderia aqui fallar, se quisesse tornar demasiado extenso este escrito.

O orago da frèguesia de Villa-Cova é S. João Evangelista; a igreja é pequena, acanhada, e consta apenas de tres altares.

A série dos abbades desde 1794 a 1878, anno corrente, é (como consta dos respectivos livros de assentos) a que se segue:

1.º— João Joaquim Rodrigues de Paiva;

- 2.º — Luís Antonio Pacheco Barreiro ;
 3.º — Celestino de Moraes e Meirelles ;
 4.º — João Bâtista Montes ;
 5.º — João Rodrigues da Cunha ;
 6.º — Luís Bâtista Montes ;
 7.º — Joaquim Coelho da Rocha ;
 8.º — Francisco Xavier Coelho de Abreu ;
 9.º — José Joaquim Leite Bragança ;
 10.º — Bernardino José Pinto de Barros ;
 11.º — Adriano Leite Cardoso Pereira de Mello.

A frêguesia, embora se chame de modo geral Villa-Cova, consta de dezaseis logarejos ; não ha, propriamente fallando, nenhum logar com aquelle nome. Factos analogos acontecem noutras regiões do Norte.

Eis as denominações dos dezaseis logarejos :

Igreja, Cruz, Cimo-de-Villa, Villameã, Outeiro, Carvalheira, Seixo, Corujeira, Ribeiro, Granjão, Granja, Olho de Mouro, For-

mentãos, Quinta, Cavadinha, e Herdeiro.

Não nos deteremos a fallar particularmente de cada um d'elles: insistiremos apenas na etymologia dos nomes de alguns.

Corujeira. — Esta palavra é antiga em nossa lingua e significa sitio proprio para criar corujas.

Granja, Granjão. — Granjas, como diz Viterbo, s. v., não foram mais que insignificantes *courellas, quintilhas*, quaesquer propriedades pequenas da idade-média, cada uma com sua casa ou celleiro. Ha em Portugal várias povoações com a designação de Granja e Granjão, como: Granjado-Têdo, Granja-Nova (povoações da Beira-Alta), Granjão (antiga quinta pertencente aos frades bernardos de S. João de Tarouca, concelho de Mondim da Beira).

Formentãos. — Esta palavra é evidentemente alteração de *foramontãos*. Sobre o que *foramontãos* significava, ouçâmos Viterbo: «—Deu-se este nome aos

emphyteutas, colonos ou caseiros, que pagavam ao direito senhorio, como parte da pensão, o *foro da montaria* ou *foro do monte*». E mais abaixo diz: «—com o rodar dos annos chegaram a ser povoações alguns d'aquelles casaes, que pagavam *foro do monte*, e os nomes de *Foramondãos*, *Foramentãos*, e *Fermontões*, que hoje conservam, dão testemunho do foro que antigamente pagavam.»—O foro do monte consistia algumas vezes só na obrigação «..de correrem os montes com armas e cães na companhia do mesmo senhorio ou seu mordomo».— (*Elucidario*, sub verbo *Foramontãos*).

Olho de Mouro.—Disse-me um velho que este nome provém de no sitio existir um buraco profundo que data do tempo dos Mouros.

Se a explicação não é muito exacta, nem por isso deixa de haver aqui uma lenda curiosa.

D'estes quatro logarejos fica pois esquadrinhada a etymologia; os nomes dos outros são por si evidentes.

Passemos agora ao nome geral da povoação.

Não deve estranhar que se chame *villa* uma frèguesia tão pouco importante como esta. E' que *villa* não teve sempre sómente a significação actual.

Comecemos pela origem latina.

Villa (em ling. rustica, *vella*) deminutivo mui verosimilmente de *vicus*, significava, segundo o *Dicc. Lat.* de Freund (trad. fr.):= *maison de campagne, maison des champs, ferme, métairie, campagne, propriété*, etc. Em italiano tem ainda, além de outras, significação semelhante.

Attendâmos agora ao que o nosso erudito e indefesso Viterbo no seu — *Elucidario das palavras, termos e phrases que em Portugal antigamente se usaram* — nos diz sobre a accepção de *villa*: «— Em todos os nossos documentos. . até os fins do seculo XII se tomou *villa*, não por uma povoação grande. . e que tivesse juiz, senado e pelourinho com os mais distinctivos de jurisdição civil e criminal, mas sim

por uma *pequena herdade, casal ou granja, constante de algumas peças de terra, com sua casa rustica e de abegoaria para recolher os frutos e criar os gados e outros animaes domesticos*» (*Elucidario*, sub verbo *villa*, ed. de Innocencio, tom. 2.º).

Gaspar Estaço, fallando de umas escrituras antigas, diz: «A palavra *villa* não significa a povoação que hoje chamamos *villa*, mas sim *quinta*, ou cousa semelhante» (*Varias antig. de Portug.*, cap. 2, n.º 22, — apud Viterbo).

Alexandre Herculano diz tambem na *Historia de Portugal*: «Em volta d'elle (de um castello no seculo XII ou XIII).. está asentado um grupo de povoações humildes.. que constituem uma *villa*, denominação *generica* tanto de qualquer aldeia ou aldeola, como das mais importantes municipalidades, e que corresponde na significação vaga ao moderno vocabulo — povoação». ¹

¹ Note-se que Herculano falla do se-

Eis certamente a razão de esta e tantas outras povoações poucoquissimas notáveis de Portugal se chamarem *villas*. No meu concelho (*Mondim da Beira*) ha por ex: duas *Villas-chaus*, uma *Villa-pouca*, um *Villarinho*, e todas estas povoações estão quasi no caso d'aquella de que trato agora.

Posto isto, vejâmos se fixaremos aproximadamente a epocha do principio de *Villa-Cova*.

Se *villa* teve aquella primitiva accepção apenas até o seculo XII, começando já no reinado de D. Affonso 3.^o a chamar-se *villa* (*Viterbo*, *ibid.*) a um lugar grande ou cabeça de concelho, podemos talvez affirmar que *Villa-Cova-de-Carros*, pelo menos como «*villa*», existe anteriormente ao fim do sec. XII.

culo 12.^o ou 13.^o e que desde os fins do seculo 12.^o (conforme o mesmo *Viterbo*, *ibid.*) até aos do seculo 15.^o se acha algumas vezes *villa* como synonymo de *cidade*, v. g. *villa de Lamego*.



As tradições d'este povo ascendem tambem, como acima notei, a essa epocha, — o tempo dos Mouros.

Eis mais alguns factos devidos em parte á narração ingenua do mencionado velho.

Uma das provas de que os Mouros estanciaram por aqui, está não só em o nome *Olho de Mouro*, mas no de *Mouriz*¹, e em que na serra de Vandoma (o povo diz geralmente *Gondoma*) ha um *penedo encantado*.

¹ Mouriz (S. Romão), — pequena, mas risonha povoação situada a uns 2 kilometros ou $\frac{1}{2}$ legua de Villa-Cova, e atravessada por uma estrada real. Foi solar de Estevão Dias, progenitor dos Avellares. O digno Reitor d'esta fréguesia, ill.^{mo} sr. Francisco José Pedro Soares, excellente pessoa, é um venerando ancião de 100 annos, rijo e forte, que ainda a cantar nas festividades religiosas excede quasi sempre os ecclesiasticos com a sonoridade e imponencia de sua voz. — Apesar do que acima se lê, *Mouriz*, que vem de Mauricii, só indirectamente se relaciona com os Mouros.

No tempo do dominio dos Arabes feriram-se, como se sabe. encarniçadas pelepas entre elles e os Christãos: uma vez os Christãos d'estes sitios (fundo-me outra vez em a narração do velho, o qual é uma verdadeira chronica viva), vendo-se pequenos para resistirem á multidão dos crentes, imaginaram um estratagemma, que consistiu em prender aos galhos de grande numero de cabras e carneiros lampeões, ou cousa que o valesse, com luzes, de modo que visto isto de longe, e á noute, parecesse um verdadeiro exercito ¹. O successo foi optimo. Os Mouros fugiram espantados.

¹ No nosso povo guardam-se outras tradições de factos identicos. Ellas já datam da antiguidade classica. — As tradições populares, e principalmente as portuguezas que se referem aos Mouros, não são sempre seguras; por isso que estes foram os ultimos dominadores, e que mais vivas impressões deixaram, o povo attribue-lhes em geral todas as construcções antigas, todos os

O fóro de montaria em que acima fallei data dos primordios da monarchia. Nas inquirições de D. Affonso 3.^o (diz Viterbo, vol. I) achou-se que o lugar de *Nouman* fóra dado por D. Affonso Henriquez em 1134 «*a Pelagio Vozoiz, per suam cartam ad FORUM DE MONTARIA*». — Nas inquirições de D. Denis em 1290 achou-se que a herdade da *Prazia* era toda «*foraria Regis d'foro de FORAMONTAOS, etc.*

Vimos conseguintemente mais ou menos fundamentada pelos nomes *villa, Foramentão, Olho de Mouro e Vandoma*, a nossa opinião a respeito da antiguidade de *Villa-Cova*.

Com isto damos fim ao presente capitulo.

factos extraordinarios, &. Não se dê pois inteira fé historica ás indicações dadas. Digo isto para prevenção de alguem que me supponha crédulo.

II

Costumeiras

A minha estada em Villa-Cova foi apenas de cinco dias; por isso não pude estudar completamente os costumes e superstições d'aquelle povo, tanto mais que eu ia para descanso, e não para trabalho aturado: do pouco porém que estudei, vou dar aqui alguns pormenores, juntando-lhe annotações.

§ 1.º— O Entrudo

O dia de Entrudo (5 de Março de 1878) nasceu esplendido como um dia de Primavera. Eu saí do presbyterio logo de manhã, para dar uma volta pelo passal.

Já se escutava da manada a choça
Ao longo da campina: da outra banda
Alli punha a serrana a lâ na roca,
Aqui pastava a cabra a relva branda;
Um guardador além a flauta toca,
Quando a beber o gado á fonte manda:
Ouvia-se alternada em seus amores
A sincera cantiga dos pastores.

Esta oitava de João Xavier de Mattos (*Rimas*, tom. 1.^o, egl. 1.^a) traduz as impressões que pouco mais ou menos recebi.

Eis agora duas das cantigas que pude ouvir:

Não canto por bem cantar,
Nem por bem cantar o digo:
Só canto p'ra alliviar
Penas que trago comigo.

O cantar é pera os tristes. . .
Quem o pôde duvidar?
Quantas vezes cantarei
Com vontade de chorar!

A poesia popular, já por alguns auctores bem comprehendida e parcialmente estudada, é porém ainda em geral aborrecida pelos que não são *povo*.

A estes talvez desagrade a transcripção que fiz d'aquellas duas estrophes da alma popular. Não importa: tanto direito tem o povo a que as suas composições sejam citadas, como os litteratos.

O povo não deve passar desattendido: elle é a alma das lit-

teraturas e o foco das tradições; é quem fórma as lingoas, e quem perpetúa os costumes. Felizmente a revolução scientifica que modernamente se tem operado na Europa, e no mundo, já tocou tambem na área dos contos, tradições e poesias populares. Na Inglaterra, França, Allemanha, Hespanha, Italia, Portugal, em toda a parte, emfim, onde ha o gôsto e o amor da sciencia, está mais ou menos explorada esta fecunda mina.

Entre nós a *Hist. da poes. pop. port.*, o *Cancioneiro e Romanceiro geral Português*, os *Contos do Archipelago Açoriano*, e a *Floresta de romances* de Th. Braga, o *Romanceiro do Algarve* de E. da Veiga, e as *Musicas e Canções populares* de Neves e Mello, são as obras mais importantes que sobre o assumpto viram ultimamente a luz publica em Portugal, isto sem fallar das antigas collecções de adagios, e do *Romanceiro* e mais estudos de Almeida Garrett. E' bom que o nosso país vá surgindo para a vida, e acompanhando

o salutar movimento scientifico dos paises estrangeiros.

Honra aos iniciadores!

O Entrudo é dia de regozijo enorme para o povo: os Villacovenses não deixaram de o festejar tambem. A parte da festa em que vou fallar é um *desafio* e um *descante*.

Antes de passar adiante prevenirei os leitores de que em Villa-Cova, como em muitas outras partes, ha as *cantadeiras* e os *cantadores*, que, mediante certo salario, vão cantar em *desafios* ás differentes terras para onde são *rogados*. Descante, em que não entre o cantador e a cantora, não presta.

O povo deleita-se a ouvir já a cantiga arroubadora e ideal que o cantador dirige á cantora, ou vice-versa, já a satira violenta com que os dous contendores de vez em quando mutuamente se obsequiam.

Agora, que estou fallando de *desafios*, não me posso furtar ao desejo de traduzir aqui a descri-

ção que o viajante Aug. Glardon fez d'este costume popular portuguez:

«—Foi nos campos que a poesia se refugiou. No Minho encontram-se improvisadores rusticos que constituem o ornamento da sua aldeia e a alegria das festas populares. Ha mais ainda: a arte de versificar é geral, e muitas vezes os aldeões juntam-se aos domingos de tarde para verdadeiras justas poeticas chamadas *desafios*. Um moço trabalhador escolhe antagonista e *desafia-o*, propondo-lhe qualquer questão em verso. A resposta, tambem em verso, deve rimar com a pergunta. Prolonga-se a lucta até que o respondente falte com uma rima, ou faça um verso coxo. Trocam-se então os papeis: a este pertence propor, e ao outro responder—»¹.

Os improvisadores não são

¹ Aug. Glardon, *Explorations récentes au Portugal*,—*Bibliothèque universelle et revue suisse*, n.º 228, Dezembro de 1876.

muito raros. «E' principalmente entre o povo, diz o sr. Theophilo Braga, que apparecem naturezas privilegiadas em que a *ideia* e a *expressão* se harmonizam de tal fórma, se coadjuvam, se completam, que suspendem de pasmo quem os escuta.. O repentista tem a ignorancia credora, a não consciencia dos sentimentos que o transportam—»¹.

Repentistas ha-os algumas vezes notaveis².

¹ *Hist. da Poes. pop. port.*, pag. 95-96.

² Segundo o que se lê numa correspondencia de Pernambuco para o «Primeiro de Janeiro» do Porto, existe (ou existiu) na provincia de Minas um patricio nosso, trabalhador de enxada, chamado Manoel de Almeida Margarida, que é notavel improvisador. Sendo certo dia levado, como curiosidade, a uma das sessões da sociedade — *Ensaios litterarios* — (no R. de Janeiro) deram-lhe ali o seguinte mote, que elle glosou logo:

MOTE

*Os ensaios litterarios
Folgão de o ver em seu seio*

O *desafio e descante* a que assisti em Villa-Cova foi muito simples. Reuniram-se á porta de uma *venda* a maior parte das pessoas da frèguesia: depois vieram os *tocadores*, e em seguida começou o desafio entre dous cantadores, ao som da rebeca, da viola, e dos *ferrinhos*.

GLOSA

Após soffrimentos varios,
 Pobre e em continua lida,
 Viu o poeta Margarida
Os Ensaios litterarios;
 Cada um faz commentarios
 Do que lê, segundo eu creio.
 De illustres homens no meio
 Está um poeta sem estudos;
 Mas outros homens sisudos
Folgão de o ver em seu seio.

E' ainda d'elle o que se segue:

MOTE

Não sou na satira forte

GLOSA

E' verdade, tenho feito
 Poesia satirizando,
 Qual mosquito ferroando,
 Mas com muito subtil geito.

Sinto não poder ter escrito
as mordazes cantigas dos dous
poetas; mas em compensação

As leis do país respeito,
Na injustiça dou córte;
Clamarei até á morte
Contra a vil hypocrisia.
Se faço séria poesia,
Não sou na satira forte.

(*O Primeiro de Janeiro* n.º 106, de
1877).

José de Almeida Candido (da Beira-Alta), que era cego, e costumava andar tocando rebecca pelas terras onde havia festividades, tinha tambem os seus momentos de repentista. Estando elle uma vez por occasião de certa festa, em companhia de quatro padres e outras pessoas, á espera do prégador, que já tardava, perguntaram-lhe :

Que ha-de ser ó meu Almeida,
Se nos falta o prégador?

Respondeu Almeida immediatamente,
e com a presteza de um Bocage a um
epigramma de Bersane Leite :

Já cá temos quatro padres,
Qual d'elles mais impostor...

apresento adiante algumas das cantigas de um antigo *desafio* que uma mulher anteriormente me dictou.

No fim do *jogo floral* começou a dança da chula, que se prolongou por algumas horas.

Eram estes os divertimentos com que os habitantes de Villacova-de-Carros davam o *Entrudo* por terminado, pois que já no dia seguinte se havia de ouvir na igreja o sacerdote a pronunciar o terrível *pulvis es.* — Pobre *Entrudo!*

Quasi todas ou todas as nações têm os seus repentistas com que se orgulham: a Italia, entre muitissimos, Zucco, Metastasio; a Hispanha, — Lope de Vega, Quevedo (D. Francisco); Portugal e Brasil, — Bocage, Bingre, Bersane Leite, Caldas, &c.

Nos *outeiros poeticos*, que em tempos passados se celebravam nas portarias dos nossos conventos, por occasião dos abbadessados, tambem surgiam muitas vezes improvisadores mais ou menos notaveis.

Ouçâmos as cantigas:

Ella:— Tu de lá e eu de cá. . .
Dois ouriços numa cêsta:
Nunca venceste demanda,
Nem agora vences esta.

Elle:— Tu de lá e eu de cá. . .
Pelo meio vae o rio:
Muito ha-de ter que ver
Este nosso desafio. . .

Ella:— Se eu soubera tu que vinhas,
Antoninho carpinteiro,
Tinha-te a casa varrida
C'um raminho de pinheiro.

Os cantadores vão passando de assumpto em assumpto ao capricho da phantasia; como já disse, torna-se notavel nestes desafios a satira individual e ás vezes fina que os cantadores dirigem uns aos outros.

Não é só nos desafios que encontramos a satira e o epigramma: na poesia popular em geral ha muitos exemplos.

Vejâmos alguns espécimes:

Uma velha muito velha,
 Velha como a çaragoça,
 Fallaram-lhe em casamento,
 De velha tornou a moça. . .

(*Cant. de Villa-Cova*).

Uma velha muito velha,
 Tão velha como o chapeo,
 Fallaram-lhe em casamento,
 Levantou as mãos p'ra o ceo.

(*Cant. de Espinho*).

Ha duas cousas no mundo
 Que eu as não posso compr'hender:
 Um padre não se salvar,
 E um cirurgião morrer.

(*Idem*).

Estes mocinhos de agora
 São franguinhos de vintem:
 Promettem dez réis ás almas,
 A ver se *lhe* a barba vem. . . ¹

(*Idem*).

¹ Quando escrevemos *cantigas de tal* ou *qual terra*; não queremos dizer que estas cantigas pertençam *exclusivamente* a essas terras, mas que foi d'ahi que ellas nos provieram.

E' assim, por meio de epigrammas, que o povo desafoga os pesadelos que o opprimem. A cantiga epigrammatica serve de desafogo, do mesmo modo que a cantiga sentimental serve de esperanza,—ambas de allivio á alma attribulada. O povo ri como chora: a poesia é o seu encanto.

§ 2.º — Feitiçaria

Este povo é nimiamente supersticioso com feitiçaria. Nisso porém não faz mais do que entrar na regra geral. A feitiçaria pertence a todas as idades e a quasi todos os paises. « — Longe de haver sido um producto da Idade-Media, foi um renascimento dos tempos recuados da historia primitiva. A feitiçaria é parte integrante da vida selvagem. Na America do Sul e na Australia existem tribus grosseiras, com tal fé na feitiçaria, que

até chegam a dizer que, se os homens não morressem por effeito de violencias ou feitiçarias, nunca morriam — » ¹.

Os Bongos, povos africanos, acreditam tambem em feitiçaria, accusando muitas vezes os velhos, e principalmente as mulheres, de manterem relações com os espiritos ². Os indigenas da Africa Occidental costumam trazer uma *argola de ferro* ou *co-bre* nos pés ou nos braços, ao que chamam «o seu feitiço» ³. No Oriente ha grande horror ao ferro, e na Europa servem-se d'elle para destruir a acção malevola dos poderes sobrenaturaes. Em Inglaterra (como entre nós os Portugueses, para livrar do

¹ Tylor, *A Civiliz. primitiv.* (trad. fr.), pag. 163-164. — Em vez de *renascimento*, diriamos melhor *continuação*.

² Vid. o livro *Au cœur d'Afrique*, de Schwernfurth, resumido por Laynay,—pag. 70 da «Bibliothèque Rose Illustrée».

³ *Almanach de Lembranças* de 1874, pag. 121.

ar) empregam-se para esse fim as *ferraduras*.

A bórdo dos navios, nos Açores, existe igualmente a superstição de trazer pregada no mastro da ré uma *ferradura* do pé esquerdo de uma mula, o que faz que os raios não cáiam nos navios ¹.

Na egloga 8.^a, «Pharmaceutria», de Vergílio lêmos, vv. 69-71:

Carmina vel caelo possunt deducere lunam;
Carmínibus Circe socios mutavit Ulixi;
Frigidus in pratis cantando rumpitur anguis ².

Horacio allude frequentemente

¹ *Superstições e festas populares das ilhas dos Açores*, por Th. Braga, — na «Harpá», pag. 61 (2.^a série, 1876).

² «Os feitiços pôdem até fazer descer do ceo a lua; com elles transformou Circe os companheiros de Ulisses; e é ainda pela virtude d'elles, que a fria cobra morre arrebetada nos prados» (vv. 69-71).

Mas do mesmo modo que se attri-

te nos seus versos a Canidia e a Ságana ¹.

Entre os Gregos a religião andou, como escreve A. Maury (*La magie, &c.*, 4.^a ed., pag. 49), sempre associada ao exercício de práticas supersticiosas, procedentes da magia das idades primitivas.

Na propria Biblia achamos menção de feiticeiros e adivinhos ². Os Chaldeos eram insi-gnes na adivinhação ³.

buia aos feiticeiros a virtude de fazer que a lua descesse dos ceos, julgava-se tambem que com barulho se podia evitar que os feitiços tivessem accão nella. Assim Tacito, fallando de um eclipse da lua, escreve dos que o presenciavam: *Igitur aeris sono, tubarum cornuumque concentu strepere* (Vid. *Annal.*, lib. I., cap. 28).—Ha identicas superstições entre outros povos.

¹ Vid. a Satir. 8.^a do liv. I; o epod. 5.^o e 8.^o, etc.

² Vid. Levit., cap. XX., v. 27; Deuteronom., cap. XVIII, v. 10 e 11; Reis, liv. I, cap. XXVIII, v. 7.

³ Vid. por ex. o livro (apoerypho) de Daniel, cap. 5.^o, v. 7, &c. — Horacio

Com relação agora a Portugal. Na freguesia de Pera, no Algarve, costuma a gente do povo dar ás crianças não batizadas os nomes de Ignacio ou Ignacia, para que as bruxas não tenham poder sobre ellas ¹.

No Minho, a terra classica das nossas superstições e antigos costumes, pensa-se que quem numa terça-feira á noite passar por encruzilhadas, encontra bruxedo; obriga-o porém a desapparecer, fazendo uma cruz, cruzando as pernas, e dizendo:

Tu és ferro,
E eu sou aço;
Tu és o Diabo,
Eu te embaço ².

(od. X, liv. I) allude tambem aos *Babylonios numeros*.

¹ *Almanach de Lembranças de 1871*, pag. 308-309.

² *Ibidem*, 1870, pag. 140.

E' interminavel a enumeração de taes superstições.

Os papas, os bispos, os inquisidores, os reis encarregaram-se de as combater, a estas, como a outras. Accusadas do crime de *feitizaria e pacto com o demonio* muitas pessoas foram condemnadas pelo Santo Officio. Para dar aos leitores uma leve ideia das praticas da *feitizaria*, transcrevo para aqui um trecho da *Sentença da Inquisição de Lisboa* contra Francisco Barbosa, relaxado por *feiticeiro*, e que saíu no auto de 24 de Julho de 1735: «Para o mesmo effeito (a cura de feitiços em uma mulher) mandou o R. vir um novêlo de *linhas brancas*, e com ellas tomou varias medidas á pessoa enferma . . e isto repetiu tres vezes ou quatro, e das ditas medidas levou uma, outra cortou em bocados, os quaes lançou em uma bacia de agua, e, sem diligencia alguma d'elle R., andavam á roda da bacia, e se ajuntavam no fundo da mesma em fórma de *cruz* ou *si-*

gno saimão, o que o R. dizia era bom signal» ¹.

A feitiçaria é pois em parte um resto das crenças prèchristãs da humanidade.

Depois de havermos apresentado estas breves noções sobre a antiguidade da feitiçaria, reataremos o fio da narração, e fallaremos de Villa-Cova.

As vezes que as feiticeiras, — essas agentes maliciosas do Espirito das Trevas, — veem ao mundo da luz affligir os pobres Villacovenses são innumeradas.

Dois casos de feitiçaria me contaram em Villa-Cova como certissimos.

Ei-los:

Uma mulherzinha velha estava uma vez mui descansada na sua cama; como porém a chamassem cá de fóra, levantou-se, saiu, e em tão boa occasião que, por mais que a familia esperasse, não regressou. Alvorçaram-se então

¹ Esta sentença vem impressa a pag. 130 do vol. X do *Instituto* (de Coimbra), anno de 1862.

as pessoas da casa e algumas do povo, em procura da vélhinha, mas esta não apparecia; gastaram a noite toda, e tudo em vão. As esperanças achavam-se meio perdidas, quando, já no dia immediato, deram com a velha mettida num silvado. Levaram-na para casa em braços: ia moída, ralada, e até sem falla. Morreu d'ahi a pouco.

As feiticeiras foram a causa d'este tragico acontecimento.

O segundo caso é identico, só com a differença de, em vez de o padecente ser mulher, ser homem, e de em vez de as feiticeiras o levarem para entre silvas, o arrastarem para um *suspiro*¹.

E' tamanha a crença nas feiticeiras, que os Villacovenses não

¹ *Suspiro*—é o nome que em Villacova tem certos buracos que se abrem nas minas e que servem para dar luz aos mineiros e para por elles se poder tirar a terra. Noutras povoações (B. Alta) estes buracos chamam-se *oculos*.

se atrevem no geral a sair sòzinhos a certas horas adiantadas da noite.

A' vista d'esses continuos assaltos das feiticeiras ás gentes do bispado do Porto, não tinha razão de sobra o bispo D. João de Sousa para nas suas *Constituições* de 1 de Novembro de 1687 ¹ continuamente prohibir *o pacto com o demonio, o uso de feitiçarias, agouros, superstições, &?*

A'quelles que não souberem com que rigorismo o energico pastor da igreja portuense pretendia extirpar de uma vez os costumes perniciosos do seu povo offerecemos os seguintes periodos das *Constituições*:

«... mandamos que toda a pessoa que fizer alguma cousa de que se conclua proceder de arte magica, como é formar apparencias fantasticas, transmuta-

¹ Estas *Constituições* foram as seguintes ás que D. Fr. Marcos de Lisboa tinha ordenado no Synodo de 1585. Reimprimiram-se no sec. 18.

ções de corpos, vozes, as quaes se ouçam sem se ver quem falla, e outras cousas que excedem a efficacia das cousas naturaes, encorrerá em pena de excommunhão maior, *ipso facto*, a nós reservada, e sendo peão em que caiba pena vil, será posto á porta da Sé em penitencia publica com hũa corocha na cabeça, e vela na mão, em um domingo ou dia santo de guarda, no tempo da missa conventual, e será degradado para o logar que nos parecer; e caindo segunda vez, fará a mesma penitencia publica, e será degradado para um logar ultramarino, e se fôr convencido terceira vez, será degradado para galés pelo tempo que parecer, conforme as qualidades da culpa, e mais circumstancias que occorrerem»¹.

Se o culpado fosse pessoa nobre, — em que não coubesse pena vil, — teria apenas multa pecuniaria ou degredo; sendo clerigo, teria a mesma multa com suspensão

¹ Liv. 5.º, tit. 3.º, const. 1.º

de suas ordens, e privação de seus benefícios.

Com estas e semelhantes prescripções foi que grande parte dos costumes do nosso povo se tem obliterado.

Nas referidas *Constituições*, e mais são já do seculo xvii, allude-se ainda ao *comer sobre as sepulturas, ás carpideiras, ao uso de danças, folias e representações nas procissões, &c.* ¹.

A poesia popular, e as danças tambem são alvo para o energico D. João de Sousa despedir os seus tiros, no que este vai de accôrdo com o sentir geral da Igreja.

No liv. 2.º, tit. 1.º, const. 8.ª, prohibe-se que nas missas cantadas, em lugar do *Sanctus Agnus Dei &c.*, se cantem «chançonetas e villancicos, nem motetes, antiphonas e hymnos que não pertençam ao sacrificio que se celebra, nem em quanto se disser alguma missa, se consinta cantar

¹ Adiante nos referiremos a alguns d'estes costumes.

cantigas profanas, nem festas, danças, autos, colloquios, posto que sejam sagrados, nem clamores, de esmolas... »¹.

*

Temo-nos demorado de mais com a *feitiçaria*, e até saído um pouco fóra do assunto; mas foi-nos preciso fazer assim para que, ao mesmo tempo que mostrassemos como estas superstições se perpetuam, fossemos iniciando numa especie de estudos, que ainda entre nós está tão pouco explorada, os menos lidos de nossos leitores.

¹ Pag. 175-176.

§ 3.º — Mouras encantadas

Da animização e personificação primitivas da Natureza resultou grande numero de concepções que hoje parecem extravagantes, mas que realmente o não parecerão se ascendermos á sua origem.

Assim, na mythologia greco-romana as *Nymphas* representam as forças vivas da materia, e ha quasi tantas especies de *Nymphas*, quantos os objectos da Natureza: *Naiadas* (*Nymphas* das aguas correntes), *Nereidas* (das

aguas do mar), *Dryadas* (dos bosques), *Hamadryadas* (das arvores), *Napêas* (das florestas e dos prados), *Oreadas* (dos montes).

Na mythologia do Norte encontramos as *Ondinas*, que habitam os rios, os lagos, os mares e tem certa analogia com as Naiadas e com os Tritões; encontramos os Elfos, ou espiritos do ar,— e assim por diante.

Os Germanos adoravam as arvores e as fontes, como diz Rudolf de Fulda: «*Num et frondosis arboribus fontibusque venerationem exhibebant*» (cit. por Larousse).

Os rios e as aguas em geral mereceram sempre particular veneração. Os rios são, na phrase de Pascal, caminhos que andam, vias que facilitam a communicacão de homem para homem: por isso na Gallia havia lagos sagrados; por isso os antigos Lithuanios tinham um deus dos rios e das fontes; por isso os Egypcios veneram o Nilo ¹; por isso os

¹ Num hymno conservado num pa-

Romanos tinham o *Pater Tiberinus*¹ e o *Juppiter Clitumnus*.

«O culto das fontes, dos rios, e em geral das aguas pertence, como se diz no *Dict.* de Larousse, inteiramente aos povos Indo-Europeus.. contudo não lhes é particular. Encontramo-lo em grande numero de tribus selvagens de todas as raças, nas populações dravidicas, como nos antigos Peruvianos, nos Pretos da Guiné e nos Finnicos...»

Das concepções da Natureza, assim presidida por espiritos, é

pyro lê-se: «Salvé, ó Nilo, oh tu, que te expandes sobre a terra, e que vens em paz, para dar a vida ao Egypto. Deus occulto...» (cit. pelo sr. dr. Th. Braga na *Historia Universal*, Egypto, pag. 85).

¹ «Tuque, o Thybri tuo genitor cum flumine sancto».

(Verg., *Eneida*, VIII, v. 72).

Tum Cocles: «*Tiberine pater — inquit, — te sancte precor, haec arma et hunc militem propitio flumine accipias*». (T. Liv., *Ab. Urb. condita*, II, 11).

que nós pretendemos derivar a crença das *Mouras encantadas* do povo português.

As *Mouras encantadas* representam os espiritos das fontes, das montanhas, dos penedos.

Em Portugal ha muitas fontes com o nome de *Fonte da Moura* ¹; ha *penedos encantados* ²; ha montes com thesouros ³; taes designações provéem quasi sempre de que se pensa que existem Mouras encantadas nas fontes, nos penedos, e nas montanhas.

Esta crença não é uma crença insulada, nascida na occasião do dominio muçulmano ou pou-

¹ Por ex. na freguesia da Ucanha, concelho de Mondim da Beira.

² Por ex. o *Penedo encavallado*, que existe ao pé da montanha do *Crasto*, junto á villa de Mondim da Beira.

³ Por ex. o *Coruto de Alfatema*, (a 12 kil. de Manteigas), cuja lenda vem contada no vol. V do *Portugal Antigo e Moderno*, dictionario do sr. Pinho Leal, s. v. *Manteigas*.

co depois: é um ramo d'esse vasto grupo de concepções primitivas da Natureza, grupo em que entram os variadissimos e fecundos mythos cosmicos; vae de algum modo relacionar-se com o systema do animismo, embora numa phase mais adiantada.

As Mouras encantadas dos nossos outeiros e penedos parecem-se com o *espírito da montanha*, de que fallam os cantos attribuidos a Ossian ¹, e com as Oreadas; as das fontes parecem-se com as Naiadas e com os espiritos-guardas das cascatas da America do Norte ².

Não havia objecto na Natureza que não estivesse animizado; phenomeno algum se passava no tempo e no espaço que não fosse attribuido a uma causa sobrenatural.

O sol, a lua, as estrellas go-

¹ *Descripção de uma noite*, etc., 2.º bardo, etc.

² Sobre estes espiritos, vid. Tylor, — *Civilização primitiva*, t. II, pag. 337 e seg. da trad. fr.

zavam de grande papel nas mythologias antigas, e gozam-no ainda entre os selvagens e outros povos¹; as montanhas, as nuvens, os ventos, as tempestades, os raios, o arco-iris, tudo se subordinava ou subordina ás crenças sobrenaturaes.

E' nas poesias antigas que achamos principalmente menção d'essas crenças.

No *Rig-Veda*, por isso que na India se julga que as *nuvens* são vaccas pertencentes a *Vâyu* e aos deuses *Maruts*, lê-se:

«—Por ti, *Vâyu*, cede todos os seus thesouros a vacca abundante de leite.

«Attende, pois, os votos de um povo innocente; façam sobre nós cair seu doce e abençoado leite todas as vaccas que de ti dependem... O' nobres *Maruts*, do seio do oceano nos enviae a chu-

¹ Nas citadas *Constituições* do bispado do Porto manda-se que sob pena de grandes castigos se não reze á lua nem ás *estrellas*.

(Liv. 5.º, lit. 3.º, const. 3).

va. Sobre nós mandae vossas torrentes. Não são estereis as vossas vaccas» ¹.

Nos poemas de Ossian, onde, através da paraphrase de Macpherson, se antevê aquella natureza melancolica do Norte, aquelle país nevoento em que as sombras dos guerreiros volteiam em torno das montanhas ou voam para as nuvens, lêmos phrases como estas:

«—Grita o espirito da montanha» (Poem.—*Descripção de uma noute*, &, 2.º bardo).

«—*Sombras queridas*, respondi-me do alto de vossos rochedos, do alto de vossas montanhas» (*Os cant. de Selma*, poema).

O mesmo poema,—*Cant. de Selma*,—principia pela seguinte apostrophe:

«—Estrella, companheira da noute, cuja fronte resurge brilhante d'entre as nuvens do Occidente, e que magestosa diriges

¹ Cit. por Larousse, *Dict.*, s. v. «nua-ge».

teus passos pelo firmamento azul, que vês tu na planice?»¹.

A Noite em luta com o Sol deu igualmente origem a grandes mythos².

A Natureza é por conseguinte a fonte de grande parte das concepções da mythologia, e das superstições e usos populares.

Assim devia succeder. O homem primitivo achava-se solitario em meio das arvores e das flores. Porque não haviam de os ventos murmurantes ser a voz dos deuses que passavam? os raios do sol serem o afago de uma divindade bemfazeja? A Natureza, apenas o homem nascia, offerecia-lhe agasalho nas grutas, e apenas elle morria, abria-lhe o seio para o receber. Os frutos que pendiam das arvores e as flores que se ostentavam nas vei-

¹ *Ossian*, trad. de Le Tourneur, Paris 1777.

² Da personificação da Noite será ainda um resto a phrase popular portuguesa — *A' BOCCA da noite?* Ou é uma simples metaphora?

gas eram a prova evidente do amor da grande-mãe ¹.

Mas as antigas personificações da Natureza degeneraram na litteratura em imagens, prosopopeias, e outras figuras rhetoricas.

E' já neste sentido que, por ex. Camões, obedecendo ainda á tradição poetica, exclama:

Os altos promontorios o chorarão ² &.

A evolução do pensamento humano vae destruindo pouco a pouco, ou modificando, esse mundo primitivo de personificações.

¹ Todos sabem o papel que a imitação da Natureza representa nas artes. Já a arte prehistorica se servia da imitação, posto se lhe não sujeitasse completamente. — A propria lingoagem vae buscar uma das suas origens á imitação. A lingoagem fallada é em parte imitação dos sons dos objectos que representa (onomatopeia), como a lingoagem escrita é em parte representação da fórma d'esses objectos (hieroglyphicos).

² *Lusiad.*, III, est. 84.

*

Fallemos de Villa-Cova. O que deixamos escrito, em maior extensão talvez do que seria mister, compensará o pouco que sobre *Mouras encantadas* temos de referir d'aquelle povo.

Os Villacovenses crêem que um penedo que se acha na proxima serra de Vandoma está encantado. Varios pedreiros ahi tem ido a vêr se o partem, mas debalde.

Quando nesse sitio ou perto alguem falla em voz alta, o ecco repete a voz, como é natural: todavia o ingenuo povo cuida ouvir a voz das filhas do Deserto nesse vulgarissimo phenomeno da acustica.

Esta concepção do ecco não é exclusiva d'aqui. Toda a gente sabe que na mythologia classica havia a Nympha d'esse nome, a qual foi condemnada por Juno a repetir apenas a ultima palavra da phrase que lhe dirigiam.

A ideia que os Villacovenses formam do ecco liga-se tambem

com os mythos cosmicos e superstições de que acabamos de fallar ¹.

¹ Muito mais tinhamos que dizer sobre *Mouras encantadas*. Da sua comparação com superstições de outros povos, com as *Fadas*, por ex., ressaltaria melhor o character que acima lhes attribuimos ; mas tudo isso demanda longo espaço, e este artigo não é um estudo completo de costumes populares, mas um escrito onde incidentalmente fallamos d'elles em geral.

§ 4.º—Lobishomens

Como temos visto nos artigos precedentes, as tradições populares recebem com o correr dos tempos modificações exteriores, mas na essencia só a muito custo se extinguem de todo.

A ideia que se fórma dos lobishomens é antiquissima, e existe em grande numero do povos.

Ha intimas relações entre a crença nos lobishomens e a metempsychose.

A metempsychose (ou transmi-

gração das almas) tem, segundo Herodoto, a sua origem no Egypto; os Indios, os Gregos, &, tambem acceitaram esta doutrina.

Os Egypcios, conforme o testemunho de Creuzer, acreditavam que a alma, no momento em que o homem se reduz a pó, passa para o corpo de um animal, e que depois de assim ter andado de animal em animal, reentra num corpo humano. O cyclo total das migrações ha-de realizar-se em *tres mil annos* ¹.

O *lobishomem* portuguez tem tambem um prazo fatal para correr seu fado. Eis, segundo me contaram em Villa-Cova, como é que os individuos se metamorphoseiam em *lobishomens*:

A pessoa que tiver sete filhos a seguir ha-de vêr lobishomem um d'elles. Deus é quem, nos altos mysterios de sua sabedoria, ordena isto. Esse filho, no

¹ Vid. F. Creuzer, *Religions de l'antiquité*, trad. fr., tom. I, part. I, paginas 464-5.

tempo que lhe está determinado, despe-se e vae collocar a roupa no cimo de um pinheiro, aonde mais ninguem possa chegar; depois desce nú para baixo, e espoja-se no chão, metamorphoseando-se acto continuo em o animal que no mesmo sitio se havia ultimamente espojado. Começa em seguida a *correr fado*: tem para isso certas e determinadas noites. Acabado o tempo, vae buscar a roupa ao pinheiro, e apenas pega nella, volta ao estado humano. Se, porém, alguém lhe fizer sangue durante o tempo do fado, quebra-se este. O lobishomem corre como o vento. E' indicio da aproximação de um lobishomem o latido desconfiado dos cães.

*

Esta é a tradição de Villa-Cova, e, com pouca differença, a tradição geral portuguesa. Comparemo-la agora com uma tradição estrangeira.

Peucer, por ex., assegura ¹ que na Livonia (prov. da Russia europeia) apparece todos os annos, pelos fins de Dezembro, um pelintra que convoca os feiticeiros para comparecerem em certos sitios; quando porém não obedecem, o Diabo obriga-os a ir, dando-lhes vergastadas com varas de ferro. Os feiticeiros atravessam então um rio, mudam-se em lobos ², e assaltam os homens e os rebanhos, degolando-os. Doze dias ³ depois, passam o rio para cá, e retomam a fórma humana. A condição de fazer sangue para que o lobishomem retome a fórma humana antes do prazo é essencial. Dão testemunho d'isso os contos das diferentes nações.

¹ Vid. *Dicc.* de Larousse, s. v. *loup-garou*.

² Os Franceses dizem *loup-garou* (phrase que corresponde a *werewolf*, em anglo-saxão), a cuja fórma alatinada *gerulphus*, corresponde *garol*; de modo que *loup-garou* significa, á letra, *lobo-homem-lobo*, o que é pleonasma.

³ Note-se a condição do tempo, já aqui, já na metempsychose.

Dissemos que as ideias correspondentes ás dos lobishomens eram antiquissimas e muito espalhadas. Vamos prová-lo em breves palavras.

A respeito da metempsychose já tocamos; accrescentaremos no entanto o seguinte: A crença na transformação dos homens em brutos ascende á lenda biblica de Nabuchodonosor¹ e á fabula pagã de Lycaon (mudado em lobo por Jupiter)². Vergilio na já cit. egloga 8.^{va} (*Pharmaceutria*) falla na metamorphose de *Moeris* em lobo³.

¹ «*Et a filiis hominum eiectus est (Nabuchodonosor), sed et cum onagris erat habitatio ejus: fenum quoque ut bos comedebat*» (PROPHETIA Danielis, capitulo V, v. 21).

² *Fil lupus, et veteris seruat vestigia formae* (Ovidio, METAMORPH., lib. I, v. 237).

Todos sabem que na mythologia classica é frequente a metamorphose de seres humanos em brutos. O proprio Jupiter se muda em touro, em cysne, &.

(³) *His (herbis) ergo saepe lupum fieri et se condere silvis Moerin.*—(Vergilio, Egloga 8.^a, vv. 97-98).

Os feiticeiros principalmente é que pretendem, por meio da sua arte, transformar-se e transformar os outros.

Na Guiné septentrional ¹, por exemplo, imagina-se que os feiticeiros podem mudar-se em tigres, e metamorphosear os seus amigos em elephantes.

Os Irlandeses pensavam que os feiticeiros podiam tomar todas as fórmãs animaes, sobretudo as da mosca e da lebre ².

Na Asia, na America, e na Africa, entre os selvagens, que são quem melhor conserva os costumes primitivos, e aos quaes até quasi podemos chamar homens primitivos de hoje, abundam os mythos de homens-tigres, homens-leões, homens-leopardos, homens-hyenas, conforme o testemunho de muitos viajantes.

Os Jakuns (povos grosseiros da Malaya) dizem descender de macacos brancos ³.

¹ A. Maury, *Magie*, pag. 20, not.

² Id., *ibid*, pag. 21, not.

³ Tylor, obra cit., t. 1, pag. 60.

As ideias que acabamos de expôr não se acham apenas difundidas pelas classes populares: não só Pythagoras, Platão etc., explicavam a doutrina da metempsychose, mas até o imperador Sigismundo ¹ submetteu a uma assembleia de theologos a questão dos lobishomens, e elles — os sabios ministros do Senhor — decidiram que a lycanthropia era um factó positivo, e que a opinião contrária se aproximava da heresia!

*

Atèqui fallámos da historia dos lobishomens: resta-nos referir um *caso* succedido em Villacova, ou ao pé.

Um homem d'alli teve sete filhos a seguir, e a um d'elles tocou conseguintemente *correr o fado*: o pae, porém, estava prevenido, e assim que viu que o filho já era lobishomem, fez-lhe sangue e quebrou o encanto.

¹ Larousse, s. v. *loup-garou* (obra cit.).

Para mostrar até onde chega a credulidade, acrescento que até me disseram o nome do desventurado pae!

§ 5.º — O S. João

Os festejos que se fazem na cidade não são tão bellos como os que se fazem na aldeia. Aqui ha ainda parte da simplicidade primitiva. Quando vemos os moços aldeões, cantando, a subir a montanha onde se ergue o facho luminoso, parece que evocamos melhor a lembrança das antigas festas naturalisticas, em que as do S. João se fundam.

Na cidade accendem-se balões venezianos, na aldeia queimam-se pinhas; alli percorrem

as ruas philarmonicas melodiosas, aqui é o pifaro do pastor que eleva aos ceus o cantico da terra.

O S. João é um dos santos, senão o santo, que o nosso povo mais ama. Por isso lhe attribue costumes mundanos :

D'onde vindes, S. João,
Que vindes tão molhadinho ?
— Venho d'entre aquellas hortas
De regar o cebolinho.

S. João, por ver as moças,
Fez uma fonte de bica ;
As moças não vão lá,
S. João se mortifica.

S. João, por ver as moças,
Fez uma fonte de prata ;
As moças não vão a ella,
S. João todo se mata ¹.

Por isso o localiza e o invoca :

O' meu S. João da Ponte,
O' meu santo pequenino,

¹ Cantigas do Porto.

Heis de ser o meu compadre,
Do meu primeiro menino.

O' meu S. João da Ponte,
O' meu santo marinheiro,
Levae-me na vossa barca
Para o Rio de Janeiro ¹.

D'onde vindes, S. João,
C'uma capa côr de rosa ?
— Venho de vêr as fogueiras
De Sant'Anna milagrosa.

D'onde vindes, S. João,
Com a capa de estrellinhas?
— Venho de ver as fogueiras
Do largo das Fontainhas ².

Por isso o distingue e o honra:

Abaixae-vos, carvalheiras,
Com as pontas pera o chão,
Deixae passar os romeiros
Que vão pera o S. João !

S. João adormeceu
Nas escadas do collegio

¹ Cantigas da Beira-Alta.

² Cantigas do Porto.

Deu a Justiça com elle,
S. João tem privilegio ¹.

A alma popular expande-se, e do seu intimo brotam cantos dulcissimos. A poesia é fiel traducção do sentimento, é espelho onde se reflectem as harmonias do espirito. O lyrismo apparece ainda exuberante nas canções populares. Interrogue-se o povo, explore-se essa fecunda mina, e ver-se-ha como do seu seio comecem de surgir os romances, as cantigas, as tradições, as lendas, os contos, os adagios, toda uma riqueza, da maior importancia nestes tempos de investigação e critica.

Mas, como não é nosso intento tratar agora de todas as festas e usos do S. João em Portugal, passamos a fallar só, e summariamente, de algumas superstições.

As raparigas costumam empregar muitos meios para averiguarem a lealdade de seus na-

¹ Cantigas da Beira-Alta.

morados, ou para saberem se hão-de ou não ficar solteiras. Assim, o *mal-me-quer*, o *cuco*, etc., estão sempre a ser consultados.

No país de Galles, na Escocia e nos condados do Norte da Inglaterra, as raparigas vão também na noite de *Todos os Santos* deitar nozes á fogueira acceza na chaminé do *hall*: conforme as nozes fumegam, ou se inflammam, a joven *miss* sabe se o *gentleman* a ama ou despreza.

Na Livonia, Escocia e Esthonia attribuem-se grandes virtudes ás hervas colhidas á mão e sem fouce na vespera de S. João; reservam-nas até para as dar ao gado em caso de doença ¹.

Entre nós as alcachofras do S. João gozam de grande preponderancia nas cousas de amor. E' costume também servirem-se de ovos, etc.

Outras virtudes traz o dia de S. João comsigo. De manhã apa-

¹ *Aperçu historique sur les mœurs et coutumes des nations*, por G. B. Depping, Paris 1826, pag. 157.

nham-se as orvalhadas, enramam-se os campos, para que o *bicho* não moleste as novidades, e jovens e velhos abluem-se com agua de fonte, porque nesse dia a agua livra do *mau olhado* e conserva a belleza ¹.

Em Villa-Cova ha um costume notavel de experimentar o amor de dois *conversados*. Consiste no seguinte: Em a noite de S. João unem-se, por meio de

¹ «Les feux de la Saint-Jean passaient pour mettre en fuite les démons, qui apparaissaient ce jour-là, et l'*hieracium* ou épervière, plante auparavant consacrée au soleil, et qui figurait dans les rites alors pratiqués, fut appelée pour ce motif *herbe de la Saint-Jean* ou *fuga daemnum*; c'était une des nombreuses plantes employées jadis par les druides dans leurs enchantements; d'où l'expression des *herbes de la Saint-Jean* (Martin Arelat., *De Superst.*, §§ 8, 9). Au Tyrol, on croit encore que celui qui trouve un trèfle à quatre feuilles pendant les feux de la Saint-Jean, peut opérer des enchantements (I, V. Zingerle, *Sur les Superstitions du Tyrol*). Cit. par A. Maury, — *La Magie et l'Astrologie*, 4.^e ed., pag. 164 (-165), not. 2.

uma linha, dous juncos muito iguaes, representando um d'elles o *conversado*, e o outro a *conversada*: o junco que na manhã proxima estiver mais crescido é o que designa maior amor.

A este poetico costume alludem os seguintes versos, que, com outros muitos, trouxemos de Villa-Cova:

Dizem que me queres bem,
Inda o hei-de experimentar:
Na noite de S. João
Junco verde hei-de cortar.

Terminamos o artigo sobre o S. João, por isso que, com respeito ao santo, nada mais temos que dizer de Villa-Cova.

§ 6.º — Obradorio

(Culto dos mortos)

Talvez fosse a contemplação do sol, que morre no Occaso, e renasce no Oriente, um dos meios pelos quaes o homem chegou a conceber a eternidade. O sol teve effectivamente enorme influencia na imaginação do homem primitivo: esta influencia vemo-la ainda hoje representada, para não ir mais longe, nas *fogueiras* do S. João, e no *cepo* do Natal: as *fogueiras* são um resto das festas do solstício do Estio;

o *cepo* é um resto das festas do solstício do Inverno.

O que é porém indubitável é que o respeito dos mortos ascende a alta antiguidade. Para que a minha afirmação não pareça vã, transcrevo as seguintes palavras de A. Maury, e apresento em seguida textos que comprovam como por esse mundo fóra apparecem, desde longinquas épocas, usos funerarios identicos a outros vigentes em Villa-Cova, pois que sobre estes é que principalmente escrevo o presente artigo.

As palavras de Maury são: « — *Au naturalisme tel qu'il apparait dans les premiers âges est presque constamment associé le CULTE DES MORTS, fondé sur la crainte qu'on a des âmes de ceux qui ne sont plus. Il se retrouve en tous lieux; il tient aux racines mêmes de la superstition; et, modifiées et épurées, ces croyances se sont transmises jusqu'à nous* » ¹.

O uso de que queremos fal-

¹ *La Magie, etc.* (4.^a ed.), pag. 18.

lar é o dos *banquetes* ou *refeições funebres*.

De se encontrarem com frequencia ossadas de animaes nos tumulos parece concluir-se que se faziam ordinariamente *festins funebres* em honra dos mortos, diz Lubbock (*O homem prehistorico*, pag. 157, 2.^a trad. fr.), referindo-se á *idade da pedra*. — E não foi só a simples presença de ossos que levou os sabios modernos a determinarem a existencia d'este uso primitivo; foi-o tambem a presença de conchas e de varios instrumentos, conforme se vae ver. — Buchner, fallando da gruta de Aurignac, que elle considera antigo lugar de sepultura da *idade da pedra*, escreve: «— E' ainda de maior importancia que a gruta, a explanada que a precede...; era evidentemente ahi que a familia e os companheiros dos defuntos celebravam o *banquete dos funeraes*. Dão-nos incontestaveis provas d'isto a cozinha, os carvões, os ossos de animaes, o modo como estes ossos estão partidos, os

vestigios da acção do fogo que nella se nota, etc. — » ¹.

Estabelecido, pois, que o uso dos banquetes funebres póde ascender aos tempos prehistoricos, passemos a ver como elle continuou nos povos selvagens, barbaros e civilizados. A fim de evitarmos cansaço nos leitores, citaremos apenas alguns factos mais curiosos.

«Um instincto proprio da raça humana, diz A. Maury, e que affirmam existir até entre os elephantes, leva o homem a depositar no solo os restos de seus semelhantes. Este instincto associa-se ao sentimento religioso que a morte desperta, e os *funeraes são quasi universalmente* acompanhados de ritos que manifestam ao mesmo tempo a dor pela morte do parente ou amigo, e as ideias que se formam a respeito da outra vida. Entre os barbaros estes sentimentos revelam-se geralmente de modo

¹ *L'homme selon la science* (trad. fr., 2.^a ed.), pag. 24.

estrondoso, mas duram pouco. Bodos *funebres acompanham os funeraes, e são celebrados em honra do defunto*; imagina-se que a propria alma d'elle toma invisivelmente parte no banquete ¹—».

Os Indios Ojibbeways tinham principalmente a festa chamada *Wan-bi-na*, em que os dançadores se exaltavam ao som estrepitante de uma especie de tambor ². Em seu delirio, os assistentes manejavam carvões acesos, e com *grandes dentadas trincavam pedaços de carne*. As festas de Jurupari, entre os Indios do Amazonas, tem *character analogo* ³.

Com relação á Africa, transcrevo o seguinte, de um artigo publicado pelo sr. Pereira Caldas

¹ A. Maury—*La terre et l'homme*, cap. 9.^o, pag. 600, 3.^a ed.

² John Tanner, t. I, pag. 281 (cit. na nota 1, pag. 19, da *Magie* de A. Maury).

³ Wallace, *Travels*, pag. 101 (cit. tambem por Maury, ib. ib.)

num periodico portuense: «...durante 8 dias se fazem (entre os Pretos da nossa Africa occidental) as cerimoniaes funebres, *comendo-se neste tempo um porco entre os convivas*, sem o que de nada valeriam as exequias ao morto» ¹.

Cesar Cantu, quando na sua *Historia Univ.* trata dos costumes chinezes, diz referindo-se ás exequias: «Prepara-se um *banquete sobre o tumulo*, e servem-se *iguarias* aos assistentes...», e em outro lugar: «Todos os annos se fazem sobre a campa paterna as cerimoniaes funebres, acompanhadas de offertas de *iguarias e bebidas*» ². Estes mesmos costumes são attestados pelo nosso J. I. de Andrade nas *Cartas da India e China no anno de 1815*, (2.^a ed., Lix.^a 1847), tomo 2.^o, carta 77.^a, da qual nada transcrevo, para não alongar mais o presente, já longo, artigo.

¹ *A Violeta*, n.^o 14, pag. 105.

² Liv. 4.^o (2.^a ed. port.), pag. 240.

A'cerca dos Bretões, Normandos e Ingleses, fallam os seguintes periodos de Tylor: «... A *ceia* que os aldeões da Bretanha celebram *pelas almas dos defuntos* é ainda uma supervivençia...»¹. «Os antigos Normandos bebiam, nos funeraes, á *minne* de Thor, de Odin, de Freya, e dos seus reis. Este costume subsistiu depois da conversão dos povos teutonicos e scandinavicos ao Christianismo.. A *minne* era ao mesmo tempo a saudade affectuosa, a lembrança do ausente, o pensamento nelle: conservou-se em Inglaterra nos *minnying* ou *mynde days*, dias em que, para honrar a memoria do fallecido, celebravam o officio divino e se reuniam em banquetes»².

Com respeito aos Cosacos — Kirghize, povos sujeitos á Russia, lemos isto numa publicação franceza: «Depois de dizerem os ultimos adeuses aos mortos, voltam todos os convidados a assis-

¹ *Civil. primitive*, t. I, pag. 19.

² *Ib.*, t. I, pag. 112-113.

tir a um abundante *bodo*, que é quasi sempre á custa dos parentes ou herdeiros do defuncto»¹.

Os Gregos tinham igualmente os seus banquetes funebres, que eram celebrados em casa do parente mais proximo do morto.

Entre os Romanos, estes banquetes, e em geral todas as ceremonias funebres, corriam com muita pompa. Na occasião em que se queimava o cadaver, celebravam-se os *ludi funebres*², realizando em seguida os convidados um *banquete*, depois de entrarem num banho; se o fallecido era pessoa illustre, dava-se ao povo o *silicernium*, ou *banquete funebre*, distribuindo-se-lhe tambem carne crua (*visceratio*)³. Em Fevereiro celebravam

¹ *Magasin pittoresque*, vol. 3.º, pagina 276-277.

² Cfr. por ex. a descripção dos funeraes de Ti. Sempronio Graccho em Tito Liv., liv. XXV, c. 17.

³ Vide, por ex., Nieupoort, — *Rituum qui olim apud Romanos obtinerunt succincta explicatio*, pag. 308.

os Romanos a festa dos *Feralia* ou *Parentalia*, na qual, além de outros ritos symbolicos, se faziam libações sobre os tumulos; e celebravam tambem os *Charistia*, que tinham intima relação com as antecedentes ¹.

De uma inscripção romana de Tavira, publicada por Estacio da Veiga ², quis este A. deduzir que houve banquetes funebres na Lusitania; mas a expressão *epulo dato*, que ahi se lê, refere-se a um banquete público, celebrado por occasião da inauguração do monumento a que a inscripção pertence: cfr. E. Hübner na *Revista Archeolog.*, I, 36-37.

Todavia o sr. A. C. T. de Aragão, ao fazer uma exposição ácerca de um cemiterio romano de ao pé de

¹ Consulte-se F. Creuzer,—*Religions de l'antiquité* (tom. 2.^o, part. 1.^a, de pag. 454 a 457).

² *Povos Balsenses*, Lisboa 1886, pagina 14.

Tavira, escreve: «Em muitas sepulturas encontrei conchas bivalves de varios mariscos. Esta circumstancia fez-nos lembrar os banquetes funebres (*silicernium*), que Varrão descreve, feitos pelos Romanos, etc.»¹.

Historiámos rapidamente o uso dos *banquetes funebres*, desde as epochas prehistoricas ás historicas; falta-nos referir o uso que ha identico em Villa-Cova.

Quando aqui morre alguem, a familia do fallecido costuma, no 1.º domingo seguinte ao dia do obito, mandar ao parocho a *obrada*², que consta em geral, se o fallecido é rico, de um al-

¹ *Relatorio sobre o cemiterio romano descoberto proximo de Tavira* (Lix.^a, 1868), pag. 19.

² *Obradas*. «O mesmo que *obladas*, ou *offertas*, que durante o anno se faziam pela alma de algum defunto . . . E estas são as obradas que ainda hoje se praticam, offerecendo nellas pão, vinho e cêra, ou alguma d'estas cousas».

Viterbo, *Elucidar.*, s. v. «obrada».

mude de vinho e de um *presunto de rabo*, e, se é pobre, de um bacalhau e um quarto de milho.

Estas dadivas são collocadas dentro de um açafate (que vai embrulhado num guardanapo e cingido de uma fita preta) sobre um dos altares da igreja, durante a missa. No fim da missa ha então o *obradorio*, nome dado ao acto em que parentes e amigos do morto mandam rezar ao abba-de, cada um, seu responso, pela alma do que descansa. Terminada a devoção, todos os que *obradam*, bebem e comem á porta da igreja *vinho e trigo*, que a familia do defunto manda vir para alli.

O uso dos banquetes funebres, que vimos ser tão espalhado, tomou a igreja Romana conta d'elle, primeiro, apresentando-o como uma instituição de caridade, depois prohibindo-o.

Tratando das *ágapes*, diz o frade Viterbo no *Elucidario*: «Nasceu na igreja a commiserção dos pobres...; nas igrejas havia uma mesa para se dar de comer

aos pobres, a qual se chamava *mesa do Senhor*.¹... Mas não só isto: na dedicação dos templos particularmente, nas solemnidades dos martyres e nas *exequias pelos defuntos*, se humilhavam os mais abonados a despender os seus bens e *comer alegremente com os pobres*. Os adros, alpendres e as mesmas igrejas se viram cheias d'estas iguarias simples e frugaes, de que todos participavam, e que com razão se chamaram *ágapes* . . . »².

Com o tempo houve nes-

¹ Os Romanos offertavam comida aos deuses, collocando-lhes uma mesa diante das estatuas. Esta cerimonia tinha o nome de *lectisternium*.

² *Elucidario*, s. v. «bodivo». — Na *Jornada do Arcebispo de Goa, D. Aleixo de Meneses, ás Serras do Malabar, para reduzir á Igreja Romana os christãos de S. Thomé* (ed. de Coimbra de 1606), cap. 15 (diz o mesmo Viterbo, vê-se que tambem ali houve as *ágapes*, e que elles chamavam *nercha* a um jantar dado no alpendre da igreja.

tes banquetes christãos muitos excessos, a ponto de os papas, os concilios, etc., se verem obrigados a prohibi-los. Nas *Constituições do bispado do Porto*, por exemplo (e citamo-las de preferencia, por isso que estamos fallando de uma terra d'aquelle bispado), acham-se as seguintes disposições: «—E cada um dos parochos, sob pena de se lhes dar em culpa, não consintam nos acompanhamentos, enterros, officios, exequias e trintarios, nem que se coma sobre as sepulturas, nem façam rezas com ajuntamento da frèguesia á porta da igreja, em que se der de comer» ¹.

*

Em conclusão: O uso funera-rio de Villa-Cova, apesar de no seu nome (*obrada*, de *oblata*) e circumstancias deixar entrever a

¹ Livro 4.º, tit. 11, constituição 9, pag. 471.

influencia da Igreja, é evidentemente a continuação de um uso que, principiando nas épocas pre-historicas da humanidade, se conservou inalteravel na sua essencia, em povos de differentes civilizações, até nossos dias ¹.

¹ O uso que descrevemos como existente em Villa-Cova existe tambem em frêguesias limitrophes. Noutras muitas terras de Portugal sabemos nós que é costume, na occasião dos enterros, dar esmolas de pão ou vinho aos pobres, á porta das casas do fallecido ou á porta dos cemiterios ou igrejas. Algumas d'estas terras são, por ex.: Ovar, Santa Marinha da Costa (ao pé de Guimarães), Mondim da Beira, etc., etc.

Este uso tem muito provavelmente a mesma origem que o de Villa-Cova.

§ 7.º— Corridas de touros

A origem das corridas de touros ascende a épocas muito remotas.

Tanto na Idade-Média, como depois, tiveram ellas grande voga em toda a península iberica. Celebravam-se principalmente por occasião de um casamento ou nascimento real, num festejo publico, etc. De uma publicação hespanhola (*Memoria sobre los absurdos, males, peligros y otros escesos de las corridas de toros*, por D. Manuel N. y Murillo, Cadiz, 1876) que temos á vista, consta

que se celebraram *corridas de touros*, por exemplo, ao casar-se D. Affonso 7.º com D. Berenguela, D. Affonso 8.º com D. Urraca, D. Jayme 2.º com D. Maria de Aragão. Os proprios reis eram ás vezes toureiros. Carlos 5.º, para festejar o nascimento de seu filho Philippe 2.º, matou de uma lançada um touro em Valladolid. Merecia, na verdade, ser festejado sanguinolentamente o nascimento de um rei que tanto sangue fez derramar!

Em Portugal tem havido igualmente algum enthusiasmo com as corridas de touros, sobre tudo no Sul. E' sabido que foi uma loucura em corridas de touros que levou D. José 1.º, por intervenção do seu grande ministro, a prohibir no seu reinado esta especie de divertimento.

Nas festas populares das aldeias do Norte apparecem tambem ás vezes as corridas de touros. Em Villa-Cova, bem como em algumas frèguesias limitrophes, são até vulgares.

Escolhe-se um sitio mais ou

menos plano, e desembaraçado, para o côrro; a estacada é feita em geral de carros de bois levantados a pino. O povo agglomera-se em volta, sobre as paredes dos campos vizinhos, nos peitoris, nas janellas, nas varandas, e ás portas das casas. Os mocinhos, porém, sobem ás vezes ás arvores, e de lá, com grandes gritos ou sorriadas, applaudem ou injuriam os *capinhas*.

A pouca distancia estaciona a philharmonica da terra, composta as mais das vezes, de rabeca, viola, *ferrinhos*, e então do classico bombo, instrumento indispensavel em quantas festanças se fazem em Portugal, pelo menos para o Norte.

Os toureadores são rapazes do povo, robustos, sim, do trabalho dos campos, mas quasi sempre, senão sempre, alheios á tauromachia. Vão armados de grandes aguilhadas, e entram na praça, apenas confiados na valentia physica. Acontece, porém, que um ou outro touro mais ladino os toma nas pontas, e atira

com elles por esses ares, até que os pobres dos toureiros caem por terra, sem sentidos,—entre os apupos da multidão e os guinchos da musica.

Muitas vezes tambem os touros derribam as estacadas dos carros, e levam diante de si mulheres, velhos e moços, que, em grita desconforme, selvatica, se abrigam precipitadamente dentro das primeiras casas que se lhes deparam.

E' bello ver então como uma mocetona de faces rosadas e rechonchudas deixa voar pelos ares um lenço branco; como a outra fica atrás uma chinella; como uma velha se estira no meio do chão; e como aos homens,—os unicos que deviam ter juizo—, saltam os chapéus da cabeça!

E' bello ver um povo inteiro, afflicto, gritando, a correr freneticamente na dianteira de um ou dois touros, que, no auge do desespêro e da gloria, magem e fazem aquelle destampatorio todo!

Mas, *panem et circenses!*

§ 8.º — Primicias

O uso das *primicias* é muito antigo e espalhado: offereciam-se aos deuses os frutos das arvores, as primicias da colheita, libações de leite, manteiga, o succo de qualquer planta, por ex., o *soma* entre os Hindus, o vinho entre os Gregos (Vid. Alfredo Maury, *La terre et l'homme*, cap. 9.º, pag. 599, 3.ª ed.). Os Romanos levavam aos Lares etc. as primicias da colheita. E' a esse costume que Horacio allude

quando põe na boca de Tiresias as seguintes palavras:

*Et quoscumque ferat cultus tibi fundus honores
Ante Larem gustet venerabilior Lare dives*¹.

Na Biblia achamos exemplo d'este uso nas offertas de Cain e Abel.

Nos povos catholicos o pagamento das primicias era uma obrigação tambem. As *Constituições do bispado do Porto* dizem assim: «... — mandamos, sob pena de excommunhão maior,.. que todo o fiel christão pague, primeiro que o dizimo, *primicia de trigo, centeio, milho, cevada, vinho e azeite* á igreja em cuja frèguesia viver e ouvir os divinos officios...» (Liv. I, tit. 4, const. 9).

Hoje a prescripção está em terra. Comtudo em Villa-Cova pagam-se ainda ao parochos umas

¹ *Satir.*, lib. II, sat. 5.^a, pag. 12-14 (ed. de Sommer).

contribuições de *vinho, azeite, pão, etc.*, ás quaes os Villacovenses chamam a *primicia* ¹.

Em algumas aldeias da Beira-Alta é costume collocar nos altares dos santos os primeiros casulos da seda, e, nas procissões, pendurar nos andores os primeiros cachos de uvas d'esse anno, cachos que muitas vezes são trazidos de bem longe. Em Mondim da Beira presenciei isto muitas vezes.

*

As *primicias* de Villa-Cova representam conseguintemente uma antiquissima prática religiosa.

¹ Ou *promissa*? Cfr. Viterbo, *Elucidario*, s. v. «promissa».

§ 9.º — Factos diversos

Os Villacovenses são extremamente religiosos; tem o maior cuidado das coisas da igreja. Nos altares nunca faltam flores, nem ás *Ave-Marias* padre-nossos.

Contaram-me que uns Brasileiros que uma vez assistiram lá, ou em frèguesia limitrophe, com menos reverencia á missa, foram esperados uma noite e tosados a valer.

O primeiro facto é censuravel, mas o segundo não deixa tambem de o ser.

Os Villacovenses, como é natural em povos atrasados, que vivem entregues só á cultura da terra, deixando de lado a do espirito, estão muito aferrados aos *mores majorum*: a qualquer inovação que se lhes propõe, objectam (formaes palavras): *na nossa terra não se usa assim.*

*

Alli namora-se mesmo diante das familias.

Nas romarias, porém, é que o amor recebe o seu verdadeiro culto.

E' por uma tarde de verão. O ceu, sem nuvens, todo illuminado, parece um espelho de fogo. Os caminhos asperos e tortuosos da aldeia vão cheios deromeiros. D'estes, uns, em mangas de camisa, descalços, com a jaqueta empoeirada ao hombro, e um papel com uma imagem (registo) mettida entre as fitas do chapéu desabado, tocam castanhetas

e cantarolam; outros, com o collete desabotoado, çapatos brancos e varapau, conversam ao lado das mocetonas. Como uns e outros gracejam! Como os gracejos são bons após as orações da romaria e os refrescos bacchicos bebidos durante o caminho!

Cada uma das Villacoven-ses vae ás vezes acompanhada, não de um só conversado, mas de uns poucos. Ellas fazem gala de levar um sequito grande, e até ás vezes peitam-se umas com outras sobre qual o levará maior!

O sol dardeja os seus raios sobre os campos meio seccos. Nos soutos estalam as folhas com o calor. Ouve-se a voz de uma cigarra em meio de uns carvalhiços. Os bois estiram-se silenciosamente ao longo dos lenteiros. A romaria segue cada vez mais animada.

A rabeça chora, de vez em quando, com as suas notas agudas como vagidos de crianças. Pelo ar, tepido e dormente, retumba o som das cantigas:

Da banda de além do rio
E' um regalo o morar:
Quem tem sêde, vae beber;
Quem tem calma, vae nadar.

O' meu amor da minha alma,
Quanto tenho tudo é teu;
Só a minha alma não,
Que hei-de dá-la a quem m'a deu.

Assubi ao limoeiro,
Cheguei ao meio, cahi . . .
Dizem que o limoeiro é morte,
Eu pera morrer nasci.

Botei o limão correndo,
A' tua porta parou:
Quando o limão te quer bem,
Que fará quem no botou! ¹.

As romarias tem grande importancia na vida do povo. As tabernas atulham-se de frêgueses; o regedor da parochia arranja o seu voto para as eleições mais proximas; os *cantadores* e as *cantadeiras* fazem ouvir as melhores canções dos seus repertorios; os moços e as moças

¹ Cantigas do conc. de Paredes.

contratam futuros casamentos. As romarias, na sua desordem actual, deixam ainda perceber, através das extravagancias dos romeiros e dos motetes dos rabequistas, esse perfume ideal da poesia religiosa que dulcificava outr'ora os corações fervorosos de nossos avós.

O' povo, diverte-te emquanto é tempo, emquanto, neste seculo de fria positividade, não soa a hora final dos teus folguedos, porque, depois, nunca mais te deixarão repousar á sombra da cruz, ou por entre os penedos duros das montanhas, á luz e ao calor do sol do Estio, tornarás a fazer essas alegres romarias, guiado pela opa encarnada do sacristão da tua igreja!

Nota final

O trabalho precedente, que foi o primeiro que publiquei sobre tradições populares, começou a sair a lume na revista portuense *O Academico*, 1878, n.º 3, 4, 5 e 6, onde se imprimiu a parte correspondente ás pag. 5-33 do opusculo. Acabando ao 6.º numero aquella revista litteraria, que estava apenas a cargo de estudantes de preparatorios, como eu então era, obtive do meu distincto amigo o Sr. Dr. Rodrigo Velloso, redactor da *Aurora do*

Cavado, de Barcellos, auctorização não só para reproduzir no seu jornal a parte já impressa do meu trabalho, mas também para publicar ainda a inédita: em virtude do que saiu todo *O Presbyterio de Villa-Cova* nos seguintes n.^{os} da *Aurora do Cavado*, em folhetins: 546 (2 de Julho de 1878), 547, 548, 550, 552, 554, 563, 569, 572, 575, 581, 583 e 588 (22 de Abril de 1879).

Julgo do meu dever agradecer aqui ao Snr. Dr. Rodrigo Velloso a boa vontade com que acolheu esses artigos de quem ainda mal balbuciava nas lettras, e igualmente aquella com que sempre se prontificou depois a publicar escritos meus,—de alguns dos quaes até me fez em folheto edições em separado.

E' pois pela segunda vez, completo, e parte d'elle pela terceira, que *O Presbyterio de Villa-Cova* vem á luz pública. Como já passaram por sobre elle doze annos, tive de, nesta edição definitiva, o mondar levemente, aqui e além, de alguma imperfeição

maior; todavia, para lhe não tirar o character primitivo, não o modifiquei na sua essencia, nem propriamente o augmentei,— podendo dizer-se que vae quasi *ipsis verbis*. Se não fosse para satisfazer aos desejos do meu bom amigo Silva Vieira, e por ser este, como disse, o meu primeiro trabalho ethnographico, tendo pois elle assim certa curiosidade para a historia do estudo das tradições populares portuguezas, eu não o reproduziria hoje (1891), tanto porque acho a exposição e bibliographia muito imperfeitas, como porque de todos os assuntos nelle tratados (1878-1879) me occupei posteriormente com mais desenvolvimento.

O ultimo folhetim do *Presbyterio*, na *Aurora do Cavado*, terminava com uma *Nota final*, assim redigida:

«O presente escrito não tem fôrma litteraria definida, é mixto de narração de *viagem* e de *costumes populares*,—bem o sabemos; mas fomos levados a fazê-lo assim pela fôrça das circumstancias.

Em primeiro lugar, tínhamos pouco que dizer exclusivamente de Villa-Cova-de-Carros, e não quisemos encher papel apenas com *estilo*; em segundo lugar, aproveitámos a occasião para nos ensaiarmos numa especie de trabalhos, em que, se as nossas fadigas de estudante e depois o nosso mester de vida o permittem, esperamos continuar.

Perdoe o meu amigo, o Snr. Dr. R. Velloso, o haver-lhe occupado as columnas da sua estimavel *Aurora* com estes assuntos, — e a benção do digno Abbade de Villa-Cova cáia sobre mim, para que eu mais algumas vezes possa visitar o *presbyterio*, onde tão affavelmente fui recebido.

Porto, 1878-1879.

Esbôço historico
DOS
ESTUDOS FEITOS ÀCÊRCA
DAS
Tradições populares portuguezas *

* Este trabalho é agora publicado
pela primeira vez.

*Em toda a nossa litteratura, desde a mais antiga, se podem colher elementos para o estudo das tradições populares portuguezas; todavia não venho aqui occupar-me das «fontes escritas» em geral*¹,

¹ Sobre estas vid.: J. Pedro Ribeiro, *Reflexões hist.*, I, 36; A. Herculano, in *Panorama*, IV, 138 e 162; Z. Consiglieri Pedroso, *Contrib. para uma mytholog. pop. port.*, n.º 1; F. Adolfo Coelho, *Ethnograph. portuguesa*, pag. 2; e as mi-

desejo sobretudo referir-me aos trabalhos que, quer com fim puramente litterario, ou moral, ou de curiosidade, quer com fim scientifico, foram feitos de proposito. Tambem não é uma bibliographia completa de todos esses trabalhos o que aqui apresento: é uma simples e breve resenha synthetica,—

nhas Trad. pop. de Port., p. XIII. D'estes trabalhos o de porporções mais vastas é o do Snr. Coelho; mas está incompleto, pois nelle não se fala dos medicos dos sec. XVI-XVIII, como entrava no plano do A. (vid. pag. 4). — De cada uma das *fontes escritas* em particular, i. é, do que ha separadamente sobre contos, romances, etc., existem tambem varias indicações, a que adiante me referirei.

reservando-me para noutra occasião tentar coordenar tal bibliographia, para cuja redacção já possuo os principaes elementos.

Deve por ventura dividir-se em dois grandes periodos a historia do estudo das tradições populares portuguesas: um, que termina no primeiro quartel do sec. XIX; outro, que decorre d'ahi até o presente. O primeiro periodo é caracterizado por isto: que as tradições populares não são apresentadas com intuito ethnologico, mas por mera recreação, ou para servirem a litteratura e ainda a moral.

No segundo periodo, pelo contrario, viu-se que as tradições populares podiam ser não só um elemento de vida nacional, quando bem aproveitadas e interpretadas, mas material valiosissimo para o conhecimento da historia do país, na mais larga accepção d'ella; este periodo é propriamente o periodo scientifico.

Claro está que, em relação á chronologia, tal divisão não é absoluta, pois no segundo periodo apparecem ainda obras com o espirito das do primeiro; mas a noção scientifica do valor das tradições populares já estava adquirida, e é

isso o que importa para estabelecer a distincção dos dois periodos.

1.º PERIODO

(Do sec. XVI a 1824)

Algumas das obras que adiante indico são aqui mencionadas mais por causa dos seus titulos, do que porque se devam considerar como collecções de tradições populares; outras, porém, merecem justamente menção.

I—Novellistica

Para lá do sec. xvi nada encontrei digno de nota. Ha apenas *fontes indirectas* ou *inconscientes*¹. Do sec. xvi temos os *Contos de proveito e exemplo*, que, com quanto pertençam a esta ul-

¹ O *Orto do esposo*, ms. alcobacense do sec. xiv (hoje na Bibliotheca Nacional de Lisboa), está nesse caso. D'elle se serviu o sr. Adolfo Coelho nos seus *Contos pop. portuguezes*, pag. XVI, e o Sr. Th. Braga nos seus *Contos traditionaes*, vol. II, onde reuniu muitas das narrativas contidas nesse manuscrito (que é livro mystico).

tima especie de fontes, pois elles não são propriamente uma collecção de contos populares, aqui se referem por causa do titulo. Trancoso, ao escrever o seu livro, só pôs a mira em moralizar os leitores, e não em servir a litteratura ou a historia. Não obstante, elle aproveitou varios elementos tradicionaes, e já o merecimento dos *Contos* a este respeito foi aquilatado e utilizado pelos Snrs. Adolfo Coelho ¹ e Theophilo Braga ².

¹ Num artigo do jornal a *Harpa*, do Porto, creio que em 1876 (parece-me que foi a primeira vez que o valor ethnographico dos *Contos* foi indicado ao publico). O mesmo A. tornou a occupar-se de Trancoso nos *Contos populares portuguezes*, pag. XVIII; e na *Revista de ethnologia*, pag. 168.

² Por ex. na *Rivista di letteratura popolare*, Roma 1877, vol. I, pag. 128 sqq.; e nos *Contos tradicionaes*, II, pag. 18 sqq., onde tambem inseriu muitas narraçoes extrahidas de Trancoso. — Nestes trabalhos cita o Snr. Th. Braga allusões litterarias portuguezas antigas aos contos populares.

II—Adagiarios

E' nos Adagiarios que se nos deparam as primeiras collecções de elementos populares, feitas e publicadas como taes. Nem todas estão porém no mesmo caso, umas a respeito das outras: ha collecções com intuito exclusivamente philologico; outras com intuito exclusivamente moral; outras ao mesmo tempo com os dois intuitos. Algumas collecções não tem independencia, vem encorporadas em dictionarios geraes da lingua, como os de Agostinho Barbosa e Bluteau, e os dos auctores que se seguiram a estes.

Repartirei chronologicamente pelos dois periodos em que dividi este esbôço historico as diversas colleccões especiaes que conheço, e algumas das outras.

1 — Refranes de Hernán Núñez.

A mais antiga colleccão, que eu saiba, de adagios portuguezes está comprehendida nos *Refranes o proverbios en romance* de Hernán Núñez. Vergonha tenho de abrir esta secção com um nome estrangeiro; mas não posso deixar de o fazer, porque a verdade historica está a cima dos melindres patrioticos.

A 1.^a ed. dos *Refranes* de Núñez é de 1555, de Salamanca, na qual sei que já ha adagios portuguezes, mas ainda a não pude consultar; tenho porém presente a de 1602, de Valladolid, onde entram muitos ¹. Dominam na obra

¹ Tenciono reunir ulteriormente e

os adagios em castelhano; todavia, além dos portuguezes, contém ella adagios noutros idiomas romanicos, como gallego, asturiano, valenciano, catalão, francês, e italiano. Os adagios de cada uma das lingoas só raro servem de comparação aos das outras: estão quasi todos a seguir, alphabeticamente e em commum.

A proposito dos portuguezes, que são os que me importam agora, surgem dois problemas: o da fonte a que o collecter os iria buscar; e o da orthographia adotada no seu livro.

Com relação ao primeiro problema, como até o tempo de Hernán Núñez não havia, segundo penso, nenhuma collecção portuguesa de adagios publicada, aconteceu uma de duas: ou elle os colheu da tradição oral; ou aproveitou alguma collecção manuscrita que lhe foi enviada, directa

publicar em collecção especial todos os adagios portuguezes que se acham dispersos neste volume.

ou indirectamente, de Portugal. A ultima hypothese é a mais natural.

Em todo o caso nada impede que um ou outro adagio fosse collido immediatamente da boca de um Português por Núñez. Este escritor, que falleceu em 1552, estudou na Universidade de Bolo-
nha, e foi professor nas Univer-
sidades de Alcalá de Henares,
e Salamanca; ora no sec. xvi,
as universidades e centros littera-
rios de Italia e Hespanha eram
muito frequentados, e até ás ve-
zes com brilho, por Portugue-
ses: portanto, independentemente
mesmo das communicções de
toda a ordem, dada a proximidade
de Portugal e Hespanha, facil se
tornava a Hernán Núñez obter
de qualquer seu amigo ou conhe-
cido colleccções manuscritas de
adagios nossos ¹. A respeito
da Italia, França e Hespanha ti-

¹ Diante de uma colleção hespa-
nhola, facilmente qualquer Português se
lembra de adagios portuguezes, porque
estes são ás vezes muito semelhantes
aos da nação vizinha.

nha já Núñez varias collecções impressas que pudesse aproveitar; com relação a Portugal é que, tanto quanto sei, não tinha. Era também possível que o collector utilisasse para o intento os adagios intercalados nas obras portuguezas de litteratura (poesia, etc).

Com relação á orthographia da ed. de 1602, observei o seguinte:

a) Houve muitissimas vezes proposito de representar com os recursos da phonetica e orthographia hespanholas varios sons portuguezes: assim o port. *lh* por *ll*, *nh* por *ñ*, ex.: *moller*, *fillos*, *lle*, *millor*, *pomelle* (=põe-lhe), *lla* (=lh'a), *filla*, *velia*, etc.; *viña*, *miño* (erro typographico por *miña*) *coñozo* (=arc. *conhoço*), *mañas*, *espiña*, *veziño*, *compania*, *moyño*, *poñas*, etc. O ant. ditongo port. *aõ* está representado por tres modos: assim mesmo, e por *aon* e *aom*, ex.: *uaom*, *se-naom*, *ladraom*, *dúraom*, *ponaom* (=ponhaõ, *n* por *ñ*, por erro typogr.); *chaon*, *saon*, *naon*, *escri-*

vaon, lévaon, dependeraon, vilaon, maon, mas além d'isso *tornaõ, ingratiãõ, naõ*, -- e até num mesmo adagio, *naõ* e *naom*, e noutro as tres fórmãs *naom, naõ* e *naon*. Tambem, talvez por descuido, devido á influencia hespanhola, se encontra *pan* (por *paõ*), *can* (por *caõ*, pois em hesp. ant. havia *can*, hoje *perro*), *abaxanse, levantamse*. O ditongo portuguez que hoje se representa por *em* (em fim de palavra) e que outr'ora se representava assim mesmo e por *ée* ou *é*, acha-se representado nesta edição por varios modos, como o mostram os seguintes exemplos: *beyn, teym, Daleintejo* (d'Alem-Tejo), *veyn, poen, ãizen, home* (talvez erro typogr. por *homé*), *en, lamben, porrem, nê, homê*, etc.

b) Muitos vocabulos foram incidentalmente alterados, sob a influencia da lingua hespanhola, ou por quem fez a cópia portuguesa destinada ao prelo, ou pelo typographo que a compôs na imprensa. Muitas alterações consistem na substituição de vocabu-

los, como: *buey* (por *boi*), *pues* (por *pois*), *huerto* (por *horto*), *hierro* (por *ferro*), *salude* (por *saude*), *do* (por *d'onde*), *siempre* (por *sempre*), *quien* (por *quem*), *mujer* (por *molher* ou *mulher*), — o que era facil, attenta a semelhança das duas lingoas. De outras alterações resulta um mixto, como: *galina*¹, *dinero*², *genero*³. A's vezes ha só differença de uma letra, como em *cabez* (por *cabeça*), *agrazo* (por *agraço*), *espazo* (por *espaço*), — pela correspondencia de *z* a *ç*.

c) E' frequente nesta edição o por *ou*, ex.: *poca*, *otro*, *guardo-se*, etc. Como apparece muitas vezes *ou*, ex.: *pouco*, etc., é possível que haja aqui influencia do

¹ Por *gallinha* (i. é, *galião*). Influencia do hesp. *gallina*. Mas tambem pôde ter sido simples erro, saindo *n* por *ñ*.

² Influencia de *dinero*; mas tambem pôde ter sido apenas *n* por *ñ*, pois ás vezes apparece «diñeiro».

³ Por *Janeiro*, ou talvez escrito *Geneiro*. Influencia de *Ènero*.

copista ou do typographo, e não representação propositada de pronúncia dialectal portuguesa, apesar de apparecer tambem *eo* (a fl. 88) (por *rou*), e *so* (por *sou*), pois em hespanhol é *voy* e *soy*.—Igualmente *e* (por *ei*): *primero*, *quemá*, *hede*, talvez tudo por influencia do hespanhol.

d) No meio das palavras as nasaes estão representadas variamente, por exemplo: *semdo*, *tãto*, *lingoa*, *domdo* (= d'ond'o), *domde*=(d'onde), *bãdo*, *entre*, etc.

e) Ha ás vezes má interpretação da orthographia portuguesa, o que é devido ao typographo, ou ao copista: *seprouêyto* (por *sé proueyto*), *guy* (por *guay*), *perhua* (por *per húa*)¹, *confrade* (por *com frade*), *guiada* (por *giada*), etc. Em *dasquama* (por *da 'squama*) e *que ser* (por *ques ser*=quer(e)s ser) póde haver reflexo da pronúncia portuguesa.

Ao primeiro aspecto, a varia-

¹ Com *ê* e *û* represento o *e* e *u* nasaes, por não haver na imprensa aquellas letras com til.

da orthographia do texto portugês fará acaso suppôr que os adagios foram colhidos da tradiçãõ oral, e que o collectõr representou instinctivamente a pronúncia do nosso país; todavia, como se vê das traducções hespanholas que acompanham muitos dos adagios, Hernán Núñez conhecia bem o portugês, e por isso não commetteria certamente erros orthographicos, á parte um ou outro *lapsus calami* a que toda a gente está sujeita; por outro lado a genuina orthographia portuguesa da epoca é empregada com muita frequencia, como em *ho, he, huum, paaõ, foguo*, etc., o que mostra a sciencia e consciencia do collectõr. Como explicar, por conseguinte, que nuns casos os sons portugueses fossem representados com os recursos da orthographia hespanhola, como se vê no *ll* por *lh*, no *ñ* por *nh*, no *-cim* por *-em*, no *-aom* por *-aõ*, e noutros casos triumphasse a orthographia portuguesa? Só em face da 1.^a edição se poderá dar alguma res-

posta. Como espero compulsar um exemplar d'ella, pertencente á Bibliotheca Pública de Evora, reservo-me para então tratar mais por miúdo da orthographia do nosso texto; e juntamente copiarei, para publicar em corpo, como disse a pag. 115, nota, os adagios portuguezes. Em todo o caso desde já se fica sabendo que alguma luz se colherá do exame de *Refranes* de Núñez para o conhecimento da nossa phonetica no sec. xvi.

Como curiosidade, aqui transcrevo alguns dos adagios:

De leal e bom seruidor,
Virás a ser senhor.

Entre comaro e comaro
Naõ digas o teu todo.

Filho aborrido
Nunca teue bõ castigo.

Febre hemitriteus ¹
Naõ a cura senão Deus.

¹ Uma das variedades (semi-terçã)

Flor do aloendro
Formosa e sê proueito.

Giada sobre lama
Agoa demanda.

Grâmalico fauorecido
Não o querria assado nem cozido.

Guarte dos azos,
E guardarte ha Deus dos pecados.

Nesta breve transcrição, segui a orthographia portuguesa dos sec. XVI-XVII, e não a hespanhola com que alguns dos adagios vêm vestidos.

2 — **Diccionario** de Agostinho Barbosa.

Esta obra foi impressa em Braga em 1611, e tem como titu-

da febre intermittente. Como o faz sup-
pôr o nominativo lat. *hemitritaeus*, este
adagio é de origem litteraria, e prova-
velmente medica.

lo principal *Dictionarium lusitano-Latinum*. Aqui se acha, tanto quanto penso, a primeira collecção de adagios feita e publicada em Portugal. Elles porém não constituem um todo á parte; vêm encorporados no vocabulario geral, segundo uma ordem mais ou menos alphabetica.

3 — *Philosophia moral* de Fr. Aleixo de Santo Antonio.

*A Philosophia moral, tirada de alguns proverbios ou adagios, amplificados com auctoridades da Sagrada Escriptura e doutores que sobre ella escreveram,—*pelo Padre Fr. Aleixo de Santo Antonio, Coimbra 1640 ¹, não é uma col-

¹ O livro foi composto mais de 20 annos antes, porque a ordem dada pela Inquisição para a revisão d'elle é de 1619. De um requerimento impresso á frente do livro vê-se que o «Ordinario rectissimo da Cidade de Coimbra» pôs duvida a passar este livro; foi preciso renovar a licença em 1640.

lecção de adagios seguidos, mas um tratado de moral christã, em que se tomam para assunto trinta e um adagios, sendo um hespanhol, e portuguezes os mais. Como consta do titulo da obra, o A. faz a proposito de cada um os seus commentarios mysticos, e ás vezes junta exemplos explanativos, tudo com muita erudição ecclesiastica. Os adagios são os seguintes, que aqui transcrevo e reuno como curiosidade bibliographica (conservo a orthographia):

Faze bem,—não cates a quem.

Quem semea,—espera.

Quem a boa arvore se chega,—boa sombra o colhe.

Quem com farelos se mestura,—porcos o comem.

A quem Deus quer ajudar,—o vento lhe apanha a lenha.

Primeiro á lima,—depois á lingua.

Mal vai á corte,—onde o boi velho não tosse.

Nunqua Deus fez a quem desemparrasse.

De manhã em manhã,—perde o cordeiro a lã.

A mouro morto,—grande lançada.
Aonde a gallinha tem os ovos,—lá
se lhe vão os olhos.

Ovelha que berra,—bocado perde.
Tu Pedro e eu Pedro,—muito vae de
Pedro a Pedro.

A molher e a gallinha,—por andar
se perde azinha.

O medo mette a lebre a caminho.
Quem tempo tem,—e tempo espera,
—tempo vem—que lh'o demo leva.

Milhor he quem Deus ajuda,—que
quem muito madruga.

Quem quer mais do que he bem,—a
mal vem.

Dadivas quebrantam penhas.
Quando Deus não quer,—santos não
rogam.

A honra he de quem a dá.
Ninho feito,—pega morta.
Não se tomam truitas—com redes
enxuitas.

Barriga farta e pé dormente.
Tão bem parece o ladrão na forca,
como o sacerdote no altar.

O cordeirinho manso mama a sua
teta e mais a alhea.

A pão de quinze dias,—fome de tres
somanas.

Quem soffre,—vence.

Quem faz o que quer,—não faz o que deve.

Al que mal vive,—el medo le sigue.

Não dá quem tem,—senão quem quer bem.

O A. tem frequentemente o cuidado de pôr á frente dos seus commentarios as seguintes rubricas: *este proverbio, este adagio, esta vulgar sentença ou proverbio, esta sentença ou risão, etc.* Cada dissertação moral termina, como estribillo, com a repetição do adagio que lhe serve de titulo e thema. Além d'estes adagios, que estão ordenadamente no principio dos respectivos capitulos, o A. offerece outros pela obra adiante, como :

Panella que muito ferve,—sabor perde (pag. 44).

Ainda que a agoa é molle e a pedra dura,—tantas vezes lhe dá até que a fura (pag. 187).

Quem bem quer,—de longe vê (pagina 101).

Melhor é estar só que mal acompanhado (pag. 58).

Quem um castiga, — a muitos fustiga (pag. ?).

Afeição, — cega razão (pag. 278).

Amar e saber, — não pôde ser (pagina 278).

Todos estes adagios se acham nas collecções posteriores, por exemplo na de F. Rolland, que cito adiante. Tambem Fr. Aleixo refere a pag. 63 a maxima *Conselho dos velhos necessario aos mancebos*, inspirado no adagio *Se queres bom conselho, — pede o ao velho*, que vem em Rolland. Ao lado dos ditados que servem de motivo ás suas considerações religiosas, põe Fr. Aleixo outros hespanhoes, e sentenças latinas.

Apesar de serem meramente moraes os intuitos do A., elle tinha o sentimento da tradição popular, e o seu livro é importante neste ponto.

O sentimento da tradição popular levou-o a recorrer a ella noutros logares do seu livro. De-

pois de referir, segundo a auctoridade de S. Ambrosio, a crença de que, encontrando-se o lobo «com qualquer homem, e vendo-o primeiro que seja visto d'elle, tem tal virtude e propriedade natural que fica esse mesmo homem, primeiro visto do lobo, pasmado, sem poder fallar hũa só palavra nem apupar contra o lobo», acrescenta: «Pois o Santo allega com o povo, direi o que contou hum lavrador nesta materia. Estava queixoso de algũa perda que lhe tinha feito hum lobo no seu gado, e desejava de o matar, porque lhe tinha vindo algũas vezes a porta, aonde estava o curral. Alevantou-se hũa madrugada com intento de o vigiar; e estando-o fazendo, veyo o lobo, e indo elle pera chamar os vezinhos, diz que nunca pode fallar; e assi não foy soccorrido d'elles, e o lobo se foy em paz» ¹.—Tambem Fr. Aleixo

¹ Pag. 62.— Sobre esta superstição vid. as minhas *Trad. pop. de Por-*

falla da superstição a respeito da *pedra de andorinha*¹, mas acostase a um texto de Plinio.

Nada mais encontrei no seu livro que possa com direito considerar-se procedente da tradição popular portugüesa.

No gôsto da obra de Fr. Aleixo de Santo Antonio ha outras estrangeiras, por exemplo: *La filosofia vulgar*, do Hespanhol Juan de Mal Lara, cuja 1.^a edição é de 1568 (conforme diz Brunet), e de que eu tenho presentes as edições de 1618 e 1621. A *Filosofia* de Mal Lara consta de mil adagios, repartidos por dez centurias; cada adagio é interpretado, e ás vezes commentado, com anedotas e citações litterarias. Lara pretende unicamente dar a explicação litteral dos adagios; Fr. Aleixo porém serve-se d'el-

tugal, § 330. — Para factos comparativos, cfr. Liebrechet, *Z. Volksh.*, pag. 335, e H. Gaidoz, *La rage et St. Hubert*, paginas 189 e 190, nota 2.

¹ Cfr. as minhas *Trad. pop. de Portugal*, §§ 218 e 287.

les como temas para considerações mysticas. Não obstante as analogias da fórma, nisto consiste a differença essencial entre um e o outro. Por isso as observações do auctor hespanhol são mais breves do que as do nosso, que se sobrecarrega de innumerous textos latinos, extrahidos dos SS. Padres, da Biblia, etc. A *Filosofia vulgar* é sobretudo uma obra exegetica; a *Philosophia moral* destina se á edificação religiosa.

4 — Adagios de Antonio Delicado.

Os *Adagios portuguezes reduzidos a lugares communs*, «pello licenciado Antonio Delicado», Lisboa 1615, são a primeira obra portuguesa consagrada exclusivamente a colleccão de proverbios. Hernán Núñez é, como já se disse, Hespanhol; em Agostinho Barbosa os proverbios vêm intercalados no vocabulario geral da lingua; A *Philosophia* de Fr. Aleixo, posto que baseada na

paremiographia popular, não passa de um tratado moral. A Delicado cabe portanto a honra de ser o nosso mais antigo paremiographo propriamente dito.

No prologo diz elle que colleccionou os *Adagios* como «ornamento da nossa lingua portuguesa e boa doutrina moral que a todos os estados pertence». Alliou pois os fins a que miravam Agostinho Barbosa e Fr. Aleixo: o primeiro, á philologia; o segundo á moral. E a ambos leva a palma na superioridade do número dos adagios, que neste livro occupam seguidamente 190 páginas in-4.^o

Delicado faz no principio algumas considerações a proposito da origem dos proverbios e dos trabalhos estrangeiros que elle conhecia no assunto. Entre estes cita os de Hernán Núñez e Mal Lara, de que ha pouco fallei, e o do, tambem Hespanhol, Blasco de Garay ¹, além

¹ *Carta en refranes*, de Blasco de Garay. Esta obra costuma andar en-

de varios outros, antigos e modernos. Depois accrescenta: «Pelo que, vendo eu que, sendo a lingua portuguesa não menos abundante d'estas sentenças que todas as outras da Europa, me dispus a colligir de varios exemplares esta pequena obra». Com a expressão *varios exemplares* quer o A. indicar os livros de Núñez, Barbosa e Fr. Aleixo, bem como talvez as obras litterarias (por ex.: de Camões, Sá de Miranda, etc.) em que aqui e além apparecem ditos proverbias. Podia elle haver tambem colhido alguns na tradição oral.

Ao contrario de Núñez e Barbosa, em cujas obras os adagios vêm alphabeticamente em globo, Delicado dispôs os seus por as-

corporada, num só volume, com as colleções de Núñez e Mal Lara. Conheço edições de 1619 e 1621, que estão na Bibliotheca Nacional de Lisboa. Mas das *Cartas* ha várias edições em separado: vid. Sbarbi, *Monografia sobre los refranes*, Madrid 1891, pag. 91.

suntos: estes estão em capítulos, alphabeticamente, como *afeição, agradecimento, agricultura, amizade*, etc., e cada proverbio está, tambem em ordem alphabeticamente, dentro dos respectivos capítulos. É pois uma classificação methodica (a seu modo) e prática. Já igualmente na *Epitome adagiorum* de Erasmo ¹, auctor muito conhecido e lido nesta epoca, os ditados sentenciosos estão dispostos em categorias: *adulatio, amicitia, calumnia, garrulitas, perspicuitas*, etc.

Ainda hoje se encontram no povo muitos dos adagios contidos no livro de Delicado; outros tornaram-se obsoletos. A colleção do P.^o Delicado foi a base das que depois d'elle se fizeram, pois todos os collectores posteriores o aproveitaram, ou tomaram exemplo nelle ².

¹ Sirvo-me da ed. de 1568.

² Os *Adagios* de Delicado são um livro muito raro, e já assim o considerava e livreiro Rolland no seculo

5 — Florilegio de Bento Pereira.

Publicou em 1655 o P.^o Bento Pereira um *Florilegio dos modos de fallar e adagios da lingua portuguesa*, que consta de duas partes, na segunda das quaes estão os *principaes adagios portugueses, com seu latim proverbial correspondente*. Esta obra, que se tornou rarissima, foi encorporada na *Prosodia* do mesmo auctor, pelo menos da ed. de 1661 em diante.

Bento Pereira aproveitou-se de Delicado, mas nem segue a disposição do livro d'este, nem o copia servilmente, ainda que em tal assunto o último caso não era censuravel, nem estranhavel; por outro lado Bento Pereira, como considerava os adagios meramente debaixo do aspecto da philologia latino-portu-

passado. Possuo um exemplar, que comprei no leilão de livros que se fez por fallecimento de José Silvestre Ribeiro (em Lisboa).

guesa, por serem *phrases estereotypadas* e elle estar tratando do estudo d'aquellas lingoas, juntou-lhes correspondencias em latim, o que não fez Delicado.

No *Florilegio* de Pereira os adagios não estão distribuidos por materias, mas classificados alphabeticamente, de modo geral. Para o fim a que o A. do livro os destinava, era esta, em verdade, classificação adequada.

O A. deu á sua collecção um titulo muito usado nestes e semelhantes assuntos. Anteriores á obra d'elle temos por exemplo: *Le jardin d'honneur*, 1545; *La fleur des sentences* de Carrozet, 1548; *Le jardin de récréation*, 1611; *Bouquet printannier*, de Velde, 1613. E posteriores temos as *Silvas*, as *Florestas*, etc.

Segundo Innocencio, *Dicc. Bibliogr.*, s. v., o *Florilegio* de Pereira tornou-se rarissimo. Aquelle bibliophilo só conheceu o exemplar que existe na Bibliotheca da nossa Academia das Sciencias, onde eu tambem o compulsei.

6 — **Lexicon tetraglotton** de James Howell.

O *Lexicon tetraglotton* de James Howell, Londres 1660, traz no fim, com o título grego de *Paroimiographia*, uma longa serie de proverbios em vários idiomas. Entre estes figura o hespanhol, a que vem appensos o portuguez, o gallego e o catalão ¹.

Os adagios portuguezes são em pequeno número, apenas uns

¹ Eis o título: *Refranes y proverbios en romance, ó la lengua castellana, a los quales se han añadido algunos portuguezes, catalanes e gallegos, &c.* Tem paginação á parte: 32 paginas in-folio. A collecçãozinha portuguesa vem a pag. 26-27; como o das outras linguas, os nossos adagios estão acompanhados da traducção inglesa. A collecção tem tambem dois títulos: um inglês, *Portingal proverbs*; outro hespanhol, *Refranes portuguezes*. (Com a fórma *Portingal* cfr. *Portinga-*

trinta e cinco, e muito errados. Na collecção hespanhola ha alguns que se referem ao nosso país, como: *Aprendiz de Portugal—no sabe coser, e quiere cortar*, e *Tres Portugueses, dos medio christianos, el otro judio*; tambem lá está este *Quien no ha visto Lisboa—no ha visto cosa boa*, que, como a palavra *boa* mostra (em hespanhol devia ser *buena*), tem origem portuguesa. O adagio *En las Asturias, tres meses de invierno,—y tres d'infierno*, corre tambem em Trás-os-Montes. com relação á Terra de Miranda ¹. Toda esta collecção de Howell, apesar de antiquada, tem ainda hoje certa importancia, pela quantidade de material comparativo que alli se junta. No nosso adagiario ha muitos factos comparaveis aos de outras nações; a analogia po-

lois em Froissart, *Collect. des chron. nation. fr.*, X, pag. 179, embora este A. tenha tambem *Portugal*).

¹ Vid. o meu opusculo *O dialeto mirandês*, Porto 1882, pag. 33.

rém com os de Hespanha é mais frisante, por causa da vizinhança dos países e da maior semelhança das linguas. Se existe cá um adagio como *Medicos de Valença — muitas fraldas e pouca sciencia*, é que elle nos veio de Hespanha, estando Valença por *Valencia*, pois que na nossa Valença não se estuda medicina, mas sim em *Valencia*. O adagio

Muito val e pouco custa
Ao mão fallar boa resposta

parece traducção immediata do hespanhol

Mucho vale y poco cuesta
A mal hablar buena respuesta,

como o faz crer a rima d'este, a qual no nosso foi alterada.

Pelo contrario, o adagio a proposito de Lisboa, ha pouco citado, foi para o país vizinho. Muitos adagios communs devem ascender ao latim vulgar da epoca da dominação romana na Iberia, como *phrases estereotypadas* que são; outros passariam pela litteratura, de lá para cá, e vice-

versa. Só o estudo de cada adagio em particular poderá permitir conclusões rigorosas.

7—**Feira dos anexins** de D. Francisco Manoel.

Comquanto publicada em Lisboa em 1875, esta obra foi escrita no sec. XVIII; por isso a menciono aqui. Teve por editor Innocencio Francisco da Silva. D'ella, antes de impressa, correram de mão em mão muitas cópias manuscritas; eu mesmo posuo uma do sec. XVII¹.

A *Feira dos anexins* não é propriamente um adagiario, mas uma serie de dialogos constituídos em grande parte por locuções populares, a proposito das quaes se citam adagios, — como se citam contos, jogos, perlenegas, etc.

Ao escrever este livro, talvez D. Francisco Manoel tivesse lembrança das *Cartas en refranes* de Blasco de Garay, que, como diz

¹ Cfr. *Rev. Lusit.*, II, 181, nota.

Delicado ¹, eram conhecidas em Portugal, e cuja 1.^a ed. data de 1545 ²; todavia as semelhanças entre as *Cartas* e a *Feira* são só longinquas: basta lembrar que uma das obras é em fôrma epistolar, e a outra em fôrma dialogada; o que ellas têm commum é estar entremeada de adagios uma narração seguida, e em se considerarem estes como elementos naturaes e espontaneos d'ella. De 1561 é o *Dialogo nel quale si contengono varii discorsi di molte belle cose, di proverbi, etc.*, impresso em Pádoa; mas esta obra só a conheço pela indicação do bibliographo Brunet (vol. vi, n.º 18:484), portanto não posso dizer se a *Feira dos anexins* se parece, ou não, com ella.

A ideia de aproveitar d'esta maneira os adagios, adaptando-os ao discurso, tem sido mais vezes explorada, tanto antiga co-

¹ Vid. a nota 1 da pag. 133.

² Sobre estas *Cartas* vid. Sbarbi, *Monografia sobre los refranes*, 1891, pag. 41 e 91.

mo modernamente. Do seculo passado é *Le sermon en proverbes*, que Sbarbi julga imitação de Garay ¹, e que transcreve e traduz a pag. 45 seqq. da obra citada. O mesmo Sbarbi dá noticia de um breve *Cuento compuesto com algunos modismos castellanos*, Madrid 1869, tambem alli reproduzido ², e que tem pareenças com a obra do nosso D. Francisco Manoel. Pelo meu lado lembrarei a comedia francesa de Demanet, *Tout est bien qui finit bien*, e *Le roman des proverbes en action* de Servais, obras de que se lê uma noticia in *Mélusine*, V, 48.

D. Francisco Manoel de Mello conhecia muito bem a linguaagem popular e a vida portugueza do sec. xvii. A este proposito todas as suas obras, já em prosa, como os *Apologos dialogaes* e a *Carta de guia de casados*, já em verso, são rico ma-

¹ *Monografia sobre los refranes*, pagina 41.

² *Ob. cit.*, pag. 110.

nancial. Do valor ethnographico dos *Apologos Dialogaes* e da *Harpa de Melpomene* dei amostra summaria na *Revista do Minho*, I, 13 e 85. Na *Carta de guia de casados*, alem de muitas e curiosas informações de praticas da vida, usos, sentimentos, etc., com que se póde recompôr boa parte da physionomia da sociedade do seu tempo, encontrei o seguinte, sobre proverbios:

1. «Diz um antigo ditado: *Quem não tem marido — não tem amigo*» (pag. 22) ¹.

2. «... hum nosso proverbio portugûês: *O marido barca — a mulher arca*. Ouvi-o, dias ha, a hũa velha, e o escutei como da bocca de um sabio» (pag. 30).

3. «... aquelle rião vulgar: *A minha filha Tareja — quanto vê, tanto deseja*» (pag. 35).

¹ Sirvo-me da edição de 1665, que é a 2.^a

4. «Diz bem por isso o rifão: *Do homem a praça — da mulher a casa*» (pag. 74).

5. «Pois comecei com os meus adagios, hei de acabar com elles. Ouvi um dia caminhando, e não era elle menos que um chapado recoveiro, ... em fim, ouvi-lhe que *Deos o guardasse de mula que faz him — e de mulher que sabe latim*» (pag. 102).

6. «Não disse Platão, nem Seneca, cousa melhor que o disserão as nossas velhas: *Muito riso — pouco siso*» (pag. 108).

7. «... aquelle rifão: *Quem me a mim quer bem — diz-me do que sabe, dá-me do que tem*» (pagina 135).

8. «E já que nos servimos dos dictados, não vem aqui mal, pera escusar mais leitura, aquillo que se diz: *A Deos rogando*, etc. Escuso-me de acabar o adagio, porque de todos he sabido» (pag. 147).

9. «... o que se diz vulgarmente, que *a maior jornada he o sair de casa*» (pag. 161).

10. «... disse um discreto andava errado o proverbio de que *quem bem paga he herdeiro do alheo*; porque muito mais certo he ser herdeiro do alheo aquelle que alheo não paga» (pagina 187).

11. «... o nosso rifão, quando diz: *O dia de S. Thomé—quem porco não tiver,—matar póde a mulher*» (pag. 196).

Vê-se que D. Francisco Manoel teve o cuidado de authenticar todos os anexins que cita; vê-se ao mesmo tempo que elle emprega indistinctamente as expressões *ditado, proverbio, rifão e adagio*. Tambem o A. considerava as velhas como typo de fontes tradicionaes; já noutro ponto das *Cartas*, pag. 157, diz: «na *linguagem das velhas*, cousas passadas, ou cousas más, he tudo o mesmo». Todos tem sempre con-

siderado assim as velhas. Em Cícero, *De oratore*, lib. III, cap. 12, leio: «Facilius mulieres incorruptam antiquitatem ¹ conservant, quod multorum sermonis expertes, ea tenent semper quae prima didicerunt». A mesma noção se acha em Rodrigues Lobo, que na *Côrte na aldeia*, dialogo 8.º, tem: «nas molheres que menos saem da patria se corrõpe menos o uso do fallar commum; postoque ellas saibaõ pouco da razão de seus principios». Igual observação faz o sr. Gaston Paris: «les vieilles femmes conservent ouvent et des chansons oubliées de tout le monde et des formes de language plus anciennes» ². D'este modo de considerar as velhas, e tambem os velhos, que em parte estão no mesmo caso, vem a nossa antiga expressão «como diz o *sengo*», com que se authenticavam os

¹ Cícero refere-se á pureza da pronúncia.

² In *Mélusine* (revista franceza de trad. pop.), vol. I, col. 5.

proverbios, etc., e onde *sengo*, do lat. *senicus* (cfr. *senica*, — de *senex*), significa *velho*. Outro estribilho usado por D. Francisco é: «vá por conto de chuminè»¹, como quem hoje diz: *conto da lareira*, ou ainda *conto da carochinha*. Esta ultima phrase é a que o povo adopta para designar os contos populares em geral.

Para terminar este artigo, transcreverei as palavras com que o nosso auctor define os rifões: «e os rifões, senhor N., sentenças forão verdadeiras, que a experiencia, summa mestra das artes, pronunciou pelas boccas do povo»². Por isso é que os nossos escriptores classicos, sempre tão sentenciosos no que escreviam, os empregavam com tamanha profusão nas suas obras³.

¹ *Carta de guia de casados*, pagina 64.

² *Ib.*, pag. 22 e 23.

³ Litterariamente fallando, a *Feira dos anexins* é um pouco insipida;

8—*Eschola decurial de Fradique Espinola.*

Fradique Espinola viveu no sec. xvii e em parte do xviii.

Na *Livraria de mão* dos monges de Alcobaça existia um livro de miscellanea, cod. 344, hoje na Bibliotheca Nacional de Lisboa, onde, a fls. 196-236, vem uma lista dos *Escriptores cistercienses da congregação de S. Bernardo de Portugal naturaes do mesmo reino*, que Barbosa utilizou na *Bibl. Lusit.*, como tive occasião de verificar. Nessa lista ha uma biographiazinha do Dr. Fr. Fradique Espinola, que porém foi cortada em parte, faltando algumas indicações bibliographicas que se completam com as noticias archivadas por Barbosa. Segundo o que se lá diz, o pae de Espinola era «dos illustres de Genova».

Entre as obras de Espinola figura a *Eschola decurial de varias*

de todas as obras do A. é esta talvez a menos brilhante.

liçoes, na 1.^a parte de cujo *Appendix* (e 11.^a da obra, impressa em Lisboa em 1707), se acha um artigo sobre *Proverbios emendados* ¹.

Escreve o A.: «Proverbios, ou adagios, que costumaõ andar na boca do vulgo, e este darlhe tanta crença, que lhes chamaõ evangelhos pequenos, como querendo dizer que abayxo, ou depois do Evangelho não ha cousa mais certa: são muytos delles errados, como veremos em alguns trazidos por exemplos, e poremos como nos livros as *erratas* e *emendas*» ². Para amos- tra do processo, aqui copio alguns numeros:

Erratas

*O bom pagador
he herdeyro no
alheyo.*

Emendas

O mao paga-
dor he herdeyro
no alheio, porque
o bom paga o
alheyo, e o mao
fica-se com elle.

¹ Lição VI, pag. 200-214.

² Pag. 200.

Quem sabe pedir, não sabe viver.

Quem não sabe soffrer: que para homens de bem o pedir é morrer.

Mais valem amigos na praça, que dinheyros na arca.

Mais valem dinheiros na arca, que amigos na praça: porque amigos leaes não os ha, e, se os ha, não estão na praça; e dos outros, em havendo dinheyro, ha hum mundo d'elles.»

Os adagios são em numero de quarenta e sete, a cada um dos quaes corresponde sua emenda, na fórmula indicada. Estas tiram ás vezes a graça e a moral ao adagio, para lhe darem uma interpretação mais grosseira, ou diversa da verdadeira.

O artigo de Espinola foi, ainda no seculo passado, reproduzido num folheto, como direi adiante, no § 13.

A' *emenda* do adagio «o bom pagador he herdeiro no alheyo», transcrito acima, refere-se já D. Francisco Manoel de Mello na *Carta de guia de casados*, nestes termos: «Perguntavão a hum criado,— a quem servia? e respondia que a hum filho seu; e tornando-lhe a perguntar,— que dizia nisto? respondeo: sirvo a meu herdeyro. Por semelhante razão disse hum discreto andava errado o proverbio de que quem bem paga é herdeiro do alheo; porque muito mais certo he ser herdeiro do alheo aquelle que o alheo não paga»¹. O *discreto* a quem se refere D. Francisco Manoel será Espinola? Mas a *Eschola decurial* foi publicada alguma dezenas de annos depois da *Carta*. Podia D. Francisco ter ouvido a razão a Espinola; mas o mais provavel é que a *emenda* fosse já tradicional para os dois, e *discreto* seja designação generica e vaga. Não vale a pena le-

¹ Pag. 187.

var por diante a curiosidade da investigação.

Houve mais alguém que se occupasse do referido adagio: Na obra ms. de Couto Guerreiro, que descrevo a pag. 159 ss., § 14, lê-se sobre o assunto o seguinte soneto:

Ao bom pagador chamam herdeiro
Do alheio, porque, tendo elle cuidado
De pagar o que lá tem emprestado,
Ha muito quem lhe empreste o seu dinheiro.

Eu tenho para mim que o verdadeiro
Em herdar não he esse costumado
A pagar bem no tempo decretado;
Mas sim o renitente e caloteiro.

O que paga no tempo promettido
Aliena de si a quantidade,
Com que amigos o tinham soccorrido ;

E tem o caloteiro habilidade
De ficar-se com quanto tem pedido:
E por isso he herdeiro na verdade ¹.

¹ Adagio n.º 1, da centuria II, do vol. II.

Na primeira quadra o A. dá a interpretação verdadeira do adagio; no restante do soneto encosta-se á *emenda* feita por Espinola e pelo *discreto* de que falla D. Francisco Manoel.

9—**Vocabulario** de D. Raphael Bluteau.

No *Vocabulario portuguez e latino* do P.^o D. Raphael Bluteau, Coimbra e Lisboa 1712-1728 (dez vol.), ha muitos adagios, que servem principalmente como illustração phraseologica a proposito de cada vocabulo.

O A. aproveitou Delicado, a quem cita s. v. *adagio*, e Bento Pereira; o que não posso é verificar o que em Bluteau haja novo, porque isso constituiria trabalho extremamente fatigante e quasi inutil. A proposito da palavra *proverbio* indica Bluteau alguma bibliographia estrangeira.

Comquanto neste meu esboço historico eu só devesse fallar particularmente das collecções especiaes de adagios, não pude

deixar de mencionar o *Vocabulario* de Bluteau por causa da sua excepcional riqueza adagiarica; não fallarei porém do *Diccionario* de Moraes, do *Thesouro da lingua portugueza* attribuido a Fr. Domingos Vieira, e de outros. Fallei tambem do *Diccionario* de Barbosa neste capitulo, § 2.º, pelas razões que lá dei.

10—*Grammatica hollandesa* de Carlos Folqman.

Nesta *Grammatica*, publicada em Lisboa em 1742, vem, a paginas 122-127, uma *Collecção de varios proverbios hollandezes e portuguezes*.

No § seguinte cito um trabalho do mesmo genero.

11—*Grammatica inglesa* de Antonio Vieyra.

Publicou Antonio Vieyra Transtagano *A new portuguese Grammar*, de que tenho presente a 3.ª edição, Londres 1794; nella, a

pag. 310-319, ha *A collection of portuguese Proverbs*, que o A. reuniu como mero phraseado, para a aprendizagem da lingua.

12 — **Adagios** de Francisco Rolland.

O titulo completo da obra é: «*Adagios, proverbios, rifões e anecxins da lingua portuguesa, tirados dos melhores auctores nacionaes, e recopilados por ordem alphabetica*—por F. R. I. L. e L.». A 1.^a ed., a menos vulgar, é de Lisboa, de 1780. Ha outra ed., de 1841, (mas sem o prologo). Segundo diz Innocencio, aquellas iniciaes devem lêr-se assim: Francisco Rolland, impressor—livreiro em Lisboa ¹. — Este livreiro-editor era de origem franceza; elle proprio dá a entender que era estrangeiro, quando diz: «entranbado no desejo de ser util a huma nação, de quem tenho recebido tantos beneficios, tenho tido o animo

¹ Vid. *Dicc. Bibliogr.*, vol. I., t. II, s. v.

de reimprimir obras antigas, imprimir outras de novo, etc.» (prologo).

Depois de algumas considerações preliminares sobre a importancia e bibliographia dos proverbios em geral, lê-se no prologo: «Portugal tambem se lembrou, nos seculos passados, d'esta utilidade, porque o nosso licenciado Antonio Delicado fez e ajuntou uma colleção de *Adagios portuguezes*. E deveria eu, que tenho procurado a utilidade da nação portuguesa, esquecer-me d'estes bons exemplos, e, vendo que se não póde alcançar a colleção d'este honrado Português, por ser rarissima, não tecer tambem uma colleção de proverbios? Certamente não he o que agora intento. Trabalhei por mendigar da antiguidade todos quantos pude achar; a maior parte d'elles são extrahidos do *Vocabulario portuguez* de D. Raphael Bluteau, clerigo regular theatino. Todos vão dispostos por ordem alphabetica. Nelles acham-se algumas palavras, já ha

longos annos arredadas de nós; mas esta mesma antiguidade faz respeitar e venerar a singeleza d'aquelles antigos tempos, e conhece-se tambem qual era o modo de fallar vulgar dos seculos anteriores a este» ¹.

A ordem do livro é alphabetica, mas por assuntos, como: *abarcar, abelha, abril, abrolhos*, etc. E' sob taes titulos que se seguem os adagios; mas estes não estão alphabetados um a um.

13 — Proverbios emendados.

O artigo de Espinola, a que me referi acima, § 8, foi reproduzido num folheto de 7 paginas in-4.º, com o titulo de *Proverbios emendados*, Lisboa, na Regia

¹ Prologo, pag. 8-9. — Diz Innocencio, *loc. laud.*: ... A obra é precedida de um prologo que, pelo estylo, me parece ser da penna de Antonio Lourenço da Cunha*. Não posso dizer se isto é ou não verdade.

Officina Typographica, 1785, «com licença da Real Meza Censoria». Não traz indicação alguma de auctor, nem d'onde foi extrahido.—Julgo raro e desconhecido este opusculo. Ha um exemplar na Bibliotheca Nacional de Lisboa, e anda encadernado, num mesmo volume, com a 2.^a edição (1841) dos Adagios de Rolland.

14— **Adagios** de Couto Guerreiro (Ms.).

A pag. 147-150, do vol. I, (Coimbra 1879) do *Boletim de bibliographia portuguesa*, curiosa publicação do snr. Annibal Fernandes Thomaz, transcreve-se do *Jornal do Porto*, de 8 de Setembro de 1879, de um artigo do snr. Bernardes Branco, a noticia de uma obra manuscrita e inedita de Miguel do Couto Guerreiro sobre adagios. Dizendo-se nesse artigo que a obra pertencera ao bibliophilo Pedro José da Silva, por cuja morte passára para a loja de livros do snr. Antonio Rodrigues, do Pote das Almas (Lis-

boa), eu dirigi-me a este livreiro a perguntar por ella, e soube que a havia comprado o snr. dr. Antonio Augusto de Carvalho Monteiro. Como tenho com este senhor relações de amizade, facil me foi poder vê-la e consultá-la, porque S. Ex.^a, com a bondade que o distingue, e o affecto que dedica a tudo quanto se refere á bibliographia portuguesa, não só me obrigou a trazer comigo a obra, o que eu aliás não queria, pois me contentava com compulsá-la na sua bibliotheca, mas ainda me auctorizou a fazer as transcripções que eu desejasse, ou até a copiá-la toda! Já por occasião de restituir o manuscrito agradecei particularmente ao snr. dr. Carvalho Monteiro tantos obsequios; aqui, porém, em publico testemunho, lhe renovo o meu agradecimento.

Não copiei a obra por inteiro; limitei-me a lê-la, e a transcrever alguns trechos, de que já a cima, no § 8, dei um, e adiante darei outros. Estes trechos, como os que saíram no *Boletim*

de bibliographia, são já bastantes para os leitores poderem avaliar o contexto do trabalho.

Miguel do Couto Guerreiro era medico e poeta, e viveu no seculo XVIII. Podem ver-se particularidades da sua vida no *Dicc. Bibliog.* de Innocencio da Silva, s. v. Elle tinha educação humanistica e classica, chegando a fazer traducções de Horacio, Ovidio, etc., a escrever um Diccionario de consoantes e uma Arte poetica, e elle proprio a publicar poesias suas, como *Satiras e elegias*, Lisboa 1786, e *Epigrammas Portuguezes*, Lisboa 1793 (estes ultimos em n.º de 1:273!) ¹. Diz Innocencio no vol. VI, pag. 232, do seu *Diccionario Bibliographico*: «... ignoro se Miguel do Couto deixou alguns escritos ineditos; afigura-se-nos que sim. A circumstancia de ser publicada a sua ultima obra no proprio

¹ Em *quintilhas*, e não em *quadradas*, como diz Innocencio (pois só uma ou outra quadra tem). Couto quis na fórma imitar Tolentino.

anno do fallecimento induz a acreditar que outras conservaria». A supposição do nosso bibliographo era fundada. Couto Guerreiro deixára pelo menos uma obra, que é a de que vou fallar, e que hoje está, como já ponderei, em poder do snr. Dr. Carvalho Monteiro.

E' em 2 volumes, in-4.º O volume I tem este rosto:

«Adagios selectos portuguezes mo- | ralizados em um soneto a cada A- | dagio | por | MIGUEL DO COUTO GUERREIRO. | Tomo primeiro».

No verso do rosto ha duas citações latinas adequadas á obra, uma de Ovidio, outra da Sagrada Escriitura.

Na pagina seguinte, que é a 5.ª, contando duas que servem de guarda, começa o prologo «Ao leitor», onde se diz:

«Podendo eu nomear até cinco escriptores que fizeram collecções de adagios portuguezes ¹,

¹ Quem seriam os escriptores que

nenhum posso nomear, que sobre elles escrevesse, excepto Espinola, *Escol. decurial*, t. II, decuria 9, liç. 6» ¹. D'estas palavras conclue-se que Couto não conhecia a *Philosophia* de Fr. Aleixo de St.º Antonio, de que fiz menção no § 3, pois, como lá mostrei, esta obra não é simples collecção de proverbios, mas entra na segunda categoria que Couto estabelece.

Continúa o prologo:

«Não sei d'onde nasce este desprezo; mas creio que provém de andarem elles no vulgo; porém eu tenho por mais vulgo quem, imaginando que está d'es-

Couto tinha *in mente*? Como mostrei nos §§ precedentes, a lista dos nossos adagiologos é em numero superior àquelle. Talvez, referindo-se aos mais importantes, Couto quisesse contar Hernán Núñez (vid. § 1), Delicado (§ 4), Bento Pereira (§ 5), Bluteau (§ 6), e Roland (§ 12).

¹ Aliás *Primeira Parte do Appendice IX e XI da Escol. decurial* (mas sim decur. 9, lição 6). Vid. supra, § 8.

te separado, olha só a quem os profere, sem reflectir que, ainda que correm entre esse vulgo, a maxima parte d'elles nada tem de vulgar».

Diz seguidamente o A. que os adagios se dividem em duas classes: *physica* (prognosticos atmosphericos, regras de lavoura, etc.) e *moral* (maximas economicas, politicas e mysticas). Escolheu para assunto a segunda, por lhe parecer mais accomodada ao seu genio e ás suas forças.

E depois:

«Tres fins me levaram a esta empresa: hum, o desterrar a propria ociosidade; outro, o meu divertimento; e o ultimo, e principal, a utilidade do meu proximo».

O A., tomando o exemplo de «sabios antiquissimos que corrigiram povos selvagens e crueis, dando-lhes em verso a san doutrina», diz: «Parece-me que com grande utilidade poderia fazer o mesmo no nosso vulgo, seguindo as pisadas de aquelles insignes varões, dando-lhe tambem,

em verso, mais clara e mais manifesta a doutrina, que em verso, ainda que inculto, lhe tinham já dado os nossos maiores nos seus adagios, na qual doutrina, por falta de explicação e clareza, esse vulgo não reflecte».

Como fica patente, o A. sup põe que todos os adagios Moraes são de origem erudita, passando dos nossos litteratos para o povo. Esta these, assim enunciada em absoluto, não é exacta. Comquanto haja proverbios tirados de sermões ¹, de obras litterarias, de dictos de homens celebres, etc., como não só directamente, mas tambem por analogia com o que se passa ainda agora, se póde provar,—todavia a grande maioria d'elles são tradicionaes e anonymos, e ascendem a epochas muito antigas: basta notar que elles se encontram com cunho local e proprio em paizes differentes, e que muitos apparecem já nas litteraturas classicas.

¹ Cfr. *Romania*, XX, 630.

Como já disse, este volume tem na frente uma folha «de guarda»; no verso d'ella está a seguinte data: «Em 23 de Agosto de 1790»,—talvez aquella em que o A. acabou de passar a limpo a obra.

O volume não acaba com o classico «Fim», mas com uma *licença* do respectivo Tribunal, assim concebida: «Imprima-se, e volte a conferir. Meza de 27 de Setembro de 1790». (Seguem-se as assignaturas).

Tem este 1.º volume 505 paginas numeradas, além de uma folha (i. é, duas paginas) com a licença, e de mais as seguintes folhas: uma «de guarda», no principio, em que está a referida data de «23 de Agosto de 1790»; outra, que é a folha do rosto e das citações; tres folhas de prologo; mais uma folha em que se diz: *Adagios selectos portuguezes moralisados | Centuria I.*—Ao todo 519 paginas.

O rosto do 2.º volume é como aqui ponho: *Centurias | Dos Adagios Selectos Portuguezes mora- |*

lizados, — sem mais indicação alguma. Na ultima pagina da obra, immediatamente anterior á da licença, lê-se «Fim», e depois segue-se a *licença*, em tudo igual á do 1.º volume, já transcrita.

Este 2.º volume comprehende 504 paginas numeradas, alóra a folha do rosto e a da licença: ao todo, 508 paginas.

Cada uma das folhas dos dois volumes, no recto, tem um carimbo na margem direita, que consta de um monogramma encimado de uma coroa. O monogramma resolve-se em *R. M. C.* que creio significa *Real Mesa Censoria*; tinha por fim evitar que alguns dos sonetos já approvados se substituissem por outros que o não devessem ser ¹.

Os sonetos estão distribuidos por centurias: cinco centurias em cada volume. Dão um total de mil sonetos, feitos a mil adagios.

¹ Sem embargo, alguns sonetos estão muito emendados por lettra do A., quer as emendas fossem anteriores, quer posteriores á censura.

O ultimo soneto do volume 2.^o
(centuria V, soneto 100.^o) rema-
ta d'este modo, e com elle a obra:

Miseravel de mim ! com que atrevida
Confiança, a fallar dos mais me meto,
E ponho, em escrever, trabalho e lida ?

Eu estou já no ultimo terceto,
E póde-se acabar a minha vida,
Primeiro que se acabe este soneto.

Que o A. escreveu só dois vo-
lumes não ha dúvida, em virtude
d'estas linhas que se lêem tam-
bem no prologo:

«Escrevi sobre esta materia
os dois volumes, que publico, e
creio que deixei intacta a maior
parte d'ella. Tanta é a abundan-
cia de documentos que os nossos
antigos nos deixaram, e isto sen-
do *rudes*, como dizem alguns,
que fallam á toa; que seria se
fossem *sabios*?»

Esta declaração e as licenças
provam que o A. destinava a sua
obra immediatamente para a im-
pressão. Ignoro os motivos de
não realizar a sua ideia; doença

ou a morte não foi, porque elle falleceu tres annos depois da obra pronta, isto é, falleceu em 1793, e ainda nesse anno tinha publicado uma collecção de 1:273 epigrammas.

Atèqui fallei acerca da parte externa da obra. Vejâmos agora a interna.

Já no prologo o A. nos disse que o seu fim era moralizar. Não busquemos pois nos sonetos outra coisa. O A. só se preoccupa com o *exemplo*, e a *moralidade* que d'elle se colhe. Neste sentido a sua intenção é muito apreciavel: mas isto podia dizer-se em prosa. Preoccupa-se menos com a belleza artistica. A sua imaginação não o leva muito longe; abundam na obra os logares communs. Não obstante, a metrificacão é em geral correcta, embora com versos ás vezes languidos. Muitos sonetos acabam com trocadilhos, ao gôsto gongorico; quasi todos porém tem por fecho um conceito. Não se póde negar ao A. fecundidade: as suas poesias são aos milhares! E' verdade que

elle havia composto um *Diccionario de consoantes*, e era-lhe pois facil rimar . . . Por outro lado a faculdade da versificação desenvolve-se com o exercicio.

Tanto nos *Adagios moralizados*, como nas demais composições poeticas, Couto Guerreiro mostrase bom observador da vida quotidiana; elle mesmo diz:

Como sou curioso e hum tanto dado
A saber de costumes . . . ¹

Neste sentido as suas obras tem bastante valor para a nossa ethnographia; e eu espero publicar um artigo em que dê conta dos elementos da litteratura tradicional contidos nas *Satiras* e nos *Epigrammas* de Couto.

Publico agora quatorze sonetos da sua collecção ms. dos *Adagios selectos*, ás allusões ethnographicas dos quaes farei alguns commentários. Um dos sonetos, o de pag. 182, tem uma referencia

¹ *Satyras e Elegias*, 1786, pag. 213.

autobiographica. No último ha uma preocupação etymologica; a mesma se nota nos *Epigrammas portuguezes*, pag 137, com a palavra *percevejo* ou *percebejo*, que elle deriva de *perceber* ¹, e pag. 213, com a palavra *botelha* ², que elle tira de *botar* ³.

¹ Sobre uma hypothese para explicar *persevejo* (com s), vid. D. Carolina Michaëlis in *Miscellanea* Caix-Canello, pag. 166. O etymo não é porém claro.

² *Botelha* relaciona-se directa ou indirectamente com o lat. med. *buticula*, ou **butticula*.

³ Nos *Epigrammas portuguezes* ha referencias philologicas. A pag. 397 lê-se a seguinte quintilha:

Apologia pela silaba final ão

Eu não sei com que razão
 Pretendem que o ão se esconda,
 Sendo uma terminação
 Que nunca pronunciarão
 Senão com bocca redonda . . .

a que o A. põe como commentario o *ore rotundo* da Arte Poetica de Horacio. Esta quintilha não se entende se se não

A agoa solobra (*sic*)
 Na terra sêcca he doce

MORALIDADE

Tendo o rico fazenda, que lhe sobre,
 O pobre não lhe cede no thesoiro;
 Que na casa do pobre o cobre he oiro,
 E na casa do rico o oiro he cobre.

A cadeira de coiro em casa nobre
 Serviria de afronta, e de desdoiro;
 Na do pobre a cadeira, que he de coiro,
 Em damasco parece que se encobre.

souber que no seculo passado Antonio de Mello da Fonseca (pseudonymo de José de Macedo) escreveu uma obra intitulada *Antidoto da lingua portugueza*, em que pretende desterrar da nossa lingua a terminação *ão*: cfr. F. Adolpho Coelho, *A ling. portug.*, pag. 186, e o meu opusculo *A philologia portuguesa*, pag. 36. — Nos mesmos *Epigrammas portug.*, pag. 401, ha duas quintilhas: uma em que o poeta recusa fallar em antigo; outra em que faz a *Apologia pela lingua portugueza*. Ellas referem-se ás idéas que da nossa philologia corriam

No pobre a çaragoça he um veludo ;
Faz vestido de irapos, que melhora :
O rico nesta parte he muito rudo :

Qual d'ellas vale mais, pergunto agora,
Se a pobreza, que faz melhorar tudo,
Se a riqueza que tudo deteriora ?

(Vol. I, cent. 1, soneto 12.º) ¹.

*

no 7º seculo passado: vid. o meu cit. op.,
pag. 31 e 37 sgg. (sentimento patriotico
e archaismo). Ainda nos mesmos *Epi-*
grammas, pag. 428, ha uma graciosa
quintilha dirigida a *hum grammaticas-*
tro descortês :

Crês que do latim tens tino :
Vejo-te d'elle tão nú,
Que, segundo o que imagino,
Sómente tens de latino
Tratar a todos por tu . . .

pois, como se sabe, o tratamento geral
dos Romanos era o de *tu*.

¹ Neste soneto ha uma allusão ás mobílias e
vestuários do sec. XVIII, de que ainda hoje restam
muitos exemplares.

Jurado tem as agoas
Das negras não fazerem alvas.

MORALIDADE

Porque são as mulheres porfiosas
Em usarem de fucos cento a cento,
Se elles tem feito um certo juramento
De não fazer das feias mais formosas?

Que importam as tanazes horrorosas,
Esse emplasto de pés que he tão violento,
Agoas de Dom Aleixo, e tanto unguento,
Que traz para fazer caras lustrosas?

Não fique alguma já com saudade
D'este Auctor que tomou por sua empresa
Augmentar das mulheres a beldade:

Mil auctores promettem dar belleza:
Porcm tudo o que dão é fealdade,
Excepto o grande Auctor da Natureza.

(I, I, 20) ¹.

*

¹ Vê-se que as damas portuguezas no sec. XVIII não eram menos dadas a cosmeticos e modas esquisitas.

O ladrão, da agulha ao ouro,
do ouro á forca

MORALIDADE

O furto do minino he ninharia,
Mas já merece pena carregada,
Porque, indaque o seu furto he tudonada,
Faz degrao para coisas de valia.

Supponho, que huma agulha furtaria ;
A tesoura amanham leva furtada ;
Depois, vendo a camisa desgarrada,
Esconde no capote, e se desvia.

Já anda as algibeiras inquirindo,
E se em huma achou bolsa a mau recado,
Na sua a arrecadou, e vai sahindo ;

Em fim, tendo no pouco começado,
De degrao em degrao irá subindo,
Até que suba á forca o desgraçado.

(I, I, 23) ¹.

do que a d'hoje. Cfr. tambem o que diz Nicolau Tolentino no mesmo seculo.

¹ Aqui ha referencia a um conto popular portugês de que conheço uma versáo da Beira Alta, e de

Tais alfaças a tais beijos

MORALIDADE

As alfaces dos burros são os cardos,
 Porque os burros os beijos tem grosseiros;
 Delicados setins de cavalheiros
 Não servem a pastores, servem jardos.

Os que tem os discursos muito tardos,
 Não lhes serve fazenda de livreiros;
 Servem-lhes bons arados, bons apeiros:
 Não lhes servem roupões, mas gabinardos.

Não servem arcabuses a casquilhos,
 Que parecem mulheres melindrosas,
 Servem-lhes fusos, rocas e sarilhos.

Tanto servem as armas bellicosas
 Nuns d'estes, como servem os polvilhos
 Nas cabeças peladas e tinhosas.

(I, 1, 48) ¹.

que ha paradigmas estrangeiros, desde a Idade Media:
 vid. estes in *Romania*, XIV, 581.

¹ Cfr. o 2.º soneto.

Muitos alhos em um gral
Pisam-se mal

MORALIDADE

He a nossa memoria limitada,
O nosso entendimento muito rudo;
Por isso o que pertende saber tudo,
De ordinario o que sabe he tudonada.

Para uma só ciencia profundada
He o de toda a vida pouco estudo;
Muito faz, o que tem engenho agudo,
Se em todas sabe dar sua pennada.

Dizendo hum, que he completo, que he inteiro
Em artes, e ciencias, não me cabe
Na cabeça o que diz o tal arteiro:

He, por mais que se exalte, e que se gabe,
*Pedro de malas artes*¹ verdadeiro,
Pelo mal que essas artes todas sabe.

(I, I, 68).

(¹) Sobre esta entidade, cfr. as minhas *Tradições populares de Portugal*, § 365.

Cale, o que deo,
E falle, o que recebeo.

MORALIDADE

A quem faz beneficio, e o apregoa,
Ninguem deve mostrar-se agradecido,
Que elle tem tal vaidade concebido,
Que só nella tem paga, e muito boa.

Quem recebe, e se cala, he má pessoa,
He ingrato, e por não ser convencido
Da divida, que tinha contrahido,
Em vez de a confessar, talvez negou-a.

Arrenego de quem tem vaidade,
Que faz o beneficio desprezado
Com trocallos por fumos, com que enfade :

Arrenego do ingrato depravado,
Que não basta vender-nos a maldade,
Senão levar o preço adiantado.

(I, I, 99).

Muitos são os amigos,
Poucos os escolhidos

MORALIDADE

Muitos amigos ha, que se parecem
Com as sombras, que só nos vão seguindo,
Em quanto ha tempo bom ; mas sobrevivdo
Nuvens e tempo máo, desaparecem ¹.

Porém, poucos amigos se conhecem,
Por modo de santelmos ², acudindo,
Quando o mar com tormenta está bramindo,
E só nuvens escuras apparecem.

Amigos, na abundancia e na fartura,
Acharemos em grande quantidade,
Porque ha gente infinita que a procura;

Mas amigos, na atroz calamidade,
Em os pôr no plural temo censura :
Que sempre he singular esta amizade.

(I, II, 19).

¹ Cfr. Ovidio: *Tempora si fuerint nubila, solus eris.*

² Cfr. *Trad. pop. de Portugal*, § 145.

O trampoço
Azinha engana o cubiçoço.

MORALIDADE

Bastam conveniencias só pintadas
Para lôgro de avaros esfaimados :
Muitos d'elles tem sido já logrados
Com thesoiros de *Moiras encantadas* ¹.

Pedindo-lhes quantias avultadas,
Para serem milhões desenterrados,
Com tanto que elles vão interessados,
Largam logo o dinheiro ás mãos lavadas ².

E por isso ouvirás sempre em lamento
Hum avaro (que só aqui he crível)
Com contos de calotes, cento a cento.

Pandilhas, he o methodo infallivel
De se arrancar dinheiro a hum avarento ;
Com outra qualquer arte he impossivel.

(I, II, 89).

¹ Cfr. *Trad. pop. de Portugal*, pag. 280.

² No texto: *as mãos lavadas*. A frase significa «sem custo», e ainda se usa em Lisboa. Cfr. Bluteau, s. v. «lavado».

*

Morrem barbas,
 Aparecem cartas.

MORALIDADE

Aparecem as cartas convidando
 A acompanhar o corpo á sepultura ¹ ;
 Seguem-se outras, por onde se procura
 Gente, que esteja o officio acompanhando.

Vem escriptos de divida mostrando
 Huns; outros de contracto huma escritura ;
 Com titulos de letra muito escura
 Vem outros huma herança procurando.

¹ Allude-se aqui ás *cartas de enterro*, que entre nós tem formulário e estampas especiaes. — No Codice n.º 526 da *Collecção Pombalina* da Bibliotheca Nacional de Lisboa ha uma *carta de enterro* franceza, impressa, do anno de 1707, tambem com uma estampa semelhante á das nossas: um anjo que chora, etc. (Foi o sr. José Antonio Moniz quem me indicou a existencia d'esta carta).

Outros, que tal ouviram, esmorecem,
E cuidam logo em meios precautorios
A reter essa herança, que appetecem;

Com uns titulos vem contradictorios;
Arma-se huma demanda, e apparecem
Já não cartas sómente, mas cartorios.

(I, II, 37).

*

O tinhoso queria que todos
o fossem

MORALIDADE

Havia huma raposa derrabada,
Que aconselhava ás outras que cortassem
Aquelle longo rabo, e não andassem
Com huma carga inutil e pesada.

Em idade aprendi muito avançada
A lingua grega, e como não faltassem
Nescios d'ella, que o intento censurassem,
A raposa sagaz lhe fiz lembrada.

Quando tem huma falta algum sujeito,
 Quer nos outros a mesma desventura,
 Cuidando que assim fica mais perfeito.

He bem defeituoso o que procura
 Que aquillo que nos outros he defeito,
 Lhe sirva para sua compostura.

(I, IV, 92).

Buscar agoa em fonte secca

MORALIDADE

Buscar dinheiro em casa de poeta ¹,
 Ou em genealogista lingua boa ²;

¹ Cfr. o que da pobreza dos poetas dizem Xavier de Matos, Tolentino, Bocage, etc. Ella tornou-se *logar communis* na poetica classica.

² Este verso póde commentar-se com o que acerca da fidelidade, scrupulo e critica dos genealogistas (ocupação que teve muita voga no seculo passado) diz Rangel de Macedo no seu *Nobiliario*, ms. da Bibl. Nac. de Lisboa (Cod. Pombalino n.º 322), em que se refere principalmente a D. Antonio Castano de Sousa, na *Histor. genealog. da Casa Real*. Dos antigos genea-

Buscar a discrição n'uma pessoa
Que tenha presunção de ser discreta;

Buscar em mercador intenção recta ¹,
Juiz, em cuja pelle se não roa,
Peralta que não ande sempre á toa,
Lisura em jogador, criança quieta;

Buscar servo, ou escravo, que não mente,
Gallego, que não vá sempre ralhando,
Da paga, que lhe déste, descontente;

logistas escreve Rangel de Macedo: «O que estes fizeram foy pôr maculas pelas familias, fazendo caso da mais leve cantiga, de qualquer satyra, e da mais insipida trova; tudo deixaram inscripto, tudo deixaram apontado». (A indicação dos passos do *Nobiliario* a este respeito devo-a ao meu amigo, e collega na Bibliotheca Nacional de Lisboa, o sr. José Antonio Moniz, professor interino da cadeira de Bibliologia, ao qual aqui agradeço).

¹ A *pouca intenção recta* do mercador, a que se refere Couto Guerreiro, ficou estereotypada nas palavras vulgares *traficante* e *tractante*, que tem significação pejorativa, e derivam de *traficar* e *tractar*.

Buscar plebeo do Algarve, que, jurando
 Não confirme o mentir, nelle frequente:
 He agoa em fonte sêcca andar buscando ¹.

(I, v, 20).



¹ Todos os factos indicados neste soneto mostram que Couto Guerreiro observava as cousas com exactidão. O *gallego* nelle referido é o serviçal de Lisboa, a quem ainda hoje se pôde applicar o mesmo juizo. Acerca dos dous primeiros versos do último terceto, cfr. esta quintilha dos *Epigrammas Portuguezes*:

A HUM ALGARVIO

E's praguejador eterno ;
 E não acho razão pouca
 De escrever neste quaderno
 Que a tua boca he de inferno,
 Pois tens o diabo na bocca !

(Pag. 272).

Quem pede para a candeia,
Nunca se deita sem ceia.

MORALIDADE

O pobre ás portarias tem seguro
Com que a vida sem colica sustente ¹ ;
Vestido de matizes excellente
Faz de trapos, que apanha no monturo.

De inverno tem colchão não muito duro
No matto de algum forno, onde está quente ².

onde allude ao mesmo tempo ás pragas em que se falla no Diabo, como por exemplo *Diabos! to levem, so pelo Diabo*, etc. (vid. as minhas *Trad. pop. de Portugal*, § 381 - b).

¹ A's portarias dos nossos conventos dava-se, como é sabido, diariamente aos pobres uma esmola. Nos conventos de S. Bernardo, pelo menos, esta esmola chamava-se *micho*. (Ouvi o termo muitas vezes na Beira-Alta, a gente velha. — Cfr. *micha*, do fr. *miche*).

² Nas aldeias (pelo menos na Beira-Alta) os pobres dormem ás vezes nas casas dos fornos publicos.

De verão, por dormir ao ar, não sente
 Calma; e a sua coberta he o ceu puro ¹.

Se adocece, hospital: de graça come,
 Veste, dorme, e as doenças remedeia;
 Tira esmola, e não sei onde elle a some.

Homem, que nada gasta, e que grangeia,
 Só por indigestão, ou não ter fome,
 De noite poderá ficar sem ceia.

(II, IV, 81).

*

Comei, mangas, aqui,
 Que a vós honram, e não a mim.

MORALIDADE

O que tal proferio, era entendido,

¹ Cfr. a cantiga popular:

Quem quer bem, dorme na rua,
 A' porta do seu amor:
 Das pedras faz cabeceira,
 Das estrellas cobertor.

(*Poesia amorosa do povo port.*, pag. 105)

Porque deo a entender que distinguia
O fazerem a elle cortesia,
Ou fazella a dinheiro, ou a vestido.

Se fosse a elle o obsequio dirigido,
Sua correspondencia merecia ;
Se a dinheiro, ou a fato que trazia,
Esse que se mostrasse agradecido.

Cortesia a vestido se conhece
Que he tolice ; e por isso se rejeita ;
Cortesia a dinheiro he interesse.

Nem toda a cortesia seja aceita ;
Antes ha cortesia que merece,
Em vez de cortesia, huma desfeita ¹.

(II, v, 27).

¹ Sobre o conto popular a que aqui se allude, cfr. F. Adolfo Coelho nos *Contos pop. port.*, pag. XXII, e in *Herculano* (jornal), I, pag. 41 ; e uma nota minha na *Revista do Minho*, I, 57-58.

Lé com lé, e cré com cré

MORALIDADE

Os que nós hoje *clerigos* chamamos,
 Costumou chamar *crelgos* gente antiga;
 Creio que d'estes falle, e d'estes diga
 O *cré* d'este proverbio, que explicamos.

No *lé* convem que *leigos* entendamos;
 E por hum parecer justo se siga
 Que o clerigo com outro faça liga,
 E que os leigos com leigos nos mettamos.

Quer o adagio que o clerigo entendesse
 Com as coisas da igreja, e que fugisse
 De que em outros negocios se mettesse.

Oh! se bem praticado o adagio visse!
 Mas tão mal se pratica, que parece
 Que, por velho, o tem já por caduquice.

(II, v, 74) ¹.

¹ Cfr. supra, pag. 171, e infra, pag. 254-255.

*

* *

Com a obra de Couto Guerreiro acabo o que a proposito de proverbios tinha de dizer na menção das obras pertencentes ao 1.º Periodo da Historia das tradições populares portuguezas; os outros tratados de proverbios, posteriores a estes, irão mencionados no 2.º Periodo. O inconveniente de dividir a lista, ao que fui forçado pelo meu plano, fica remediado com o indice alphabetico por materias que vae junto ao último volume da presente obra.

III— Adivinhações

Neste capitulo fallarei das *adivinhações* ou *adivinhas*, e especies congeneres.— Sobre allusões na nossa litteratura antiga ás adivinhas populares e tradicionaes vid. Theophilo Braga in *O povo portuguez*, II, 377 sqq. — *Adivinhas e adivinhações* são synonymos: mas aquella palavra tenho-a ouvido ao povo do Norte e Centro de Portugal; esta tenho-a ouvido no Sul (Extremadura, Alemtejo).

1. Passatempo de Francisco Lopes.

Do sec. XVI ha uma curiosa obra com o titulo de *Passatempo honesto de enygmas e adivi-*

nhações, composto por Francisco Lopes. A 1.^a ed. é de 1603 (Lisboa); houve outra ed. em 1658; 2.^a parte em 1659; outra ed. em 1677; as duas partes, augmentada a 1.^a com mais vinte adivinhações, sahiram a lume em 1788; ha outra ed., tambem com augmento, de 1817. Tantas edições mostram a grande acceitação da obra.

Esta collecção tem fórma litteraria, mas em muitas das adivinhações houve influencia da tradição oral.

Quem primeiro a considerou material ethnographico, e a aproveitou, foi o sr. Theophilo Braga in *Era Nova*, 1880-1881, pag. 246 sgg., utilizando-a outra vez depois nO *Povo Portug.* II, 379 ss.

2. Adagios de Maria do Ceo.

De valor semelhante á mencionada obra são os *Adagios contidos nos Enganos do bosque e desenganos do rio* (1741) da madre Maria do Ceo. Com o titulo de *Adagios* quer-se indicar uma collecção

de enigmas litterarios (em número de trinta e cinco).

Foi o sr. Sousa Viterbo quem primeiro achou curiosidade ethnographica nesta colleccão litteraria; vid. um art. seu no *Commercio Portuguez*, do Porto, n.º 277, de 3 de Dezembro de 1882. «Cada um dos adagios, diz elle, é acompanhado da sua explicação ou *declaração*, e da sua moralidade ou *aviso*. Os adagios são em verso, alguns d'elles rimados, outros apenas toantes a declaração e o aviso são em prosa».

3 Prosas de Bluteau.

Nas *Prosas portuguezas* do Padre D. Rafael Bluteau, vol. II, Lisboa 1728, pag. 11 sgg., vem uma *Prosa symbolica, tratado compendioso da arte symbolica, declarada em toda a sorte de figuras enigmaticas*, onde a pag. 17, falando-se das *palavras enigmaticas*, se diz: «Nesta cathegoria entra tudo o que chamamos adivinhaçoens, *perguntas curiosas e*

intrincadas questões». Depois cita um proverbio grego, e varios AA. que se referem a este genero.

A pag. 18 continúa Bluteau: « Neste instante me vem á mão hum caderninho deste genero de descripções enigmaticas, que para passar tempo eu fiz em portuguez ha muitos annos». E transcreve-as, desde pag. 18 a 53 ¹. Tem por assunto animaes, objectos de uso, productos da natureza, por exemplo, *a abelha, a aranha, o ouro, a prata, o pentem, o chapeo*, etc. Não são «nem totalmente prosa, nem totalmente verso, mas hum mixto de ambas» (pag. 18). A sua fórma é litteraria; mas algumas revelam reminiscencias da tradição popular. Como amostra, copio uma das descripções enigmaticas:

O gallo

*Despertame a Aurora,
E eu da vizinhança*

¹ Já o Sr. Sousa Viterbo, *loc. laud.*, se havia referido tambem a este trabalho de Bluteau.

Sou um vivo despertador;
 Ainda que caseiro, sou bellicoso,
 Tenho barbas da cor de fogo,
 Com capacete da mesma cor.
 Sem ter botas tenho esporas!
 Com valor armo brigas,
 E são de portas para dentro
 As guerras em que ando.
 Ao som da minha voz,
 Pelo que dizem, estremece
 O mais valente dos brutos.
 Vivo entre Christãos feito Turco,
 Sem pejo, e sem escrupulo,
 Tenho em casa o meu serralho ¹.

A pag. 53-54 conclue Bluteau o seu artigo, citando a *Enigmographia* de Nicolau Reusner, Francfort 1602, e inserindo algumas perguntas enigmaticas attribuidas á antiguidade. — Depois passa a outra materia.

¹ Sobre uma adivinha popular do gallo, em que ha alguns factos analogos aos d'este enigma, vid. F. Adolfo Coelho, *O estudo das trad. pop. na Hespanha*, in *Jornal do Commércio*, de 27 de Outubro de 1882.

IV — Ensalmos

Citarei aqui, por causa do seu titulo especial, a obra latina do Dr. Valle de Moura, *De incantationibus seu ensalmis*, Lisboa 1620; digo *por causa do seu titulo especial*, pois ella foi escrita com intuitos Moraes e ecclesiasticos, embora contenha muitos elementos para a historia das superstições portuguezas dos fins do sec. XVI e primeiro quartel do sec. XVII, — como fórmulas magicas, casos succedidos sobrenaturalmente (por ex., um em Evora, pag. 40), crenças e costumeiras do S. João, exorcistas, amu-

letos (ou mais propriamente *nominas*, por ex. uma que S. Antonio deu a uma mulher de Santarem, pag. 364), a superstição com o boi de S. Marcos ¹, etc.

Já citei este livro na *Era Nova*, pag. 513; d'elle se serviu tambem o Sr. Adolfo Coelho na sua *Revisita de Ethnologia*, pag. 154, etc. ²

¹ Cfr. as minhas *Trad. pop. de Portugal*, § 323-j.

² Possuo um exemplar, que me foi offerecido pelo meu chorado Professor de Medicina, e amigo, Dr. José Carlos Lopes.

V—Obras várias

1 Significação das plantas de Barreyra.

O *Tratado das significações das plantas, flores e fructos, que se referem na Sagrada Escriptura*, do P.^o Fr. Isidoro de Barreyra, foi impresso pela primeira vez em 1622 (Lisboa), e pela segunda em 1698 (ibidem). É obra religiosa, no gosto da de Fr. Aleixo de Santo Antonio, que porém lhe é posterior. Tomando por base a significação symbolica de cada planta, flor ou fruto, como *palma* que significa *victoria*, *oliveira* que signi-

fica *paz*, *muria* que significa *dôr*, etc., onde ás vezes se reflecte a tradição popular, como se vê comparando isso com o que hoje se diz, o A. faz diversas considerações mysticas e edificativas.

No principio da obra ha uma *Taboada*, onde, ao lado do nome de cada planta, fiôr ou fruto, se indica a sua significação,—o que facilita a consulta.

Já fallei do *Tratado* de Barreyra nas *Trad. pop. de Portugal*, § 244.

O uso de escrever livros sobre as significações dos vegetaes manteve-se até á actualidade, como mostrarei adiante, quando tratar do 2.º Periodo.

Diz o abbade Barbosa Machado, na *Bibliotheca Lusit.*, repetido por Innocencio no *Dicc. Bibliogr.*, que Barreyra compusera o 2.º vol. do seu *Tratado*, o qual estivera nas mãos de Fr. Miguel Pacheco procurador geral da Ordem de Christo em Madrid; este vol. não se imprimiu, e ignoro onde pára.

Silva Tullio preparou nova edição do 1.º vol. de Barreyra, ex-

purgando-o de muitos dos textos e citações, e de toda a materia puramente ascetica e espiri-
tual, a fim de o fazer entrar na *Livraria Classica* dos Castilhos, como livrinho «tornado manual e selecto»; mas não chegou a apparecer, nem sei que destino o manuscrito teve ¹.

Nenhum dos bibliographos que tem tratado de Fr. Isidoro de Barreyra tomou, que eu saiba, conhecimento de uma traducção inglesa do *Tratado da significação das plantas*, que se conserva manuscrita na Bibliotheca Nacional de Lisboa, onde eu a encontrei. Intitula-se assim:

A Treatise | of the significations of the Plants, Flowers, and Fruits | which are related in the Holie Scripture | Taken out of the divine and humaine Letters, with | their brieffe considerations: by father frey Isidore | de Barreira, a Religious Man of the Sacred Or... of Christe. |

¹ Colhi esta noticia na *Revista Universal Lisbonense*, IV, 575.

Depois d'este titulo está a traducção do titulo portuguez, a que se segue isto, tambem na nos-
sa lingoa :

*Traduzido do Português em In-
gres; Pello Padre | Frey Carlos
de Santa Brizida Ingres, Rili-
gio | so Professo da dita Ordem
da gloriosa Santa | Brizida. | Lis-
boa | no | convento | de Santa
Brizida | An. ñi. 1646. | Ja-
nuar. 10. | Frey Carlos de St.^a
Brizida.*

No fim do rosto indica-se o im-
pressor, etc., de accôrdo com o
original portuguez.

O vol. é in-4.^o, e tem 328 folhas
numeradas.

Não me posso agora dar ao
trabalho de verificar se a traduc-
ção é fiel.

2. No **Vocabulario** de Bluteau,
s. v. *abusam, superstição, amuleto*,
bem como noutros lugares, ha
bastantes noticias que importam
á ethnographia portuguesa. Ha
analogas noticias no **Elucidario** de
Viterbo.

3. Numa bibliographia geral,

em que houvessem de se mencionar todas as fontes que existem para o conhecimento das tradições populares portuguezas, deviam ainda citar-se obras como as seguintes, mas cuja lista completa seria muito longa (apenas quero dar uma amostra):

Descripção de uma festa burlesca a S. Martinho em 1742;

Relação curiosa da fugida que faz uma velha para o deserto com temor de ser serrada na presente quaresma, Lisboa 1785, — onde se descreve o costume da serração da velha, e ha ao mesmo tempo uma allusão á tatuagem, e se dá um texto em que se imita o dialecto beirão.— A proposito de serração da velha, conheço varios opusculos da litteratura de cordel com estampas grosseiras que representam esse facto.

Invectiva critica contra as bruchas, siganas e benzedeyras, na qual se mostra a ignorancia do vulgo em dar assento aos embustes daquella gente, por A. P. C. — Lisboa 1763.

Os opusculos d'esta natureza referem-se principalmente a assuntos religiosos e a entidades mythicas.

Exposto tudo quanto, segundo o meu plano, e os limites em que desejei encerrar-me, tinha de dizer com relação ao 1.º Período de este *Esboço dos estudos feitos acêrca das tradições populares portuguezas*, passarei a occupar-me do 2.º e último Período.

2.º PERIODO

(De 1824 á actualidade)

Por conveniencia da exposi-
ção, seguirei neste Periodo or-
dem diversa da que segui no an-
tecedente.

I — Almeida Garrett

A' frente do 2.º Periodo está sem dúvida Almeida Garrett, que, tendo, em virtude dos acontecimentos politicos da sua patria, emigrado para fóra d'ella (1823), ahi se relacionou com o movimento romantico inglês, allemão, etc., que dava ás tradições nacionaes de cada país toda a importancia litteraria e scientifica ¹.

¹ Vid. o proprio Garrett, no *Romanço*, t. I (Lisboa 1853), pag. XXV; e II (Lisboa 1851), pag. XLIII.

Já em 19 de Novembro de 1824 dizia elle a Duarte Lessa, em carta provinda do Havre: «Lembra-se das nossas conversas de Londres sobre antigualhas portuguezas, e o muito que d'ellas podia aproveitar quem de nossas legendas (sc. *lendas*) e velhas historias e tradições fizesse o que tão bem fazem ingleses e allemães, que é vesti-las dos adornos poeticos, e sacudir-lhes a poeira dos seculos com bem assisada escolha e apropriado modo?»¹. — Ao fallar do *maravilhoso* que empregou no seu poema *D. Branca*, diz elle na mesma carta: «esta é nossa legitima e verdadeira mythologia, e não a de gregos e romanos, que á queimadura nos metteram em casa os que, aperfeiçãoando nossa poesia com as bellezas classicas, lhe tiraram todavia a *originalidade*, o natural, e para o dizer assim, a *nacionalidade* propria

¹ Vid. *Memorias de Garrett* por Gomes de Amorim, I, 350.

sua » ¹. O mesmo pensamento estava na *D. Branca*:

Nossas lindas ficções, nossa engenhosa
Mythologia nacional e propria
Tome em fim o logar que lhe usurparam
Na lusitana, antiga poesia ².

Era assim que Almeida Garrett condemnava os themes poetico-classicos da Arcadia, proclamando-se revolucionario na arte, o que com mais clareza indica nestas palavras: «Eu, que ousei levantar o pendão da reforma litteraria nesta terra, soltar o primeiro grito de liberdade contra o dominio oppressivo e antinacional da falsa litteratura...» ³.

Na citada carta continúa elle: «O que eram os oraculos para os gregos são para nós as feitiçarias, as buenas-dichas, as sortes e adivinhos; os agouros dos romanos são as nossas bruxarias; as nymphas, as naia-

¹ Apud Amorim: *ib.*, I, 354.

² Canto III, est. 7.

³ *Romanceiro*, vol. II (Lisboa 1851), pag. VI-VII.

des, as divindades, de uns e outros são os nossos *espíritos*, os nossos *genios*, *fadas*, *mouras encantadas*, etc., etc. Os seus sonhos mysteriosos as nossas visões, suas sibyllas as nossas benzedeiras, e as suas metamorphoses os nossos encantamentos, os seus *superi* e *inferi* os nossos espíritos bons e maus, — e assim por deante » ¹.

Em 1824 tinha pois Garrett comprehendido que o principio fecundo das litteraturas são as tradições nacionaes.

Levado de essas ideias, e ainda com as reminiscencias das narrativas que na sua infancia ouvira ás boas mulheres Brigida e Rosa de Lima, começou, por intermedio de pessoas amigas, a colligir da boca do povo, logo em 1824 ², versões de ro-

¹ Apud Amorim, *Memorias*, I, 355. — A's *moiras encantadas* torna ainda a referir-se Garrett nas notas da *Adosinda*, Londres 1828, pag. 117.

² Vid. Amorim, *Memorias*, I, 385-386; cfr. *Adosinda* (1.^a edição), paginas XXIII-XXIV.

mances ou xacaras, algumas das quaes lhe serviram de base para os seus dois poemetos *Adosinda*, e *Bernal e Violante*, publicados em Londres em 1828, e que se tornaram o inicio de uma litteratura romantico-plangente de castellos feudaes, cavalleiros das cruzadas, correrias de Mouros e romarias a Compostella, que durou mais de trinta annos. As xacaras populares em que Almeida Garrett assentou os referidos poemas denominam-se *Bernal Francês*, e *Silvana*, e estão impressas, puras ou quasi puras, no mesmo volume em que estão os poemetos ¹: eis aqui, em 1828, as mais antigas xacaras publicadas da tradição popular portuguesa.

Em 1829 possuia já Garrett uma collecção de vinte e tantas xacaras, correctas e annotadas, depois de collacionadas com as

¹ Vid. *Adosinda*, Londres 1828, paginas XXVI e 107.

infinitas variantes de cada uma ¹. Depois d'essa epoca augmentou ainda o seu peculio, e, «tomando para modêlo as estimadas collecções de Elis e do bispo Percy e a das fronteiras de Scocia por Sir Walter Scott», começou a dar novas fórmãs e mais amplos limites á sua compilação, que no principio intitulara *Romanceiro Português* ².

Appensa á tragedia *Catão* de Garrett, Londres 1830, vem uma pagina com annuncios de algumas das suas obras. Cada annúncio é acompanhado de uma noticia acêrca das obras (algumas das noticias são juizos de Kinsey, *Portugal Illustrated*). Sobre a *Adosinda* lê-se a seguinte noticia, que foi certamente feita pelo proprio Garrett, e que corrobora as palavras ha pouco

¹ Vid. *Romanceiro*, I (1853), pag. X.

² Vid. *Romanceiro*, I (1853), pag. XIII. Cfr. *Adosinda* (1828), pag. XLVII-XLVIII.

citadas: «E' uma imitação moderna do genero dos antigos trovadores e menestreis. O assunto é tirado de uma das cantigas populares e tradicionaes que se cantam nos campos de Portugal, — como a da *Bella Infanta*, do *Conde Anardo*, de *Bernal francês*, etc. — Vem precedido de uma carta ou breve memoria sôbre a antiguidade e natureza da poësia romantica-popular em Portugal. — O auctor quis tentar em portugûês, e com os dispersos elementos de nossa archeologia, o mesmo que os mais illustres poëtas e romancistas modernos (entre os quaes Sir W. Scott) com tão feliz successo teem conseguido em Inglaterra e Allemanha».

Sahindo de Paris em 1832 para os Açores, ahi additou copiosamente a sua obra com o concurso de criadas velhas e de uma mulata brasileira ¹. No vol. I do *Romanceiro* (1853), pag. XIX

¹ Vid. *Romanceiro*, I (1853), pag. XVI.

sqq., refere-se elle, ainda, aos auxilios que recebeu, até que, « movido pela conscienciosa memoria do Dr. Bellermann, impressa em 1840 ¹, pelo interesse geral que se tem desenvolvido no mundo pela litteratura popular das nações modernas, e especialmente das nossas peninsulares, interesse que, por fim e em fim, ha-de vir a reflectir em nós tambem, e despertar-nos para abrir os olhos ás riquezas proprias », e movido ainda pelos conselhos e rogos do seu amigo Adamson, se resolveu a alargar o plano da obra e collecção, tencionando reunir, sob a nova denominação de *Romanceiro e Cancioneiro Geral*, todos os documentos que pudesse « para a historia da nossa poesia popular, desde onde memorias ou conjecturas ha, até á epocha actual, acompanhando-os de explicações

¹ Este livro intitula-se *Die alten Liederbuecher der Portugiesen*, Berlin 1840.

e glossas, que vão servindo de nexo, que sejam como a liça, o nastro que áte esses pergaminhos »¹.

O *Cancioneiro* não o chegou a publicar, comquanto elle conhecesse a lyrica popular, pois a cita²; publicou apenas o *Romanceiro*, que (na 3.^a ed., Lisboa 1851-1853) se compõe de dois livros³:

1) *Romances da renascença*.

II) *Romances cavalleirescos antigos* (subdividido este ainda em duas partes).

¹ *Romanceiro*, I (1853), pag. XXIII-XXIV.

² Por ex. no *Romanceiro*, I, 265.

³ A 1.^a edição do *Romanceiro* appareceu de 1843 a 1851. — Na *Illustração*, — *jornal universal* —, vol. I, 1845, pag. 22-23 e 59-60, tinha publicado Garrett segunda vez a xacara de *Bernal-Francês* (primeiro publicada em 1828, como digo no texto), precedida de um estudo a respeito d'ella, e acompanhada de uma traducção hespanhola; este artigo foi depois aproveitado em nova edição do *Romanceiro*.

No Livro I comprehendeu elle varios poemetos originaes seus, que se baseavam em tradições populares portuguezas; no Livro II comprehendeu os romances colhidos na tradição oral, e por elle aperfeiçoados no lado litterario, já de harmonia com o gôsto do collector, já segundo o confronto de varias versões do mesmo thema.

Garrett indicou muitas vezes no pé da página as variantes de cada composição, e, tanto nas introduções das xacaras, como no fim dos volumes, juntou muitas notas comparativas, traducções em lingoas estrangeiras, referencias dos nossos antigos escriptores aos romances tradicionaes, etc., — o que tudo dava á sua obra não só novidade não suspeitada no seu tempo entre nós, e cheia de attractivos, mas tambem grande valor litterario e mesmo scientifico, porque, independentemente das observações exactas que Almeida Garrett fez acêrca dos caracteres ethnologicos do povo portuguez, e das

ideias geraes que emittiu sobre a litteratura popular, preparou o caminho para outros investigadores nossos alargarem a área d'estes estudos, ministrou materiaes em que se exerceu a critica de alguns notaveis eruditos estrangeiros (por ex. Wolf ¹), e indicou qual era o *humus fecundo* de que a litteratura propriamente dita devia alimentar-se para ser nacional, verdadeira, bella e duradoura, o que elle exemplificou praticamente com os seus magnificos dramas, poemas, novellas, onde se mostrou profundo conhecedor de todas as nossas tradições.

Taes merecimentos attenuam sem dúvida, e muito, as inexactidões que commetteu ao interpretar e historiar certos romances populares, e ao introduzir modificações, ás vezes arbitrárias, na obra popular, que elle assim adulterava: embora estas

¹ *Proben portugiesischer und catalanischer Volksromanzen*, Wien 1856.

adulterações não mereçam a accusação severissima e exclusiva que o snr. Theophilo Braga lhes faz nas *Epopêas da raça mosarabe*, Porto 1871, pag. 339-356, tanto mais que nem sempre ellas são em pontos fundamentaes, mas frequentemente só no metro e na rima, a que aliás Garrett sabia dar, como delicado e perspicaz artista que era, côr e feição populares.

Quando se estuda a evolução das ideias, é necessario attentar no quanto custou a aquisição de cada phase d'ella. O homem, naturalmente egoista, nem sempre aprecia com justiça os que o precederam, porque imagina que aquillo que para elle se tornou evidente e facil, o era tambem para os primeiros que trabalharam no assunto: mas, que esforços não representa ás vezes a conquista de um facto bem simples! Volvendo ás circumstancias em que Almeida Garrett fez a sua revolução litteraria, num país onde nunca ninguem tinha fallado da importancia ethnogra-

phica que por ventura podia ter a poesia popular, creio que o devemos desculpar de alguns dos seus defeitos, e louvá-lo pelo espirito novo que introduziu. Sem dúvida, depois d'elle se progrediu; todavia, ainda a alguns d'aquelles que se lhe seguiram se podem dirigir muitas das censuras que no citado livro do snr. Th. Braga se dirigem ao verdadeiro iniciador do estudo scientifico das tradições populares portuguezas.

Para que o meu elogio não pareça exaggerado, por causa da muita veneração que tenho a todos os trabalhos de Garrett, trabalhos em que tão elevadamente se manifesta o santo sentimento da patria, aqui transcrevo as palavras do snr. A. Morel-Fatio, que, por conhecer muito bem as litteraturas de Portugal e Hespanha, e ao mesmo tempo ser estrangeiro, deve passar por insuspeito. Citando um trecho de Garrett em que este falla do seu processo de *collacionar* as diver-

sas variantes umas com as outras, para assim apurar o que elle chamava um «texto mais legitimo», diz o illustre philologo francês: «Si l'on songe... que ces lignes ont été écrites en Portugal en 1851, et qu' Almeida Garrett a eu le mérite non-seulement de réunir avec une persévérance peu commune les romances dont il a formé sa collection, mais aussi d'en éclairer, très souvent avec succès, les origines, on ne le lui marchandera pas une reconnaissance qu'il a bien meritée» ¹.

No citado estudo, intitulado *Proben portugiesischer und catalanischer Volksromanzen*, diz tambem seu auctor F. Wolf, depois de ter fallado de um trabalho de Milà y Fontanals acêrca da Catalunha: «Assim, foi em verdade preciso que o mais notavel poeta dos tempos modernos em Portugal, o, ha pouco, infelizmente fallecido, tambem bastante conhecido como estadista, J. B. d'Almei-

¹ In *Romania*, II, 152.

da-Garrett, dêsse a conhecer, e fizesse apreciar aos proprios Portuguezes, o thesouro de romances antigos, legitimos e indigenas, que o camponês, aferrado á antiguidade, e o pastor, fiel aos seus cantos, lhes tinham conservado,—ao passo que as pessoas cultas, desdenhadoras d'este ouro legitimo, marcado com o cunho nacional, procuravam imitar e naturalizar os europeis francezes. Ninguem, que tenha conhecimento do *Romanceiro* (vol I, 3.^a ed., Lisboa 1853; vol. II e III, *ibid.* 1851;—ou *Obras de Garrett*, vol. IV, XIV e XV) publicado agora por Garrett, jámais contestará que os Portuguezes tambem possuem romances que lhes são proprios, e que são antigos e legitimos, entre os quaes ha alguns que pertencem aos mais bellos de todas as nações» ¹.

¹ Este estudo foi publicado em 1856 nas *Actas das sessões da Academia de Viena d'Austria, Cl. philosoph. hist.*, t. XX. O trecho que aqui traduzo vem a

*

Além do citado trabalho sobre os romances populares, Almeida Garrett publicou outro, denominado *Da poesia popular em Portugal*, que sahio na *Revista Universal Lisbonense*, vol. V, annos de 1845-1846, pag. 439, 450, 460, 473 e 483. A esse trabalho me referi no meu livro *Poesia amorosa do povo português*, Lisboa 1890, pag. 73-74, e para lá remetto o leitor.

pag. 19.— O mesmo estudo foi tambem publicado separadamente em volume (extracto).

II—João Pedro Ribeiro

Se Almeida Garrett, já em 1824, via a importancia do estudo das tradições populares, principalmente consideradas como base para a regeneração da litteratura do país, e como elemento de demopsychologia e de critica litteraria,—o seu contemporaneo, o prof. João Pedro Ribeiro, que não era artista, mas sim philologo, paleographo, e eruditissimo investigador da nossa vida social, sobre tudo da Idade-Média, considerava tambem, em 1835, o exame das superstições e credences do vulgo como elemento indispensavel para o conhecimento da Historia da Igreja Lusitana. Trata

d'este objecto em especial nas *Reflexões historicas*, Pt. I, n.º 11, pag. 36-41, enumerando como fontes de estudo, além das leis canonicas, as leis civis, e a tradição oral.

A proposito d'esta, o A. indica varios costumes e superstições (no texto e nas notas), já antigas, já modernas: *Janeiras* e *Maias*, referidas no célebre Accordão da Camara de Lisboa (do tempo de D. João I), que elle commenta com a descripção de usos do seu tempo (por ex. os *Maios pequeninos* e o *Imperador das Eiras*); procissões do Corpo de Deus e do «Cêrco»; enterros e casamentos; imploração do patrocínio dos santos; curandeiros; a festa popular do S. João ¹.

¹ Num exemplar que d'esta obra comprei num leilão, para a Biblioteca Nacional de Lisboa, e que pertenceu ao cardeal D. Fr. Francisco de S. Luis, escriptor muito curioso da nossa historia, ha uma nota ms. d'este acêrca da festa do S. João, que elle com razão julga ser

Na mesma obra, Pt. II, appendice ao n.º 2, pag. 16-18, traz o A. uma breve nota sobre adagios agrarios, de que relaciona alguns, mas que em especial encara sob o aspecto da Economia Politica.

Tanto debaixo d'este último aspecto, como em relação á Historia nacional, ha ainda em muitos dos variados e riquissimos escritos do infatigavel João Pedro Ribeiro notas avulsas que podem servir para o estudo da Ethnographia Portuguesea, o que tambem succede com o *Elucidario* de Santa Rosa de Viterbo (cfr. supra, pag. 201).

mera santificação catholica de uma festa pagã relacionada com o culto do sol e o dos outros astros, no solsticio do Verão.

III — A. Herculano

Em 1840 publicou A. Herculano no *Panorama*, vol. IV, pag. 138 sqq. e 162 sqq., dois artigos com o titulo de *Crenças populares portuguezas*, visivelmente inspirado no n.º 11 da 1.ª Pt. das *Reflex. histor.* de João Pedro Ribeiro (de que ha pouco fallei), mas com mais algum desenvolvimento e alcance.

Herculano reconhece quanto vale o estudo das crenças e superstições populares para o conhecimento da *historia do viver* das nações; e por isso propõe em seu animo reunir nestes artigos noticias sobre algumas, quer antigas, quer modernas, estas colhi-

das na tradição oral, aquellas na litteratura propriamente dita, e nas leis ecclesiasticas (constituições episcopaes) e civis, sobre cuja importancia especial faz considerações muito sensatas.

As tradições reunidas, embora não sejam em grande numero, são curiosas; Herculano ás vezes compara mesmo as antigas com as modernas, e as nossas com as estranhas.

Depois de curta introdução sobre a origem psychologica das superstições, trata dos seguintes assuntos portuguezes:

1) Superstições enumeradas nas *Posturas* da Camara de Lisboa de 1385, a proposito das quaes cita varios AA. portuguezes (cfr. João Pedro Ribeiro, supra);

2) Desafios e *juizos de Deus*;

3) Leis contra a feitiçaria;

4) Representações dentro das igrejas;

5) Feiticeiras, bruxas e lobis-homens.

Prómette tratar ainda de outras superstições e crenças, especialmente das *mulheres de virtu-*

de; não me consta porém que levasse avante o intento.

Não admira que quem, como Herculano, tratou de problemas historicos com tanta profundeza e sagacidade, e occupa na litteratura portuguesa contemporanea um dos primeiros lugares, senão o primeiro, olhasse tambem uma vez, em particular, para as tradições populares, e as considerasse com toda a justiça material ethnologico. Nos romances historicos, deu Herculano, como Garrett, igualmente a devida importancia aos costumes nacionaes.

V.—D. Maria Peregrina de Sousa

Aos tres grandes investigadores, Garrett, João Pedro, e Herculano, que não cultivaram sómente este restricto campo, mas alargaram o espirito e dirigiram o olhar por mais longe, venho agora juntar um nome, que, com quanto modesto, sería injustiça deixar no silencio, ao traçar este esbôço historico. Refiro-me á snr.^a D. Maria Peregrina de Sousa, do Porto, que, levada das leituras romanticas da epoca, e do seu proprio gôsto, e educada nos campos da Maia e de Leça da Palmeira, entre os lavradores e as velhas, começou em 1844

a mandar para a *Revista Universal Lisbonense* de Castilho uma série de artigos, em fôrma epistolar, sobre costumes e superstições populares do Minho.

A 1.^a carta tem a data de 10 de Agosto de 1844, e a ultima a data de 4 de Junho de 1845. Numa biographia da snr.^a D. Maria Peregrina, escrita por Antonio Feliciano de Castilho na *Revista Contemporanea de Portugal e Brasil*, 1861, diz este auctor a proposito d'aquellas duas cartas: «Redigia eu a *Rev. Univ. Lisbon.*, quando, pelo correio do Norte, entrei a receber uma série de curiosos artigos escritos em portuguez-portuguez, em portuguez do Minho, sobre crenças e superstições d'aquella provincia, sem mais assignatura que o modesto cryptonimo *Uma Obscura Portuense*» ¹. E chama aos artigos «conversação da aldeia em serão desenfastiado» ².

¹ Pag. 273.

² *Ib.*

O mesmo Castilho, em carta que escreveu á *Obscura Portuense*, em 7 de Dezembro de 1844, mais a estimula da seguinte maneira á colheita das tradições populares para a *Rev. Universal*: «Em Villa-do-Conde, e por algumas outras povoações d'essa mesma costa, consta-me que ainda hoje se conservam, com muitos e mui preciosos restos d'aquelle gracioso e limpo fallar dos nossos avós, muitos costumes, crenças e abusões, ás vezes bem poeticas, mas poeticas ou não, muito dignas de serem conhecidas, cuja origem poderá ter muitos seculos e talvez até seja mais antiga que a da monarchia. V. Ex.^a, que tão apreciavelmente nos soube contar alguns pontos da credulidade popular nessa provincia, não poderia historiar-nos todos esses costumes e crenças insolitas da gente de Villa-do-Conde, ou de quaesquer outras terras? por exemplo, as cerimoniaes com que se annuncia á mulher de um pescador que o marido lhe mor-

reu afogado, o que a viuva então faz e diz, a serem como m'as descreveram, são coisas de muito chistosa originalidade; a procissão de *Corpus Christi*, que hoje nas cidades nada tem que vêr, affirmam-me que ainda por lá conserva uma grande parte dos seus extravagantes accessorios de tres e quatro seculos: a serpe, os moiros dançantes, etc. etc.»¹

Assim animada por um escritor que gozava de tanto credito, e dispunha de tanta auctoridade litteraria, continuou a sr.^a D. Maria Peregrina em seu afan, e logo no n.º de 19 de Dezembro de 1844 da *Rev. Univ. Lisbon.*, appareceu com outra carta, a que se seguiram mais, sendo a ultima em 4 de Junho de 1845. Como, ao acabar o vol. IV, Castilho sahiu da direcção

¹ Esta carta, que está inedita, offereceu-m'a com outras de Castilho e de varios outros AA., em 1876, a sr.^a D. Maria Peregrina de Sousa, a quem ellas eram dirigidas.

d'aquella *Revista*, tambem a snr.^a D. Maria Peregrina deixou de lá escrever.

Ao todo as cartas são doze, e aqui dou os seus summarios:

Carta 1.^a, 10-VIII-1844 (*Rev. Univ. Lisbon.*, IV, pag. 71): Corpo de afogado.—*Santas molheres* ¹.

Carta 2.^a, 10-X-44 (pag. 178): Superstições várias.—*Signo-Saimão e figa*.

Carta 3.^a, sem data (pag. 267). Parece ser já resposta á de Castilho. Assuntos: *Horas abertas*.—Seres sobrenaturaes (Bruzas, cousa ruim, Diabo, almas penadas, Corredor, Moiras, etc.). Superstições várias.—Benzedeiras.

Carta 4.^a, 23-XII-44 (pag. 300): Costumes do Natal.—Corrida do gallo.—Loas e entremeses nas festas.

Carta 5.^a, 7-I-45 (pag. 337): *Conversados*.—Bodas.—Saudações.—

¹ A pag. 267 ella propria diz que esta carta foi a 1.^a com que encetou a materia.

Bailes.—Desafios poeticos.—Festa da «vista» em Landim.

Carta 6.^a, sem data (pag. 374): Procissão das *fogaças*.—Outras procissões.—O ouro no povo do Minho.

Carta 7.^a, 23-II-45 (pag. 402): *O corpo aberto*.

Carta 8.^a, 10-III-45 (pag. 420): Superstições várias (talhar, ensalmos, culto da lua-nova).

Carta 9.^a, 15-IV-45 (pag. 518): *Conversados* (appendice a uma anterior).—Domingo *do bradar*.—Crendices.—Usos do cozer do pão.—Culto do mar.

Carta 10.^a, 1-V-45 (pag. 530): Festa de S. Gonçalo em Amaranthe.—Corpus-Christi em Penafiel.

Carta 11.^a, 7-V-45 (pag. 552): Meios de talhar.—Crendices várias.

Carta 12.^a, e ultima, 4-VI-45, (pag. 583): Costumes a respeito dos ninhos.—Crenças várias (A A. diz que com esta carta lhe «acaba a provisão de crendices e abusões que havia feito nos armazens do entendimento humano nas aldeias»: pag. 583).

A auctora d'estas cartas, com quanto considerasse as superstições e costumes como restos de crenças pagãs, chamava-lhes *charlatanismos*, e antes via nellas erros que convinha extirpar, ou meras curiosidades litterarias, do que propriamente documentos ethnographicos. Ainda assim, taes artigos tem o merecimento de encerrarem juntas muitas noticias exactas, e em primeira mão.

Apesar de a snr.^a D. Maria Peregrina dizer a cima que o seu assunto estava esgotado, isto não era rigorosa expressão da verdade, pois acho vestigios da sua actividade neste sentido, pelo menos até 1862.

No *Almanach de Lembranças* tem ella artigos sobre tradições populares do Minho, nestes annos: 1854 (pag. 135); 1856 (pag. 271); 1857 (pag. 376); 1858 (pag. 114 e 303); 1859 (pag. 87); 1860 (pag. 296) e 1861 (pag. 144 e 303).

A julgar de uma carta de Antonio Feliciano de Castilho, tambem ella escreveu no *Archivo Po-*

pular; não sei sobre que materia, talvez fosse sobre tradições populares.

A' propôrção que ella colhia as tradições do seu país, e em especial dos seus sitios, dava-lhes ás vezes fórma poetica, segundo a moda do tempo, introduzida com tanto talento por Garrett, embora desvirtuada pelos seus continuadores. A sr.^a D. Maria Peregrina escreveu assim várias poesias, como: *Os duendes e o rapaz* ¹, baseada num conto popular; *As bruxas do Chavascal* ²; *As casarias do phantasma* ³, baseada noutro conto popular;— e tambem xacaras, como *A nau Cathrineta*, *D. Carlos de Montemar*, *O cego*, *Mal de saudades*, que são, com leves alterações, copiadas da boca do povo (as tres primeiras são muito conhecidas pelos titulos, a quarta

¹ *Almanach de Lembranças*, 1858, pag. 262.

² *Ib.*, 1859, pag. 379.

³ Tenho-a manuscrita: não verifiquei se foi publicada.

corresponde ao n.º 22 do *Romanceiro* de Th. Braga) ¹.

Da snr.ª D. Maria Peregrina ha ainda outras poesias, e romances em prosa, com allusões a costumes, e com reflexos de linguagem popular ².

Todas estas composições litterarias são sobretudo apreciaveis pelas noticias que contém; a verdadeira arte pouco ahi se revela, ou nada.

Como é sabido, Antonio Feliciano de Castilho apprehendeu a traducção dos *Fastos* de Ovidio, addicionando-lhes notas feitas pelos escriptores portuguezes contemporaneos. Em carta que elle escreveu em 1 de Setembro de 1859 á snr.ª D. Maria Peregrina, enviando-lhe as sete primeiras folhas da traducção, dizia-lhe, depois de lhe expôr o plano das notas: «Desejo eu,

¹ Tenho-as manuscritas. Tambem não verifiquei se foram publicadas.

² Vid. a lista da maior parte d'estas composições na citada *Revista Contemporanea*, 1861, pag. 310 sqq.

pois, que V. Ex.^a, e, se a amizade pôde exigir, exijo, e ordenaria se pudésse ordenar, desejo, repito, que V. Ex.^a, ao passo que for lendo estas folhas, vá apontando os trechos que lhe servem para o seu quinhão, pois numa das cabeceiras da mesa d'este banquete está já posta, e toda enflorada, a cadeira de V. Ex.^a E' evidente que do tempo dos Romanos ficaram, e duram ainda, por estas nossas terras costumes e crenças d'esses senhores do mundo: uns, tão pouco desfigurados, que á primeira vista se reconhecem; outros já mais adulterados, mas que ainda assim, depois de um pouco de reflexão, confessam sem nenhuma dúvida o que foram. D'estas crenças e d'estes usos populares ninguem encerra na memoria mais amplo archivo do que V. Ex.^a, como V. Ex.^a por tantas vezes no-lo tem provado em páginas deliciosas de singeleza e graça. Queira, pois, V. Ex.^a ser a commentadora especial de tudo o que nos Fastos romanos lhe

recordar alguma coisa antiga abolida ou conservada, quer na sua provincia, quer em outra d'este Reino» ¹. A nossa escritora não deixou de corresponder ao pedido, como já vamos ver. Noutra carta de Castilho, da qual porém só conservo parte, lê-se ainda: «Das superstições do Minho nada tenho para acrescentar ao que já por vezes tenho dito a V. Ex.^a e mais ao publico: é um assumpto rico, ricamente tratado; se V. Ex.^a fôr por lá desencantando mais algumas d'essas crenças e práticas populares, queira mandá-las em quanto for tempo, que eu as introduzirei nos seus logares respectivos».

Os artigos que a snr.^a D. Maria Peregrina publicou com caracter ethnographico como notas aos *Fastos de Ovidio* são: dois dictados já conhecidos, I, 571; influxos do leste, I, 572; pancadas de amor, I, 572; casamentos

¹ Esta carta possuo-a eu tambem.

mal estreados, I, 577; eliciação do raio, II, 278; conjuros ao nascer do sol, II, 551; saltar fogueiras, II, 552; Maias, III, 236; medo aos finados, III, 264; privilegio das aves, III, 532; estriges e bruxas, III, 582. — Tudo do anno de 1862.

Castilho, quando pedia que ella lhe enviasse apontamentos sobre vestigios de usos e tradições dos Romanos, não reparava em que, visto que os usos e tradições se encontram com a mesma fórma nos mais diversos povos, era extremamente difficil, senão mesmo ás vezes impossivel, determinar o que tinha origem romana, ou o que era anterior ou posterior aos Romanos; melhor fôra, pois, ter pedido que a snr.^a D. Peregrina procurasse, não restos da acção dos Romanos, mas simplesmente factos que se pudessem comparar com os que Ovidio menciona nos *Fastos*. Mas isso pouco faz ao meu caso, porque o resultado seria o mesmo.

Depois de 1862 não me consta que ella publicasse mais nada

sobre tradições populares, a não ser um artiguinho intitulado *Costumes Populares da Maia*, que a meu pedido escreveu para o *Anuario das tradições populares portuguezas* (1882), onde sahio a pag. 22-34.

Todos os artigos da snr.^a D. Maria Peregrina, ainda que avulsos, e sem plano scientifico definido a que se subordinassem, comprehendem muitas curiosidades ethnographicas, e constituiam quasi uma novidade para a epoca em que appareceram a lume, além de estarem escritos com muita candura e singeleza. Foi por causa d'essa novidade que dei ao presente paragrapho extensão desproporcionada em relação a outros de maior importancia.

V.—Ainda os «Fastos».—Almanachs.

Obedecendo á mesma ordem de ideias que o levavam a estimular, já em 1844, a snr.^a D. Maria Peregrina de Sousa a entregar-se á colheita das tradições populares portuguezas, e seguindo principalmente as vias já por Garrett e Herculano pisadas, contribuiu tambem Castilho para que nas notas dos *Fastos*, que elle traduziu de Ovidio, sahisses mais estudos de tradições populares.

No vol. II, anno de 1862, pag. 290,

ha um artigo de Joaquim da Costa Cascaes intitulado *Romarias*, onde vem as seguintes cantigas populares que o auctor do artigo ouviu em pequeno na romaria do Senhor da Serra, em Aveiro:

Divino Senhor da Serra,
 Divino Senhor sejaes,
 Não tenho nada de meu,
 Vós, Senhor tudo me daes.

Se fores á Pocariça,
 Não passes por Cantanhede,
 Que está lá um «Deus te livre»
 Mettido numa parede.

Numa epoca em que não havia ainda no nosso país collecções de cantigas populares, isto era realmente importante.

No vol. III, pag. 306-362, publicou Gonçalo Tello de Magalhães Collaço um artigo intitulado *Feiticeiras e Bruxas dos Romanos e Mezinheiros e Mezinheiras dos Romanos*, artigo curioso, principalmente pelas citações que ahí se fazem da litteratura latina,

mas onde a erudição não é sempre de primeira fonte.

*

Foi certamente ainda pelo impulso de Castilho que o *Almanach de Lembranças*, cuja fundação (1850) se deve a seu irmão Alexandre Magno de Castilho, se tornou copioso repositório de superstições e costumes populares, que já tem sido aproveitadas competentemente pelos diversos investigadores, e que serão talvez o principal título que recomende aos bibliographos do futuro este longêvo Almanach.

Analogamente ao que succede com o *Almanach de Lembranças*, e ao que succedia com a *Revista Universal*, também noutros almanachs e periodicos contemporaneos ou posteriores apparecem numerosos artigos soltos com indicação de costumes e crenças populares.

Como o escrever é para muita gente uma tentação, e não ha nada mais facil do que respigar

na tradição oral, que é assunto sempre á mão e é inexgotavel, explica-se facilmente que haja, de certa epoca em diante, abundancia de artigos do genero, tanto mais que elles despertam sempre a curiosidade dos leitores.

VI. — Adagiarios

1. Collecção de proverbios, adagios, rifões, anexins, sentenças moraes e idiotismos da lingua portugueza por P. Perestrello da Camara, Rio de Janeiro 1848.

O A. considera as sentenças e proverbios familiares como «um dos atavios que mais adornão e realção qualquer idioma»; desejando que houvesse «um manancial d'estas galas e enfeites de tanto uso na sociedade», resolveu-se «a publicar a presente collecção alphabetica, onde tambem vão incluidos alguns idiotismos, synonymos, e termos mais ambi-

guos ou complicados». Sobre as suas fontes diz elle: «Tal materia já foi em parte investigada no seculo passado e publicada em Lisboa no anno de 1780, com o titulo de *Adagios, anexins, etc.*, porém este trabalho mui longe se desvia do que d'elle era de esperar, porque, além de não dar a significação d'expressão alguma, por mui diffusa que seja, espraia-se unicamente seu autor em repetir, pela maior parte, phrases que, ou cahirão em desuso, ou pouca elegancia e força encerrão, — e o que na dita obra pudémos colher de bom, vem transcripto na presente Collecção, a qual julgamos supprir esta lacuna, ou pelo menos, conter o que ha de mais saliente».

Com effeito, o A. dá a explicação das phrases metaphoricas ou allegoricas. Como fica dito, a sua collecção não consta só de adagios. Algumas vezes illustra elle com citações de poetas e prosadores os vocabulos ou phrases que pretende explicar. — Este livro tem pois importancia philo-

logica ao lado de importancia ethnographica.

2. **Rifões portuguezes** (no jornal lisbonense *A Epocha*, 1848-1849, t. I e II, — cfr. o indice, s. v.).

Os rifões estão dispostos pela ordem dos assuntos, como em Delicado. Nas linhas que precedem a collecção diz-se: «Começamos hoje a publicar uma collecção de *Rifões*, que nos foi communicada por uma pessoa respeitavel e estudiosa, profundamente iniciada nas nossas cousas populares, que as ama como cousa nascida na patria, que as medita como objectos litterarios que conservam o sabor puro e singelo dos tempos primitivos» (vol. I, pag. 396). Aqui parece haver já em parte influencia das ideias de Garrett.

A collecção termina na palavra *conselho*, porque o jornal não passou do t. II. Não posso verificar se todos os adagios nella contidos foram já publicados antes.

3. **Ensaio phraseologico ou collecção de phrases metaphoricas, elegancias, idiotismos, sentenças, proverbios e anexins da lingua portugueza**, por F. A. da C. de Pina Manique, Lisboa 1856.

O titulo indica bem o assunto da obra. Os adagios vem nella apenas como illustração philologica ou como riqueza idiomatica.—A ordem é alphabetica.

4. **A polyglot of forein proverbs, comprising French, Italian, German, Dutch, Spanish, Portuguese and Danisch, with english translation and a general index**,—by Henry G. Bohn. London 1857. In-8º, iv-579 pag.

O collector, no prefacio, diz que utilizou muitas fontes para levar a cabo a sua empresa, e que nessa utilização foi poderosamente ajudado por W. K. Kelly; com relação á parte portugueza apenas, diz que «o Senhor Guerra» o auxiliou na correcção do texto.

A collecção portugueza começa na pag. 263 e termina na pa-

gina 295; como a dos outros países, está ordenada alfabeticamente, tendo cada proverbio a correspondente traducção inglesa.

Não merece a pena averiguar quaes os livros portuguezes em que já se achavam os adagios aqui transcritos; todavia é muito provavel que a principal fonte litteraria, senão unica, de Bohn fossem os *Adagios* de F. Rolland (vid. supra, pag. 155): pelo menos, como verifiquei, muitos dos adagios contidos na obra inglesa estão na portuguesa.

5. Na **Grinalda da arte de amar** de J. Feliciano de Castilho (t. II da *Arte de amar*, traduzida de Ovidio por A. Feliciano de Castilho, — Rio de Janeiro 1862), pag. 199-213, transcreve-se, com bastantes additamentos, uma colleccãozinha de adagios que o Padre Manoel Bernardes traz na *Nova Floresta*, III, 383. Esses additamentos de J. F. de Castilho vem acompanhados de correspondencias latinas, como em Bento Pereira.

Ahi se juntam tambem alguns adagios colhidos em D. Fr. Francisco de S. Luís, e se cita o seguinte ms.: *Ensaio de um indice das palavras, adagios, dictos, sentenças, annexins e phrases, que a lingua portugueza tirou da grega, sem passarem pelo intermedio da latina* de Fr. Fortunato de S. Boaventura ¹. Este ms. porém, segundo diz J. F. de Castilho a pag. 213, não appareceu na Bibliotheca da Academia, onde devia estar.

6. Album de caricaturas (phrases e annexins da lingua portugueza), por Bordallo Pinheiro, Lisboa 1876.

Caricaturas a proposito de annexins, como *Ter lume no olho, Fazer das tripas coração, Antes que cases — olha o que fazes*, etc.

Tem como prefacio uma biographia de Bordallo, escrita por Julio Cesar Machado.

¹ Cfr. *Histor. e memor. da Academia Real das Sc. de Lisboa*, t. VIII, pt.º 1.ª, Lisboa 1823, pag. XI.

A titulo de comparação, lembrarei que na obra de Grandville, *Cent proverbes*, nova ed. revista e aumentada por Quitard ¹, cada proverbio vem acompanhado tambem de uma estampa, que é como que a explicação figurada d'elle; além d'isso ha nessa obra um texto explicativo.

7. Proverbios historicos e locuções populares, por Theobaldo (pseudonymo), Rio de Janeiro 1879.

Esta obra não a li, e por isso não sei propriamente do que trata (vid. porém infra § 9). — Devo a indicação do titulo ao meu amigo e collega o Dr. Sousa Viterbo.

8. Philosophia popular em proverbios (n.º 45 da *Bibliotheca do Povo e das Escolas*), Lisboa 1882.

O livro não traz nome de autor.

¹ Paris, Garnier, sem data! Mas a 1.ª ed. é de 1844.

O prologo contém algumas considerações geraes, e entre ellas indicações bibliographicas, quer sobre adagiarios populares portuguezes, quer sobre collecções de maximas de differentes AA. nossos. Tanto num como noutro caso ellas podiam ser additadas. Com relação ao primeiro caso, a lista que dou neste esbôço historico o mostra; com relação porém ao segundo, não entra no meu assunto indicar os mais livros que conheço ¹.

A collecção dos proverbios da *Philosophia popular* consta de tres partes: *Florilegio de proverbios, adagios, rifões*, etc. (disposto por assuntos, á maneira de Delicado, como *agricultura, amizade, amor, Deus*, etc.); *Dictados familiares*; *Kalendario rustico*.

Não se diz como é que a collecção foi feita: isto é, se foi

¹ Indicarei apenas um, como curiosidade: *Aforismos y exemplos politicos y militares sacados de la primera decada de Juan de Barros* por D. Fernando Alvia de Castro, Lisboa 1621.

colhida da tradição oral, se aproveitada de obras já antes impressas.

9. Origens de annexins, proloquios, locuções populares, siglas, etc., pelo Dr. Castro Lopes, — 1.^a e 2.^a série — Rio de Janeiro 1886.

Segundo se diz a pag. vi do *Prefacio*, feito por Guilherme Bellegarde, «em Portugal o jornal *Epocha* transcreveu as origens dos annexins do Dr. Castro Lopes sob o titulo de *Licções de portuguez dadas por um brasileiro*». O mesmo Bellegarde diz: «nos *Proverbios historicos e locuções populares*, dados á estampa no Rio de Janeiro em 1879 com o pseudonimo Théobaldo ¹, não encontrei absolutamente qualquer dos annexins explicados pelo Dr. Castro Lopes no livro que ora publica» (pag. XI).

O Dr. Castro Lopes, neste livro, como noutros que conheço

¹ (Vid. supra § 7).

seus, trata a materia estouvadamente, com preocupações subjectivas, sem vislumbres de sciencia. Busca explicar o sentido dos rifões, como quem decifra charadas, e sempre em estilo galhofeiro, no que tem sido imitado em Portugal, para mal das nossas lettras, por certo escritor tão pretencioso como mediocre ¹.

Não se póde dizer que todas as explicações sejam desacertadas, pois por acaso tambem ás vezes se acerta. Assim, por exemplo, a da phrase «perder a tramontana» está bem (se é que ella pertence ao Doutor); mas, dado o character atabalhoado do livro, quem é que, não sabendo já de antemão as cousas, acreditará no que ahi se diz?

Farei ainda duas observações particulares.

Explica a phrase «lé com cré»

¹ Cfr. o meu livro *As «Lições de linguagem» do snr. C. de F.*, 2.^a ed., Porto 1893, pag. XXIII-XXIV.

por mera suppressão de syllabas nas palavras *leigo* e *créligo* (=clérigo). Nesta explicação, que elle dá como original, tinha já sido precedido por Couto Guerreiro ¹. Não quero com isto accusar de plagiario o Dr. Castro Lopes, por isso que a obra de Couto Guerreiro está ainda manuscrita; quero só notar o facto. E' provavel porém que o auctor brasileiro conhecesse de outra fonte essa explicação.

A respeito de *Veronica*, de que falla a pag. 157-158, veja-se A. Maury, *Croyances et légendes*, Paris 1863 (2.^a ed.), pag. 333 sqq.

10. Ha-de haver ainda collecções geraes estrangeiras de proverbios, em que entrem portuguezes. Nos nossos repertorios, almanachs, dictionarios, grammaticas, selectas escolares, jornaes, vem tambem proverbios frequentemente: por exemplo, no *Almanach Popular* para o anno

¹ Vid. supra, pag. 189.

de 1852 publica-se, a pag. 58-60, em separado, uma collecção de *Maximas agricolas populares*, que constam de adagios referidos a cada um dos meses do anno; no *Novo Diccionario da lingua portuguesa*, sem nome de A., Lisboa 1835 (nova edição), dá-se no fim uma lista alphabetica de *Adagios, proverbios, rifões e annexins da lingua portuguesa*. No Rio de Janeiro publicou-se em 1879 ou 1880 um entre-acto comico com o titulo de *Amor por annexins*, de Arthur d'Azevedo. Em nenhum d'estes particulares posso porém alongar-me agora com referencias e informações.

VII—Adivinhações

O divertimento das *adivinhações* (adivinhas com fôrma litteraria) era outr'ora muito usado nas classes que possuíam certa educação intellectual, e eu tenho visto cadernos de mão com muitas, — e até possuo um. Esta fôrma nasceu certamente das *adivinhas* populares ¹, mas hoje degenerou nas charadas, logogriphos, enigmas figurativos, etc.

1. De 1831 (Rio de Janeiro) são as **Descrições enigmaticas** ou *diver-*

¹ As *adivinhas* populares tambem em algumas localidades se chamam *adivinhações*: vid. supra, pag. 191.

tidas adivinhações de Fr. Francisco de S. Ignacio Carvalho, natural de Setubal, publicadas pelo sr. M. M. Portella.

2. De 1833 (Lisboa) é a **Collecção de charadas para entreter e exercitar o engenho, pela maior parte allusivas ás fábulas, á historia e á geographia**, — sem nome de auctor.

3. De 1880 (Lisboa) é o **Almanach litterario e charadistico** de Matheus Peres.

*

Como nada d'isto é propriamente popular, não me alongo em mais explicações, nem cito outras obras em que se trata do mesmo assunto. — De collecções de adivinhas populares legitimas hei-de tornar a fallar adiante.

VII.—Diversos trabalhos,
desde 1844 até 1856

1. Nos livros dos viajantes estrangeiros encontra-se muitas vezes menção de costumes populares. Na impossibilidade de aqui esmiuçar a materia, limite-me a citar, como amostra, *Les arts en Portugal*, do conde A. Raczyński, Paris 1846, onde, a pag. 478, se transcreve uma cantiga popular acompanhada de musica, e se indicam várias usanças da Figueira da Foz. A cantiga é a seguinte (muito conhecida):

Que lindo botão de rosa,
Que aquella roseira tem!
De baixo ninguem lhe chega,
A cima não vae ninguem.

Isto, com relação á epoca, constituia quasi que uma novidade para o nosso país, com quanto já estivesse publicado o Romanceiro de Garrett, e os artigos de D. Maria Peregrina de Sousa.

2. E' de 1856 o já acima referido trabalho de Fernando Wolf, intitulado *Proben portugiesischer und catalanischer Volksromanzen*, — trabalho profundo ácêrca da poesia popular de Portugal e da Catalunha, acompanhado da traducção allemã de romances portugueses e catalães. Na parte portuguesa o A. serviu-se do *Romanceiro* de Garrett.

IX.—Estacio da Veiga

Estacio da Veiga é conhecido na nossa litteratura principalmente como archeologo; todavia, além de nos seus primeiros annos de vida litteraria haver cultivado a poesia, tambem se dedicou ao estudo das tradições populares; publicou, de mais a mais, trabalhos litterarios de diversa natureza, e um opusculo e artigos sobre Botanica.

1

Nasceu em Tavira, e começou cedo a escrever versos, impulsionado sem dúvida por aquella

natureza risonha e placida do Algarve.

Quando, depois da sua morte, a familia vendeu as collecções e os livros que elle tinha juntado, passaram-me pela mão vários manuscritos de Estacio, entre elles os que continham versos; de modo que devo aqui deixar archivadas algumas noticias que não são conhecidas, e que os seus biographos futuros não poderiam certamente recolher.

Os manuscritos poeticos formam vários cadernos; todos elles ficaram em poder dos herdeiros.

O mais antigo caderno tem o simples titulo de *Poesias*, e a data de 1848. As poesias são no gôsto classico: odes anacreonticas, referencias a Apollo, a Flora, aos Aquilos, aos Euros. Devem considerar-se como primeiros ensaios; não admira portanto que não tenham valor artistico.

Com data de 1849 examinei outro caderno, intitulado *Tentativas poeticas*. Contém sonetos, redondilhas, epigrammas, poesias

a anniversarios natalicios, e outras com estes titulos: *Luis de Camões, D. Ignês de Castro, A D. Paio Peres Correia, A descoberta do Brasil, Cabral, Bartholomeu Dias, Tavira, Martins de Freitas*; além de muitas mais, de assunto lyrico. De Tavira, «a flor mais mimosa do Algarve», diz elle:

Não ha quem veja essa terra,
Cercada por verde serra,
Sem que sinta inspiração:
Não ha quem conserve mágoas,
Ao ver as limpidas ágoas
Do seu formoso Gilão!

Como amostra mais desenvolvida, aqui transcrevo uma poesia por inteiro:

A minha lyra

Quebrada sobre o escolho da desgraça,
Inda languidos sons desfere a medo.

GARRETT, *Camões*, canto I.

D'esta lyra saudosos lamentos
Soltarei, suas cordas tangendo:
Pois cantar, só cantar eu pretendo,
Se p'ra tanto tiver pensamentos.

Pobre lyra, se d'oiro tiveras
 Uma corda, das cordas mais fortes,
 Celebráras mil vidas, mil mortes,
 E os mais nobres que tu conhecêras.

Instrumento és do céu, não fadado;
 E's a lyra que nada tem d'oiro . . .
 E's apenas mesquinho thesoiro,
 E's o echo dos ais que hei soltado.

E's a vida do teu trovador;
 E's a morte, se um dia o deixares;
 E's a musica p'ra seus altares;
 E's tu só quem lhe falla d'amor.

E's o allivio que tenho na terra;
 E's quem póde acalmar meus clamores;
 E's a quem só conlio os amores;
 E's quem só em meu peito s'encerra.

E's das lyras a lyra mais pobre! . . .
 Mas sómente és quem tudo me inspira...
 E's p'ra mim quem amor só respira . . .
 Pois amor sempre em ti se descobre . . .

D'esta lyra saudosos lamentos
 Soltarei, suas cordas tangendo;
 Pois cantar, só cantar eu pretendo,
 Se p'ra tanto tiver pensamentos!

E' o metro, o estilo e as ideias da epoca, — pleno ultra-romantismo: a pobre lyra, o trovador, as cordas d'ouro, o tanger, o fado, — tornando-se a lyra interprete do poeta. Pois que o proprio auctor confessa que a sua «é a mais pobre das lyras», o critico fica desarmado. Apesar porém da tibieza do pensamento e da fórma, estas poesias merecem que se repare nellas, porque mostram que Estacio já desde 1849 sentia certa inclinação para os assuntos historicos, e sobretudo para os assuntos algarvios, como se vê dos titulos que citei acima: por exemplo, *Tavira*, e *D. Paio Peres*, a quem a lenda attribue a conquista do Algarve. Nascido de familia nobre, e numa terra pequena e cheia de recordações historicas, era natural que o gôsto de Estacio se desenvolvesse neste sentido.

Um caderno com o titulo de *Arbustos sem flor ou ensaios em poesia* tem versos datados de 1850 e de annos seguintes. Nelle se lê a lapis uma nota do auctor,

que diz que alguns dos versos se reservarão, e que outros serão queimados.

Com data de 1850-1851 ha um caderno intitulado, como um dos já mencionados, *Tentativas poeticas*.

De 1855 é *A rosa do mosteiro*, poemeto lyrico em 4 cantos. Abre com uma citação da *Adosinda* de Garrett, o que melhor que tudo prova que Estacio se abraçava ao romantismo. O poemeto, segundo o auctor, funda-se numa lenda algarvia, que elle ouvira na infancia. Versos de redondilha maior; metrificacão facil, mas com a mesma inspiração das restantes poesias.

O mais recente caderno que compulsei intitula-se *Versos*, e tem a seguinte nota, a lapis: «O auctor reprova e condemna a maioria d'estes seus primeiros versos, reservando porém alguns para publicar, depois de serem retocados». Esta nota mostra que o espirito do auctor ia em progresso. O caderno contém poesias desde 1849 até 1863, sendo de

1850 em diante o maior numero. Eis alguns titulos: *O dia de S. João, Em dia de S. João, A Moira do Castello, A alcachofra*. Cita-se Petrarca, Bernardim Ribeiro, Malherbe, Chateaubriand; cantam-se as *virgens*, evocam-se os *bailes*, e no meio de tudo:

..... a saudade
Das ágoas do meu Gilão!

Versos melancolicos, lamurientos. A proposito da *Alcachofra* não se esquecem as superstições populares:

Ai que prazer tão insano
Que hoje tive em te queimar!
Embora! E' mais um engano
Que sinto em fim desabar.

« Não tenho amor nem esp'rança »
O teu negrume assim diz!
Resta-me só a lembrança
De um tempo alegre e feliz! . . .

Os titulos e os versos citados manifestam que Estacio, indo no encalço de Almeida Garrett, se sentia agora attrahido pelo estudo das tradições e da poesia

do povo, de que já, como em breve direi, publicava amostras em 1858.

E' provavel que os mesmos versos se repitam em alguns dos cadernos, não representando pois estes outras tantas collecções independentes: já me não recordo. Muitas poesias estão emendadas, outras estão condemnadas; mas algumas destinava-as o auctor á publicidade, e de facto publicou várias em jornaes (*A Illustração Portugueza*, etc.), e uma em folheto em 1880 (*Ode a Luis de Camões*, anonyma).

Apesar da terra fecunda e inspiradora em que nasceu; apesar dos themas que o commo-viam; apesar dos modêlos que seguiu:—Estacio não era propriamente poeta, e, se a outros assuntos não se houvera dedicado, nos quaes prestou relevantes serviços, o seu nome, só pela poesia, não passaria aos vindouros, pois nella não se ergueu acima da vulgaridade.

2.

Estacio da Veiga sabiu do Algarve em 1845 ¹, voltando lá pela primeira vez em 1856 «com o empenho de recolher e coordenar a poesia popular de toda aquella provincia» ².

O mais antigo estudo ethnographico, porém, de que tenho noticia, publicado por Estacio da Veiga intitula-se *Poesia popular do Algarve*, e foi inserto em folhetim do jornal lisbonense *O Futuro*, n.º 33, de 7 de Maio de 1858; este artigo consta de uma breve introduccão ao estudo da poesia tradicional, e da xacara A

¹ Vid. *Estrella d'Alva* (jornal litterario), II, 92.

² Vid. o mesmo jornal, *ib.*, e o *Romanceiro*, pag. 32; na *Nação* (jornal politico), de 28 de Junho de 1859, refere-se tambem a contos populares que ouviu em Tavira em 1856; no *O Futuro* (jornal politico), de 7 de Maio de 1858, falla de estudos de litteratura popular de que se tem occupado «ha mais de tres annos».

Serrana, que depois sabiu tambem no *Romanceiro* ¹.

Neste mesmo jornal, no n.º 54, de 3 de Junho de 1858, publicou tambem Estacio um artigo intitulado *A procissão do corpo de Deus em Tavira* no sec. xvi, em que reproduziu um alvará concedido por el-rei D. Manoel á cidade de Tavira.

Em 1859 continuou os seus estudos no jornal *A Nação*, onde, em folhetim do n.º de 28 de Junho de 1859, publica um artigo intitulado *Cantos populares do Algarve*, que comprehende:

a) *A Moira encantada*, lenda poetica, com curto prologo, — depois reproduzida na *Estrella d'Alva* (jornal litterario), II, 91-92, e por fim no *Romanceiro do Algarve*, pag. 29 sqq.

b) *S. João*, cantigas, com advertencia preliminar; as cantigas parecem-me corrigidas pelo collector.

¹ Na advertencia do *Romanceiro* diz Estacio que os seus artigos mais antigos sobre poesia popular datam de 1858 e 1859, do *Futuro* e da *Nação*.

Em folhetim do mesmo jornal, de 18 de Agosto de 1860, sahiu *A Vigilia* e a lenda da *Senhora dos Martyres de Castro Marim*, com introdução.

Na *Estrella d'Alva*, vol. II, 1861, pag. 9, publicou um artigo, novamente com o titulo de *Cantos populares do Algarve*, em que diz que, reconhecendo a importancia que á poesia tradicional se dava na Italia, Allemanha, Inglaterra, França, etc., resolvêra colligir dois livros, que a essa data já tinha prontos, com os titulos de *Romanceiro do Algarve* e *Cancioneiro do Algarve*. Do primeiro fallarei adiante. O segundo compunha-se de «canções, descantes, cantigas e outras peças de poesia popular». Como amostra do *Cancioneiro* dá seis quadras com o titulo de *Cantigas da Engeitada*, notando todavia elle a respeito d'esta composição, que a depurou «dos enxertos com que o mau gôsto e a ignorancia a tinham defeitado». As variantes que eu conheço das *Cantigas* são porém melhores na

bôca do povo, mais vivas, do que aqui. Se assim fez ao Cancioneiro todo, não é para lamentar que o não publicasse. Este Cancioneiro chegou realmente a colligir-se; eu o vi ainda em vida de Estacio, mas não o examinei. Espero tornar a vê-lo, e depois d'isso fallarei do seu merecimento ¹.

No mesmo jornal litterario *A Estrella d'Alva*, vol. II, 1861, publicou ainda varios artigos com o titulo de *Poesia popular do Algarve*, o qual contém tres composições sobre poesia popular:

- a) *S. Antonio e a Princeza* (pag. 83);
- b) *Festas do S. João*, onde

¹ Na *Estrella d'Alva*, II, 1861, pag. 33-34, vem uma descripção das *Maias* algarvias, feita por Estacio da Veiga, onde entra tambem uma quadra popular; a pag. 88 publica-se um artiguinho com o titulo de *Cantiga popular do Algarve*, (várias canções a S. Antonio), sem nome do auctor, mas que é certamente de Estacio.

vem a lenda da *Moira encantada* (pag. 91);

c) *A vigilia e a lenda da Senhora dos Martyres de Castro-Marim* (pag. 149).

A *Moira encantada* e a *Senhora dos Martyres* tinham sido publicadas primeiro, como vimos, na *Nação*, e depois tornaram a sê-lo no *Romanceiro*¹, onde outra vez sahio o *S. Antonio e a Princesa*.

*

Estacio exaggerava os processos adoptados por Garrett, alterando sem escrupulo, como direi adiante, os textos que a tradição oral lhe offerecia; mas estes estudos, que datam já de 1858, mostram que pouco a pouco se ia criando entre nós o gôsto da litteratura popular, e preparando o terreno que outros investigadores haviam de vir pos-

¹ Esta composição publicou-se tambem em folha volante, com uma estampa da Virgem, por occasião de uma festa em Castro-Marim, em honra da Virgem. Possuo um exemplar.

teriormente cultivar com mais proveitoso resultado.

*

O trabalho mais desenvolvido que Estacio da Veiga publicou sobre a poesia popular foi o **Romanceiro do Algarve**, dado a lume em Lisboa em 1870, mas, segundo elle confessa na advertencia prévia, já composto mais de dez annos antes ¹.

Divide-se em duas partes: *romances*, e *lendas christãs*, ao todo trinta e cinco composições, cada uma precedida de sua noticia preliminar, além da introdução geral da obra, e do prologo. Estas noticias preliminares e a introduc-

¹ O Sr. Theophilo Braga parece duvidar d'isto quando diz nas *Epopeias da raça mosarabe*: «O collecter esforça-se para convencer o publico de que a sua obra estava na gaveta desde 1858; mostra nisto um empenho excessivo, para o que não bastam prologo, nem notas, nem parenthesis» (pag. 372). Mas, pelo menos alguns romances, estavam, como vimos, colligidos e publicados effectivamente desde 1858!

ção, comquanto contenham uma ou outra referencia ao Algarve, abundam em trivialidades, e mostram que ao auctor faltavam solidas noções de Historia litteraria.

No *Annuario das tradições populares portuguezas*, 1882, pag. 71-72, fiz a critica d'este livro, que tambem já tinha sido feita pelo Sr. Theophilo Braga nas *Epopeias da raça mosarabe*, 1871, pag. 372 sqq. A conclusão a que ambos chegámos foi que a collecção organizada por Estacio da Veiga pouco credito merece, porque os romances se acham a cada passo modificados pelo collector.

Depois do fallecimento de Estacio da Veiga, obtive da familia parte de um manuscrito ou rascunho dos romances que constituiram o *Romanceiro*. Este manuscrito ou rascunho, que foi o original que serviu para a impressão da obra, pois não differe do texto que está impresso, contém várias emendas, o que mostra ainda melhor o processo que

Estacio da Veiga seguiu na collecção dos romances. Quando vi a primeira vez tal manuscrito, fiquei muito satisfeito, por suppor que teria diante de mim a fôrma primitiva dos romances embora com emendas, e que me seria facil, debaixo dos traços, recompôr o texto original; mas para logo verifiquei que estas emendas assentavam num texto já tambem por sua vez emendado e *aperfeiçoado*: de modo que o actual *Romanceiro do Algarve* está muito longe de representar a verdadeira e genuína tradição.

Estacio da Veiga adquiriu certa prática de versificação popular, e por isso introduziu facilmente no texto emendas, levado da ideia de produzir uma obra meramente litteraria, e não da de ministrar aos seus leitores documentos ethnographicos. Seria injustiça, porém, dizer em absoluto que andou com má fé litteraria: de facto elle não tinha formado clara ideia do plano e valor d'estes estudos!

Como justificação do que afirmo, e como amostra do processo das correções, aqui transcrevo do referido manuserito alguns passos:

- 1) Verso riscado: *Mal o sol vinha raiando.*
Substituição: *Ao romper da madrugada.*
- 2) V. riscado: *Viu vir uma grande armada.*
Substituição: *Forte armada avista ao longe.*
- 3) V. riscado: *A Virgem santa o ouvia.*
Substituição: *Sua voz o ceu ouvia.*
- 4) V. riscado: *Sua pópa já rendida.*
Substituição: *E a pópa em grande avaria.*
- 5) V. riscado: *Se não fôras meu sobrinho.*
Substituição: *Se meu sobrinho não fôras.*
- 6) V. riscado: *Eram tres de sangue puro.*
Substituição: *E todas de sangue puro.*
- 7) V. riscado: *E duas de tinta preta.*
Substituição: *Que outra tinta não houvera.*
- 8) V. riscado: *E' porque com outro tratas.*
Substituição: *E' que és de outro namorado.*
- 9) V. riscado: *Os sinos, bem que dobravam.*
Substituição: *Um sino ao longe dobrava.*

As emendas são bastante numerosas: comtudo ás vezes limitam-se a transposições de versos e á substituição de uma palavra por outra,— e ha composições inteiras sem emendas ou com muito poucas.

Para os conhecedores da poesia popular não seria preciso fazer estas transcripções, nem mesmo notar que os versos impressos estão emendados, porque as alterações do texto saltam aos olhos; mas, como nem todos os leitores estão sufficientemente elucidados a respeito de taes assuntos, não temi fazer aquellas transcripções do manuscrito, nem supponho que deva ser accusado de menos respeitador dos manes de Estacio da Veiga, ou de indiscreto, pois escrevo com boas intenções, e com sincero desejo de chegar á verdade.

Alguns dos proprios versos que Estacio publica no pé da pagina, no *Romanceiro*, dando-os como variantes, me parecem modificados por elle.

Na *Nau Cathrineta*, publica-

da a pag. 48 sqq., lêem-se estes versos:

Salva a torre do Bogio,
Quando a nau ia a passar . . .

que tem todos os visos de ser apocryphos; apesar d'isso Estacio, a pag. 47, funda-se nelles para dizer que «a origem d'este romance não vae mais além do ultimo terço do seculo xvi! Uma versão genuina que obtive da *Nau Cathrineta*, na tradição do Algarve, differe extraordinariamente do texto dado por Estacio; ainda a proposito d'aquelles versos que fallam na torre do Bogio, diz elle, a pag. 47, «se é que isto não é já accrescentamento de algum piedoso auctor», o que mais confirma o meu juizo d'ha pouco, e deixa ao mesmo tempo ver que Estacio, embora só preocupado com a ideia de fazer uma obra correcta e bonita, sentia no entanto um espinho na consciencia...

3.

Não foi só na poesia e nos estudos da litteratura popular, que

a actividade de Estacio da Veiga se exerceu; além de muitos artigos puramente litterarios, que publicou em jornaes, consagrou-se tambem a estudos botanicos, e sobretudo a estudos archeologicos.

Nestes ultimos é que, á parte bastantes defeitos de exposição e de critica, elle adquiriu fama e prestou relevantes serviços á sciencia e á patria, pois empreendeu a exploração methodica das antiguidades da sua provincia natal, fundou o Museu do Algarve, esboçou a carta archeologica da mesma provincia, publicou quatro volumes (illustrados) com o titulo de *Antiguidades monumentaes do Algarve*, e ainda varios livros e opusculos. O amor da archeologia vinha de longe, pois já em 1861, num artigo publicado na *Estrella d'Alva* (vol. II, pag. 27), a proposito de umas moedas da Hispania, elle falla na sua «pequena colleccão de moedas antigas», e em 1865 publica o opusculo intitulado *Pocos bal-senses*.

Era muito natural que Estacio da Veiga, dotado de espirito curioso e investigador, nascido numa região tão fértil de restos archeologicos, embalado com tradições heraldicas, que provocam o cultivo da Historia e fazem ganhar amor á terra, educado nas ideias do romantismo, se sentisse attrahido pelas sciencias archeologicas, tanto mais que em quintas dos seus amigos e da sua familia ¹, e mesmo nas suas propriedades ², appareciam monumentos antigos, a despertar-lhe e a apurar-lhe o gôsto.

Estacio da Veiga possuia em Cabanas da Conceição, perto de Tavira, uma casa e umas fazendas; algumas vezes me fallava elle com tal ou qual desvanecimento na sua «casa de

¹ Vid. *Povos balseenses*, pag. 8 e 12.

² Devo esta noticia a um de seus filhos, que me mostrou a propriedade, quando fui com elle ao Algarve em 1894 buscar a collecção archeologica de E. da V., comprada pelo Govêrno para o Museu Ethnographico Português.

campo», expressão que também emprega nas *Antiquidades monumentaes do Algarve*.

Quando estive nessa casa em 1894, para o fim indicado na nota 2 de pag 281, confesso que experimentei certa emoção. A casa tinha vistas para o mar, e um jardinzinho, arranjado com o esmero de quem, como Estacio, prezava a Botanica e as Musas. No tecto de uma das salas via-se pintado o brasão da familia dos Estacios; das paredes pendiam dois quadros com retratos de antepassados, *imagines maiorum*; pelas janellas entravam vergon-teas de arbustos floridos e as brisas que sopravam do vizinho oceano. A vivenda, apesar de modesta, era pois confortavel, e Estacio podia dizer d'ella o que Horacio dizia do valle Sabino (*Odes*, III, 1):

Cur invidendis postibus, et novo
 Sublime ritu moliar atrium?
 Cur valle permutem Sabina
 Divitias operosiores?

Mas ainda não relatei tudo.

Estacio era botanico, não era lavrador, e alimentava outras paixões: a de litterato e a de archeologo. Não encontrei pois na sua casa de campo grandes aprestos de lavoura; em compensação encontrei livros, mappas, collecções de Historia natural, objectos archeologicos. Na sua sala de entrada tinha elle: nas paredes, as cartas geographicas do Algarve, uma moderna, outras archeologicas (elaboradas por elle); aos lados de uma das portas interiores, duas curiosas estátuas de marmore, que hoje estão no Museu Ethnographico; sobre columnas, aos cantos, duas grandes cabeças de estátuas, romanas, e tambem de marmore, hoje igualmente pertencentes áquelle Museu. Numa sala immediata guardavam-se em taboleiros e estantes, ao lado de conchas e herbarios, algumas das muitas preciosidades archeologicas que Estacio da Veiga com extremo zêlo desenterrára do solo algarvio: instrumentos e adereços prehistoricos, ceramica arabiga, etc., — objectos

actualmente existentes no Museu Ethnographico. Noutra sala estavam caixotes com diversas colleccões archeologicas, ainda por dispôr. Finalmente noutra havia estantes com livros, quasi todos de litteratura e Historia. Estacio, sempre dedicado ao seu Algarve, colligira differentes trabalhos que diziam respeito a esta provincia: as *Obras ineditas* de Jeronymo Osorio, bispo de Silves; a *Chorographia do reino do Algarve* de João Baptista Lopes; as *Memorias ecclesiasticas do bispado do Algarve* de Fr. Vicente Salgado; a 1.^a edição da *D. Branca ou Conquista do Algarve* de Almeida Garrett; o *Algarve* (description géographique et géologique) de Ch. Bonnet; o *Algarve illustrado* (jornal litterario); e ainda alguns manuscritos de pouca importancia. Na occasião da minha ida a Cabanas da Conceição, a casa de Estacio não era habitada, pois os herdeiros viviam em Lisboa; todavia a memoria e as predileccões do mallogrado archeologo alli se patenteavam a cada passo, no

jardim tão alindado, na escôlha dos livros, na disposição do museu. Elle devia sentir bastante satisfação, quando, fugindo do bulicio e da vida ficticia de Lisboa, se recolhia á sua sossegada «casa de campo», e ahi, ao pé da estátua de *Diana caçadora* e da cabeça torreada de Cybele, de um lado a lembrar-se dos bons tempos românticos em que elle offerecia madrigaes ás nymphas do rio Gilão em Tavira, e do outro a ouvir bem perto murmurar as mansas ondas do *mar do Algarve*, se entregava a meditações historicas ácerca da sua querida provincia, e delineava grandiosas traças de estudos, que só infelizmente em parte porém viu realizados!

Do esbôço biographico que fica feito, resulta que a vida de Estacio da Veiga apresenta tres phases: primeira (1848), arcadica, revelada em modestissimas tentativas poeticas que ficaram ineditas; segunda (de 1849 a

1866), romantica, revelada em diversas poesias, e na colleccionação amaneirada do *Cancioneiro* e do *Romanceiro*; terceira (de 1866 até 1891, anno em que morreu), scientifica, revelada nas investigações botanicas e archeologicas. Comquanto o *Romanceiro* fosse publicado em 1870, pertence ao referido periodo de 1849-1866.

Estacio da Veiga não dispunha de espirito critico em muito elevado grau, nem conhecimentos scientificos profundos que o habilitassem a tratar com firmeza as questões ethnologicas que pretendeu tratar; mas em compensação deixou-nos nas colleccões archeologicas que organizou, e nos livros que escreveu, sobretudo nas *Antiguidades monumentaes do Algarve* e nas *Memorias de Mertola*, importantissimos materiaes, que eternizarão e tornarão sempre venerando e sympathico o seu nome.

Para fechar este artigo, que foi mais longo do que eu esperava, e que sahio um pouco fóra

dos limites em que eu, pelo assunto do livro, me devia manter, apresentarei um quadro methodico de todas as producções de Estacio da Veiga:

I. Litteratura amena:

- a) Poesias (umas ineditas, outras impressas),
- b) Artigos em jornaes.

II. Ethnographia moderna:

- a) Artigos em jornaes,
- b) *Romanceiro*,
- c) *Cancioneiro* (inedito).

III. Historia e Archeologia:

- a) *Poros balsenses*,
- b) *Antiguidades de Mafra*,
- c) *Memoria de Mertola*,
- d) *A Tabula de Aljustrel*,
- e) *Antiguidades do Algarve*,
- f) Varios opuseulos (sobre Olivença, sobre De Caumont, programmas),
- g) *Cartas archeologicas* (uma vem nas *Antiguid. do Alg.*, a outra foi publicada á parte).

IV. Botanica:

- a) Artigos insertos no *Jornal das sc. mathem. phys. e natur.* da Academia das Sciencias,
- b) *Orchideas de Portugal*.

Quem desejar conhecer outras noticias referentes a Estacio da Veiga, leia os artigos biographicos publicados no *Occidente* de 11 de Janeiro de 1892 (com o retrato), e na *Revista Lusitana*, II, 353-355. Nas obras de escriptores estrangeiros, como E. Huebner ¹ e E. Cartailhac ², que se occupam de cousas portuguezas, encontram-se tambem a respeito d'elle allusões honrosas.

¹ *Corpus inscriptionum Latinarum*, II, e *Suppl.*; e *Monumenta linguae Ibericae*, pag xxx.

² *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*.

**X — Diversos trabalhos
(1862-1864)**

a) **Saraiva e Castilho** por A. Ribeiro Saraiva, Londres 1862 (1.^a parte) e 1877 (2.^a parte). Na 2.^a parte ha em notas a narração exacta de muitos costumes populares da Beira-Alta, principalmente festas.

b) Em 1864 publicou-se em Leipzig a seguinte obra: **Portugiesische Volkslieder und Romanzen**, pelo Dr. Christ. Fr. Beller-mann (isto é, *Cantigas e romances populares portuguezes*). Con-

tém, além de romances e cantigas, como o título indica, também adagios e musicas. Ao lado do texto português está a tradução allemã em verso. O volume termina com annotações litterarias acêrca das poesias. Algumas das composições são extraídas de livros portugueses. Nem todo o livro tem cunho genuinamente popular; basta notar, por exemplo, que em algumas entram os nomes arcadicos *Marilia* e *Josino*.

D'este livro deu notícia in *Romania*, II, 125-126, o Sr. A. Morel-Fatio; cfr. também o meu *Romanceiro português*, pag. 71, e a *Poesia amorosa do povo português*, pag. 10.

XI—Theophilo Braga

Os mais antigos trabalhos que conheço do Sr. Dr. Theophilo Braga sobre as nossas tradições populares estão publicados na *Revista contemporanea de Portugal e Brasil*, vol. V (1864-1865) ¹, e no *Jornal do Commercio* (2.º semestre de 1865) ². Estes tra-

¹ *Poesia popular* (artigo a pag. 302-307), onde sahio o romance do *Lavrador da arada*.

² *Discussão das fórmãs da poesia popular portugueza* (artigos publicados desde o n.º 3:595, de 11 de Outubro, até o n.º 3:643, com interrupções).

balhos foram depois aproveitados e incorporados na *Historia da poesia popular portugueza*.

Data pois, segundo penso, de 1864-1865 a actividade litteraria do Sr. Theophilo Braga neste campo, no qual deu a lume posteriormente os seguintes trabalhos:

A) Sobre POESIA POPULAR:

1) **Historia da poesia popular portugueza**, Porto 1867.

A seu respeito vid.: *Revista critica de litteratura moderna*, 1869, n.º 2 (artigo de Oliveira Martins), e *Romania*, 1873, vol. II, pag. 124 sqq. (artigo de A. Morel Fatio); e cfr. a *Poesia amorosa do povo portuguez*, 1890, pag. 90.

Nas *Epopeias da raça mosarabe*, Porto 1871, se occupa tambem o Sr. Theophilo Braga da poesia e costumes populares.

2) **Cancioneiro popular**, Porto 1867.

A seu respeito vid.: os citados artigos de Oliveira Martins, e A.

Morel Fatio; e a *Poesia amorosa*, pag. 71.

3) **Romanceiro geral**, Coimbra 1867.

A seu respeito vid.: os citados artigos de Oliveira Martins, e Morel Fatio; e o *Anuario das trad. pop. port.*, 1882, pag. 70.

4) **Floresta de varios romances**, Porto 1869.

A seu respeito vid. o citado artigo de Morel Fatio.

5) **Cantos populares do Archipelago Açoriano**, Porto 1869.

Grande parte dos romances que constituem este volume foram colligidos pelo Dr. João Teixeira Soares, da Ilha de S. Miguel, com o fim de coadjuvar Garrett; mas, como este não chegou a aproveitá-los, o collector offereceu-os ao Sr. Th. Braga ¹.

A respeito dos *Cantos* vid. igualmente o citado artigo de Morel Fatio in *Romania*.

¹ Vid. *Cantos do Archipelago*, pag. V (Dedicatoria).

Na *Revista Lusitana*, I, 99 sqq., publicou Theophilo Braga umas *Ampliações ao Romanceiro das Ilhas dos Açores*; no vol. II, 1 sqq., publicou additamentos ao *Cancioneiro*.

6) Os **Cantos populares do Brasil** do Dr. Sylvio Romero (Lisboa 1883) e o **Cancioneiro popular gallego** de Pérez Ballesteros (Madrid 1885-1886) contém prologos do Sr. Th. Braga respectivamente sobre a poesia popular do Brasil ¹ e da Galliza; sobre esta última escreveu elle tambem no *Parnaso portuguez moderno*, Lisboa 1867, e na *Revista de estudos livres*, 1884-1885.

¹ Acêrca do modo como foram publicados os *Cantos populares do Brasil* e os *Contos populares do Brasil* de Sylvio Romero, vid. o opusculo d'este A., intitulado *Uma esperteza*. Dos *Cantos populares do Brasil* fallei na *Revista de estudos livres*, 1883.

B) Sobre CONTOS POPULARES E
LENDAS :

1) Nos *Estudos da Idade-Me-
dia*, Porto 1870, tem o Sr. Th.
Braga, pag. 53-75, um capitulo in-
titulado *Os contos de Fadas em
Portugal*. Sobre o mesmo assun-
to publicou tambem um artigo in
Revista de Portugal e Brasil, vol. I,
1873-1874, pag. 157 e 191; vol. II,
1874, pag. 78 e 91. Na *Rec. de
estudos livres*, 1884-1885, tem um
*Pequeno estudo sobre o conto da
carochinha*.

2) Na *Rivista di letteratura
popolare*, Roma 1877, vol. I, e
na *Evolução*, de Coimbra, pu-
blicou um artigo sobre a *Litte-
ratura dos contos populares em
Portugal*.

3) **Contos tradicionaes do povo
portuguez**, Porto 1883, 2 volumes.
Cfr. a seu respeito *Romania*,
XIV, 630.

Este volume estava já annun-
ciado desde 1871 com o titulo de
Lendas, tradições e contos portu-

guezes do sec. XII a XIX ¹.

4) Artigos diversos na *Revista da Sociedade «de Carlos Ribeiro»* (*O mytho de Istar*), no *Positivismo* (lendas), e no *Anuario das trad. pop. port.* (lenda de D. João).

5) **Os Contos populares do Brasil** de Sylvio Romero, Porto 1885, foram acompanhados de um *Estudo preliminar* e de *Notas comparativas* de Theophilo Braga.— Cfr. supra, § A-6, nota.

6) **Origens Poeticas do Christianismo**, Porto 1889. Obra continuada no volume intitulada **As lendas christãs**, Porto 1892.

C) **Sobre TRADIÇÕES POPULARES EM GERAL:**

1) Na *Harpa* (1876, pag. 61) publicou um artigo sobre superstições populares dos Açores; na *Era-Nova* (1880-1881) publicou artigos sobre adivinhas populares

¹ Vid. *Epopeias da raça mosarabe*, pag. 96, nota.

(de collaboração comigo), jogos populares e livros populares; no mesmo jornal e na *Actualidade* (do Porto) publicou um artigo sobre «a Historia de Portugal na voz do povo»; na *Encyclopedia republicana* publicou outro sobre ritos funebres; no *Positivismo* outro sobre superstições e tradições; na *Volta do Mundo* outro sobre superstições populares; no *Folklore andaluz* outro sobre «os jogos infantis em Portugal e Andaluzia».

2) **O Povo portuguez nos seus costumes, crenças e tradições**, Coimbra 1885, 2 vol. Aqui se acham aproveitados os artigos mencionados no numero antecedente.

*

No livro do Sr. Teixeira Bastos, intitulado *Theophilo Braga e a sua obra*, Porto 1892, encontrará o leitor uma lista desenvolvida dos trabalhos litterarios do Sr. Th. Braga. Acêrca d'esse livro vid. a critica publicada nas *Novidades* de 19 e 22 de Dezembro de 1893.

*

Como deixo acima indicados bastantes logares onde se falla das obras do Sr. Theophilo Braga, abstenho-me aqui de fazer d'ellas critica extensa.

No estudo das tradições populares ha tres trabalhos principaes: colleccionação, comparação, e interpretação.

Com relação ao primeiro, as obras mais importantes do Sr. Theophilo Braga são o *Cancioneiro*, o *Romanceiro*, os *Cantos do Archipelago Açoriano*, os *Contos*, e *O povo portuguez*. O *Cancioneiro*, á parte algumas poesias que encerra de character apocrypho, tem o merito de ter sido a primeira collecção regular de cantigas populares publicada em Portugal. O *Romanceiro* e os *Cantos do Archipelago* offerecem bom material e representam um passo dado adiante de Garrett e Estacio da Veiga. Na *Floresta de romances* o Sr. Th. Braga colligiu principalmente poesias de poetas quinhentistas e seiscent-

tistas que se inspiraram na tradição. Os *Contos tradicionais* contém uma parte também extrahida da litteratura (*Contos de Trancoso, Orto do Esposo*), e outra collida na tradição oral; o processo pelo qual o Sr. Theophilo Braga obteve ésta ultima parte é muito discutivel, porque fez redigir os contos por crianças. No *Povo portuguez* a grande maioria dos elementos é tirada, ou da litteratura, do que resulta bastante importancia para o livro, ou de obras já publicadas sobre o assunto; o Sr. Th. Braga raras vezes tem andado pelas aldeias a estudar a vida do povo. Algumas obras, como a *Historia da poesia popular* e *As lendas christãs*, são extremamente confusas e desordenadas.

Com relação á parte comparativa, elle dispõe de recursos escassos.

Na interpretação dos factos ethnographicos as ideias do Sr. Th. Braga devem ser sempre recebidas com cautela e circums-

peccão ¹, porque a imaginação do auctor, exaltada em demasia, não o deixa conservar-se muito tempo nos justos limites da crítica. *O Povo portuguez* constitue documento eloquente do pouco pêso e pouca paciencia com que o sr. Th. Braga, aliás dotado de intelligencia aguda, e capaz de se enthusiasmar com um assunto, e de em certos casos se dedicar intensamente ao trabalho, trata os pontos mais melindrosos da nossa Ethnologia, tanto no exame dos factos miudos, como na exposição das theorias.

Sem embargo do que fica dito, os escritos do Sr. Theophilo Braga contém muitas observações valiosas, e, no que toca propriamente aos materiaes, representam abundantes repositorios

¹ A este respeito cfr. tambem :
Milá y Fontanls, in *Romania*, V., 52,
nota 1;

Adolfo Coelho, in *Revista Lusitana*,
I, 325 ;

D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, in *Revista Lusitana*, II, 161, nota.

a que o futuro investigador não poderá de modo algum deixar de recorrer, e aonde geralmente recorrerá com proveito.

XII — Diversos trabalhos
(1865-1873)

a) No *Archivo Pittoresco*, VIII (1865), pag. 138, etc., publicou Luis Augusto Palmeirim um artigo intitulado *A poesia popular nos campos*, reproduzido, segundo me dizem, em folheto (que ainda não vi), e posteriormente publicado como appendice ao volume *Galeria de figuras contemporaneas*, Porto 1879, d'onde foi tãmda transcrito para a *Revista do Minho*. — Sobre este trabalho vid. *Poesia amorosa do povo português*, pag. 81 sqq., onde mostrei que elle é meramente litterario,

á maneira de folhetim romântico, comquanto encerre algumas observações exactas.

b) No *Almanach açoriano* de F. Maria Sopicó, 1866, sahíu um artigo com este título: *Superstições e prejuizos populares açorianos* (pag. 106-116).

c) Em 1871 publicou-se no Porto o 1.º vol. do **Cancioneiro do povo português**, com *Cantigas populares*, colligido por F. Xavier da Silva.

Muitas cantigas são genuinamente populares; noutras creio que houve retoque.

d) Em 1872 publicou o Sr. Adelino das Neves e Mello (filho) em Lisboa as **Musicas e Canções populares**.—Vid. acérca d'esta obra um artigo do Sr. Th. Braga in *Bibliographia critica*, pag. 204 sqq.—A collecção é geralmente fiel. As musicas, que contém, realçam o valor da obra.

e) Em 1873 inseriu na *Roma-*

nia, de Paris, vol. II, pag. 124
sqq. o Sr. A. Morel Fatio um im-
portante artigo sobre trabalhos
ethnographicos portugueses, a
proposito dos livros do Sr. Th.
Braga acêrca da poesia popular.
A este artigo me tenho referido
já algumas vezes a cima. O A.
possue conhecimento largo do
assunto, e trata-o com salutar
critica.

XIII—F. Adolfo Coelho

As primeiras investigações do Sr. Adolfo Coelho neste campo datam de 1864, segundo elle diz: «Desde 1864, em virtude de um plano de estudos traçado então (dos 17 para os 18 annos de idade) e que até hoje não teve modificações essenciaes, temos ido reunindo tudo o que se nos deparou com relação aos costumes, festas e crenças populares do nosso paiz, quer nos livros, quer

na vida do povo, observada directamente»¹.

Todavia, o mais antigo trabalho por elle publicado é, quanto pude averiguar, de 1874.

Eis a lista do que conheço (e creio que é tudo) do Sr. Adolfo Coelho:

A) Sobre POESIA POPULAR:

1) Na *Romania*, 1874, publicou *Romancos sacros, orações e ensalmos populares do Minho*.

2) Na *Zeitschrift fuer romanische Philologie*, 1879, publicou *Romancos populares e rimas infantis portuguezas*.

3) Na *Revista do Minho*, vol. I, na *Revista Lusitana*, vol. I, e na *Revista de Ethnologia e de Glottologia* publicou diversos artigos.

B) Sobre CONTOS POPULARES:

1) No *Cenaculo*, 1875, publi-

¹ *Ethnographia portugueza*, pag. 2 (extr. do *Bolet. da Soc. de Geogr. de Lisboa*, 2.^a série).

cou *Belphegor*, e um artigo sobre os *Contos sicilianos colligidos por Pitré*.

2) Na *Revista Occidental*, vol. II, publicou *Os contos*.

3) No *Positivismo*, vol. I, publicou *Materiaes para o estudo da origem e transmissão dos contos populares* (artigo por acabar).

4) No *Herculano* (Porto 1878, pag. 41), na *Revista do Minho*, vol. I, e na *Revista de Ethnologia e de Glottologia* publicou diversos artigos.

5) Em 1879 publicou em Lisboa um volume de **Contos populares portuguezes**, com uma introduccão.—No todo ou em parte, esta obra foi, segundo penso, traduzida em inglês com o titulo de *Tales of Old Lusitania, from Folk-Lore of Portugal*, by Henriqueta Monteiro.—London, Ywan Sonnenschein, in-8.º (Não vi ainda esta traducção.—A traductora é a mesma que traduziu varios contos colligidos pelo Sr. Consiglieri Pedroso,—vid. *infra*, cap. XV).

6) Em 1882 deu a lume no Porto os **Contos nacionaes** (para

crianças), que é o 1.º vol. da *Bibliotheca de educação nacional*.

7) Varios artigos na sua *Revista de Ethnologia e Glottologia*.

C) Sobre JOGOS:

Além dos factos que reuniu no artigo publicado na *Zeitschrift f. rom. Philolog.*, citada acima, publicou mais:

1) **Os jogos e as rimas infantis de Portugal** (folheto extrahido do *Bolet. da Soc. de Geogr.*, série 4.^a, n.º 12);

2) **Jogos e rimas infantis**, Porto 1883 (vol. 2.º da «Biblioteca de educ. nacional»).

D) Sobre DIVERSAS TRADIÇÕES POPULARES:

1) **Ethnographia portugueza** (costumes e crenças populares),— in *Boletim da Soc. de Geogr.* Investigação das fontes escritas para o conhecimento dos nossos costumes e crenças. (Concilio, legislação, litteratura, constituições episcopaes, documentos

inquisitoriaes). Cfr. supra, pag. 105-106, nota.

2) *As Superstições portuguezas*, in *Revista Scientifica* (do Porto), n.º 12.

Este artigo foi feito a propósito das minhas *Trad. pop. de Portugal*, a que o Sr. Coelho addiciona novos factos.

3) Artigos in *Renascença* (do Porto): *A morte e o inverno*; *Fórmulas numerativas*; *O Tangro-Mangro e os Turanianos* (critica a trabalhos do snr. Th. Braga). O ultimo artigo foi publicado em folheto, com o titulo de **Notas Mythologicas** (1881), e traduzido em hespanhol no *Boletín de la Institución libre de enseñanza*, Fevereiro de 1883.

4) No *Archivio delle tradizioni popolari*, vol. IV, publicou *Tradições relativas ás Sereias e mythos similares* (1885).

5) Na *Revista Archeologica*, vol. I, publicou um artigo sob *Os dias egypcios* (1887).

6) No *Anuario das trad. populares*, 1882, publicou um artigo

sobre *A oliveira de Guimarães*.

7) Na *Revista Lusitana*, vol. I, publicou *Notas e parallelos folkloricos*.

8) No seu livro *Os Ciganos de Portugal*, 1892, tem vários capitulos ácerca dos costumes d'aquella gente.

9) Em 1883 publicou **Os elementos tradicionaes da educação** (vol. 3.º da *Bibliotheca d'educação nacional*), — obra que foi traduzida em hespanhol.

10) Artigos criticos in *Jornal do Commercio* e noutros jornaes.

11) *As lendas da Serra da Estrella*, artigo in *Pero Gallego*, de Viana do Castello, 1882, n.º 30 (para onde foi transcrito, creio, do *Diario de Noticias*).

12) **Revista de Ethnologia e de Glottologia**, Lisboa 1880-1881 (4 fasciculos; o 5.º não chegou a apparecer). Foi a primeira revista que se publicou em Portugal sobre este assunto.

Ahi sahiram artigos de diversa natureza (costumes, calendario pop.). — Ácerca do fasciculo 1.º vid. *O Pantheon*, pag. 100-101; aos

artigos sobre calendario popular publiquei muitos additamentos in *Vanguarda* (de Lisboa), n.ºs 74-77, em 1881.

13) *O quebranto*, artigo in *Rev. das Sc. Sociaes e Naturaes* do Porto, vol. III.

*

Os trabalhos do Sr. Adolfo Coelho tem sido apreciados lá fóra com louvor; infelizmente não posso agora indicar senão estes artigos a respeito d'elles: de Stanislao Prato in *Preludio*, Ancona-Bologna, de 30 de Março 1881 (falla dos *Contos populares portu-guezes*); de F. Rodriguez Marín in *El folk-lore andaluz*, Sevilla 1882-1883, pag. 52 ssq. (falla da *Rev. de Ethnologia*); de G. Pitré in *Archivio per le trad. popol.*, I, 153 sqq. e 613 (falla da *Rev. de Ethnologia* e da *Ethnographia portu-gueza*); de Alejandro Guichot in *Boletín folklórico español*, Sevilla 1885, pag. 38 (falla dos *Jogos e rimas infantis*).

*

Como o Sr. Th. Braga, tam-bem o Sr. Adolfo Coelho tem

tido pouca occasião de percorrer o país para colligir as tradições directamente na fonte; por isso, comquanto publicasse os *Contos populares portuguezes* e alguns artigos e opusculos meramente como colleccões de materiaes, tem-se consagrado em especial, ou a explorar a antiga litteratura portuguesa, ou a annotar as nossas tradições populares pela comparação com similares tradições estrangeiras; os proprios *Contos populares portuguezes* contém uma introduccão sobre o valor geral dos contos e a antiguidade dos nossos.

O que realmente mais falta entre nós é quem annote com largueza e segurança, porque, só depois de bons estudos comparativos, é que se pôde discutir a maior parte dos problemas superiores provocados pelas tradições populares; portanto os estudos do Sr. Adolfo Coelho, feitos com erudição e methodo, são bem vindos; só é pena que elle por ora se limitasse a pouco.

XIV — Diversos trabalhos (1874-1880)

a) Em 1877 publicou-se em Leipzig o **Romanceiro portuguez**, coordinado, annotado e acompanhado d'uma introdução e d'um glossario por V. E. Hardung, 2 volumes.

Na introdução faz o collector um esboço da historia litteraria dos nossos romances, baseado principalmente nos trabalhos de Th. Braga. Ahi diz tambem qual é o intuito da obra: «Na presente edição propus-me reunir quanto andasse colligido nos differentes romanceiros portuguezes, publi-

cados no reino, cuja edição está, em parte, esgotada, incluindo alguma coisa inédita que pode obter da tradição oral» (Pag. XX). O que elle porém incluiu de novo é muito pouco.

Os romances d'esta colleção estão classificados por assuntos: romances historicos, maritimos, de aventuras, cavalheireseos & novelleseos, mouriscos, sacros & lendas christãs, romances com fôrma litteraria do sec. XVI a XVIII, e romances modernos (litterarios tambem). Cada romance vem acompanhado de breves notas explicativas.

D'esta obra diz a Sr.^a D. Carolina Michaëlis, auctoridade na materia: «A compilação de Hardung, é util mas desigual, participando dos erros das fontes em que elle bebeu». In *Revista Lusitana*, I, 161, nota.

b) Felix Liebrecht, notavel ethnographo, incluiu no seu livro **Zur Volkskunde**, Heilbronn 1879, alguns estudos que se referem a Portugal:

— Pag. 373, *Portugiesisches*, 10 §§, que contém notícias de superstições e costumes portuguezes, algumas vezes acompanhadas de notas comparativas. Para este estudo serviu-se das notas juntas á traducção dos *Fastos* de Ovidio por Castilho (vid. supra, pag. 236 e 241) e do poema *D. Branca* de Garrett.

— Pag. 322, *Real real*, artigo acêrca d'este brado nosso que se usa na aclamação dos reis. O A. toma para thema um passo dos *Iusiadas* (III, 46), e mostra que o brado de *real, real* não é proprio de Portugal, e pelo contrário se encontra noutros países. Este artigo tinha sido publicado primeiramente no *Jahrbuch f. roman. u. engl. Litter.*, II, 119.

— Pag. 409, uma nota sobre o costume portuguez de se dizer no Entrudo *rabo leva, rabo leva!* (Em algumas partes do pais diz-se *leva o rabo!*)

D'este livro deu noticia o Sr. Consiglieri Pedroso nos seus *Ensaïos criticos*, fasciculos IV-V.

Quando appareceram as mi-

nhas *Tradições populares de Portugal*, Felix Liebrecht honrou-me publicando numa revista allemã, *Goett. gel. Anz.*, 1883, pag. 245-253, uma critica, em que ao mesmo tempo junta a alguns dos factos que eu mencionei valiosas notas comparativas.

c) Num livro intitulado *Maria Coroada* impresso no Porto em 1879 ¹, vem como *Additamento* (pag. 185-213) uma curiosa série de ensalmos usados na Beira-Alta, e de remedios populares da mesma provincia.

d) Em 1879 publicou-se em Lisboa anonymamente uma *Collecção de cantigas populares colhidas em differentes terras das provincias e ilhas adjacentes* (folheto). Tem algumas canções verdadeiramente populares; outras retocadas; outras apocryphas.

¹ O A. ou AA. encobrem-se com os pseudonymos de *Patricio Lusitano e Pantaleão Froilaz*.

e) **Conservação e evolução**, por Teixeira Bastos, Porto 1880, extr. d'*O Positivismo*.

Sobre este opusculo vid. *O Pantheon*, pag. 296, onde discuti algumas afirmações, contidas nelle.

O A. incluiu-o no livro que em 1881 publicou com o titulo de *Ensaio sobre a evolução da humanidade*, acêrca do qual vid. o *Diario do exercito*, n.º 23, de 28 de Janeiro de 1872.

Publicou tambem o Sr. Teixeira Bastos um curioso artigo no *Anuario das trad. pop. port.* sobre «S. Antonio».

f) Em 1880 publicou-se em Wasa (Suecia) um livrinho intitulado **Romanser ifræn Portugal æffversatta af J. Oskar I. Rancken** (I. é, *Romances de Portugal, traduzidos por, etc.*) O traductor é finlandês ¹.

Os romances traduzidos em sueco são quinze, e correspondem aos seguintes do *Romanceiro*

¹ Devo ao meu amigo Gonçalves Viana o conhecimento do opusculo de Rancken, e a posse de um exemplar.

de Garrett: *D. Beltrão*, *D. Carlos*, *Claralinda*, *Reginaldo*, *Conde Iano*, *Rainha e cativa*, *Conde Nilo*, *Bernal Francês*, *Rosalinda*, *Helena*, *Guimar*, *A bella Infanta*, *D. João*, *Donzella que vae á guerra*, *O cordão d'ouro*.

A pag. 6 d'este opusculo cita-se a seguinte obra, que sinto não conhecer directamente:

Romanzero der Spanier und Portugiesen, publicado em Stuttgart por Emanuel Geibel & Adolph Friedrich von Schack.

g) **Romarceiro do Archipelago da Madeira** colligido e publicado por Alvaro Rodrigues de Azevedo, Funchal 1880.

D'esta obra se deu já noticia no *Annuario das trad. pop. portug.*, 1882, pag. 72-74. — Vid. tambem Stanislao Prato, *Gli ultimi lavori del Folk-lore neo-latino*, Parigi 1884, pag. 9-16, com muitas notas comparativas (extr. da *Romania*, XII-XIII).

O Sr. Alvaro Rodrigues d'Azevedo tambem organizou um **Cancioneiro popular da Madeira**, que não

chegou a publicar na integra; apenas publicou uma amostra no *Anuario das trad. pop. port.*, pag. 54-55.

O Sr. Dr. Rodrigues de Azevedo conhece muito bem as tradições poeticas da Madeira, onde residiu longos annos como professor do lyceu, e como advogado; mas infelizmente nem sempre, ao publicá-las, respeitou o estilo e linguagem do povo.

XV—Z. Consiglieri Pedroso

Já em 1878, num opusculo intitulado *A constituição da familia primitiva*, que serviu de these para o concurso da cadeira de Historia Universal e Patria do Curso Superior de Lettras, onde o A. é lente, mostrava o Sr. Consiglieri Pedroso quanto lhe eram predilectos os estudos ethnographicos.

E' só porém de 1880 que datam os primeiros trabalhos por elle publicados acêrca das tradições populares portuguesas. Ei-los aqui mencionados por ordem:

A) Sobre POESIA POPULAR:

Contribuições para um romanceiro e cancionero popular português (in *Romania*, X, 100-116, o artigo tem a data de Março de 1880), onde se tratam estes assuntos, e se contém uma breve introdução:

1. *Romances*;
2. *O Natal (Janeiras)*;
3. *Os Reis*;
4. *Orações*;
5. *Cantigas ao S. João*;
6. *Parlengas infantis e jogos populares*;
7. *Enigmas populares*.

Cfr. *Anuario das trad. pop.*, 1882, pag. 74-75.

B) Sobre CONTOS POPULARES:

- 1) **Estudos de Mythographia portugueza**, I (unico cap. publicado), — in *O Positivismo*, 1880, pag. 437 sqq.
- 2) **Portuguese Folk-Tales** collected by Consiglieri Pedroso and translated from the original ms. by

Miss Henriqueta Monteiro, Londres 1882.—Contém uma introdução escrita por W. Ralston.

C) Sobre SUPERSTIÇÕES:

1) Sur quelques formes du mariage populaire en Portugal (extracto do *Compte Rendu* do Congresso de Anthropologia e Archeologia prehistoricas realizado em Lisboa em 1880);

2) Contribuições para uma Mythologia Popular Portugueza, trabalho continuado com o titulo de *Tradições populares portuguezas*, —ao todo 15 fasciculos (extracto d'*O Positivismo*, 1880-1883). Cfr. o que escrevi in *O Pantheon*, 1880-1881, pag. 294.

D) Sobre ASSUNTOS DIVERSOS:

1) Ensaio critico, 6 n.ºs (extr. d'*O Positivismo*, 1879-1881);

2) Artigos em diversos jornaes e revistas, como *Archivio delle tradizioni popolari* (1, 270), *Annuario das trad. pop. portug.* (pag. 36), *Jornal do Commercio* (de 19

de Janeiro de 1883), *Revista Lusitana* (III, 370).

Muitos artigos criticos tem sido publicados a proposito dos trabalhos do Sr. Consiglieri Pedroso. Aqui, no entanto, apenas posso dar relação dos seguintes: do Sr. Adolfo Coelho in *Jornal do Commercio* de 22 de Dezembro de 1882 (a que o Sr. Pedroso respondeu no n.º 19 de Janeiro seguinte); de W. Ralston (já citado); de G. Pitriè in *Archivio delle tradizioni popolari*, I, 150 e 611, e II, 143 e 460; de Stanislao Prato, *Gli ultimi lavori del folk-lore neolatino*, Parigi 1884, pag. 18-19 (extr. da *Romania*, XII-XIII); do mesmo Stanislao Prato in *Preludio*, Ancona-Bologna, de 30 de Março de 1881, pag. 69.

Apesar de animado e elogiado por pessoas competentes neste ramo scientifico, de relacionado com grande numero de especialistas de auctoridade, de possuir largo conhecimento pratico de linguas (romanicas, germanicas e eslavas) que o habilitava a tratar

com profundidade os assuntos, de estar perfeitamente senhor do methodo scientifico, e de conservar ainda inedita boa quantidade de materiaes; o Sr. Consiglieri Pedroso, que começou com tanto entusiasmo, e revelou tantas esperanças, ha muito que deixou de publicar artigos sobre as nossas tradições populares, o que é para lamentar, porque a sua collaboração faz muita falta.

XVI— Diversos trabalhos
(1881 a 1882)

a) **Romanceiro** choix de vieux chants portugais, traduits et annotés par le Comte de Puymaigre, Paris 1881.

D'este livro se fallou in *Anuario das tradições populares portuguesas*, 1882, pag. 69-82.— Vid. tambem a seu respeito: Salomone Marino in *Archivio per le tradizioni popolari*, I, 149; e Asensio in *El folk-lore andaluz*, pag. 41 (bis).

A' parte algumas ideias que discuti no *Anuario*, loc. citat., a obra do Sr. conde de Puymaigre

é muito importante, já pela fidelidade da traducção, já pelas notas comparativas que contém.

b) A expedição scientifica que a Sociedade de Geographia organizou, e enviou á Serra da Estrella, em 1881, deu causa a que se publicassem varios trabalhos em que se referem tradições populares da Serra, por ex. um de Eduardo Coelho, publicado in *Diario de Noticias*, 1881; mas o mais vasto de todos é o **Relatorio** do Sr. Marrecas Ferreira (*Expedição scientifica á Serra da Estrella, —Secção de Ethnographia*), concluido em 1882 e publicado em 1883, no qual se estudam «As lendas da Serra da Estrella na tradição escripta».

c) *Tradições populares do Algarve* (Romances), artigos de Reis Damaso in *Encyclopedia republicana*, Lisboa 1882.

São na maioria variantes de romances já conhecidos; mas representam fielmente a tradição popular, quer pelo que se refere

á metrica, quer pelo que se refere á lingoagem.

O mesmo A. creio que tambem tem artigos de tradições populares na *Vanguarda* (no antigo jornal assim denominado).

d) **Materiaes para o Folk-lore portuguez**, recolhidos da tradição oral por A. de Sequeira Ferraz, Barcellos 1882 (extr. do *Tirocinio*, mas apenas se publicaram 4 pag.). — Cfr. o *Annuario das trad. pop.*, pag. 85.

O mesmo A. publicou sobre o assunto varios artigos em revistas e jornaes:

— in *Annuario das trad. popul.*, pag. 63 (rimas infantis);

— in *Revista Lusitana*, I, 269 (fórmulas populares), — III, 371 (ir aos gambozinos);

— in *Folha Nova*, n.º 321 e 329, de 1882 (noticia bibliographica de *El folk-lore andaluz*); n.º de 24 de Dez. de 1881 (noticia do meu *Estudo Ethnographico* n.º 334 e 335, de 1882 (O S. João);

— in *Actualidade*, n.º 205 a 207, de 1882 (noticia bibliographica

das minhas *Trad. pop. de Portugal*, com addições). O A. conhece bem as tradições da sua aldeia (Carrazeda d'Ansiães), e aproveitá-as nesses artigos.

e) **Recreios collegiaes por meio de toda a especie de jogos, excepto os de cartas e armas**, colligidos pelo P.^o Pedro Aloy, Lisboa 1882.

Collecção de jogos para uso dos alumnos internos do Collegio de Campolide, de Lisboa.

Alguns jogos são antigos e populares em Portugal, outros não. A pag. 263 sqq. publica-se uma collecção de 90 proverbios, a proposito de um jôgo.

XVII—A. Thomás Pires

Comquanto os trabalhos do Sr. Antonio Thomás Pires estejam pela maxima parte dispersos por jornaes e revistas, constituem comtudo importantissima collecção, principalmente os que se referem á nossa poesia lyrica popular. Neste ramo é o Sr. A. Thomás Pires quem mais tem trabalhado no país. Os seus primeiros escritos de tradições populares portuguezas datam do anno de 1882.

No *Diccionario historico geographico* do Sr. Victorino de Almada, intitulado *Concelho d'Elvas*, t. II, Elvas 1889, vem a pag. 223 sqq. uma biographia do Sr. A

Thomás Pires, em que se indicam todos os trabalhos que este publicou até 1889, e as apreciações que d'elles tem sido feitas por varios especialistas. Para lá remetto pois o leitor.

Depois de 1889 o Sr. A. Thomás Pires não tem deixado de publicar novos trabalhos até o presente.

1. Sahiram artigos seus nos seguintes jornaes, revistas, etc.: *A Sentinella da Fronteira* (onde se estreou em 22 de Junho de 1882); *El Folklore andaluz* (1882); *Anuario das trad. pop. portug.*, (1882); *El Folklore bético-extremeño* (1883-1884); *Archivio per le trad. popolari* (1883 sqq.); *O Elvense* (1884 sqq.); *Revista do Minho* (1885 sqq.); *Almanach alemtejano* (1884); *Jornal da manhã* (1885 sqq.); *Progreso d'Elvas* (1886); *Gazeta de Portugal* (1888); *Revista Lusitana* (1888 sqq.).

Os artigos publicados referem-se principalmente aos seguintes assuntos:

a) *poesia lyrica* (cantigas de

amor, cantigas historicas, orações, cantigas carnavalescas, rimas infantis);

b) romances populares ou xarcaras;

c) adivinhas;

d) comparações;

e) adagios (moraes, topographicos, agrarios);

f) contos tradicionaes;

g) superstições e costumes.

Do que o Sr. A. Thomás Pires mais se tem occupado é da litteratura popular, mas não deixa tambem de cuidar de outros ramos do *Folk-Lore*.

2. Em opusculos publicou:

a) **Cantigas a S. Antonio, S. João e S. Pedro**, Elvas 1891, 46 pag., com o pseudonymo de Johel;

b) **Cancioneiro popular politico**, Elvas 1891, VIII-69 pag., com um prefacio de Oliveira Martins;

c) **Calendario rural**, Elvas 1893, 90 pag.

Em virtude da importancia da vasta collecção organizada pelo Sr. A. Thomás Pires, é de esperar que alguma corporação scien-

tifica do país, como a Academia Real das Sciencias ou a Sociedade de Geographia de Lisboa, se encarregue de a mandar publicar em volumes, já que a publicação á custa do auctor, ou por intermedio de editor particular, será difficil no nosso ambiente litterario.

3. O Sr. A. Thomás Pires, além da dedicação extraordinaria com que ha mais de treze annos collige e publica elementos para o estudo das nossas tradições populares, é extremamente generoso para com os outros investigadores, repartindo com elles do seu vasto peculio:

a) ao Sr. Adolfo Coelho ministrou uma valiosa série de rimas infantis e descrições de jogos, que sahiram no *Bolet. da Soc. de Geogr. de Lisboa*, série 4.^a, n.º 12; e muitos elementos sobre a lingua e ethnographia dos Ciganos ¹;

¹ Vid. *Os Ciganos de Portugal*, por F. Adolfo Coelho, Lisboa 1892, pag. 1, etc.

b) a mim, além de muitas outras informações, ministrou-me a maior parte dos materiaes com que escrevi o opusculo intitulado *Subdialecto alemtejano*, Elvas 1883 (vid. pag. 2), e tem-me colleccionado grande numero de amuletos populares;

c) o artigo que com o titulo de *Amuletos* sahio no referido livro do Sr. Victorino d'Almada, *Concelho de Elvas*, t. I, s. v., é tambem do Sr. A. Thomás Pires ¹.

*

Ufano-me de, valendo-me da

¹ Os auxilios prestados pelo snr. Pires não se limitam ao campo das tradições populares. A' Archeologia tem elle prestado tambem serviços: o snr. Cartailhac memora-os no seu livro *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, pag. 237; dos serviços prestados á Associação dos Archeologos falla o *Concelho d'Elvas*, II, 236; o Museu Archeologico de Elvas deve-lhe bastante; pela minha parte tambem me confesso grato ao que me tem feito.

estreita amizade que desde 1882 me une ao Sr. A. Thomás Pires, haver contribuido um pouco para que elle não perdesse o alento que, dadas as condições do nosso público, que insensatamente se ri quasi sempre de quem estuda a sério e com ardor, poderia ter perdido: vid. a citada biographia no *Concelho de Elvas*, II, 221-240. Em carta de 10 de Maio 1889 diz-me elle tambem: «Não sei como tive paciencia para tão numerosa colheita! Creio que respondi, como devia, ao convite que me fez no *Anuario para o estudo das tradições populares*, 1882, quando tratou em artigo bibliographico da collecção de cantigas da *Sentinella*. Percorri todos os campos do *Folk-Lore*, e em todos fiz colheita, e larga».

XVIII — Diversos trabalhos
(1893-1895)

a) Em 1883 publicou o snr. Soeiro de Brito uns folhetins na *Sentinella da Fronteira* em que se refere a tradições populares.

O mesmo A., além de outros trabalhos que serão mencionados adiante (ao fallar da *Collecção «Silva Vieira»*), publicou em 1889 na *Folha d'Elvas* uma série de curiosos artigos com o titulo de *A poesia popular alentejana*, dos quaes se falla na *Poesia amorosa*, pag. 47, 48 e 51. D'elle ha tambem muitos artigos em periodicos, como no *Elvense*, na *Rev. Lusitana*.

b) Tradições populares da pro-

vincia do Douro por João Vieira d'Andrade, in *Aurora do Cávado*, n.º 181 sqq. (1883), — 9 folhetins. Foram reproduzidas no mesmo jornal em 1895, e d'elles se fez em Barcellos uma edição á parte, em folheto, com aquelle titulo e data. — Collecção abundante de *rimas infantis*.

c) **Tradições populares colhidas no concelho de Barcellos** por C. Augusto Landolt, com uma introdução por J. Leite de Vasconcellos, — in *Aurora do Cávado*, n.º 855 sqq. (1884). Compreendem canções populares. Tambem se fez em Barcellos uma edição á parte, com aquelle titulo e data.

O mesmo A. tem publicado artigos sobre tradições populares, quer na *Independencia* da Povoação de Varzim, jornal de que é redactor, quer na *Rev. do Minho*, quer na *Collecção «Silva-Vieira»*, de que fallarei adiante. Na *Independencia* publicou por exemplo uma série de folhetins com o titulo de *Cancioneiro minhoto*. Todos estes materiaes são fieis, e por

tanto dignos de aprêço.

d) **Gli ultimi lavori del Folk-lore neolatino**, recensione critica del Dott. Stanislao Prato, Parigi 1884, 42 pag. (extr. da *Romania*, t. XII e XIII). Já me tenho referido a este trabalho, onde se falla de varias obras portuguezas (de Consiglieri Pedroso, de A. Rodrigues de Azevedo, e das minhas *Trad. pop. port.*); o A. junta muitas notas comparativas. Acima citei outros escritos do mesmo A. a respeito de Portugal.

e) O Sr. Alberto Pimentel publicou:

— **A Jornada dos Seculos**. Lisboa 1884. D'este livro fallei na *Discussão*, do Porto (Agosto de 1884), onde mostrei que o A. trata o assunto precipitadamente, sem os necessarios conhecimentos scientificos.

— **A Musa das Revoluções**, Lisboa 1885. Não consta só de poesias populares, mas tambem de hymnos patrioticos, etc., e contém muitos factos importantes. Constitue um dos livros mais valiosos do Sr. Pimentel, pois de todos é

aquelle em que este auctor menos põe de sua lavra; apesar d'isso, discuti alguns pontos na *Poesia amorosa*, pag. 76-80.

f) **Cantorias**, Porto 1886, — collecção de cantigas (litteratura de cordel). Sem valor.

g) O Sr. J. da Silva Vieira, além da *Revista do Minho*, e da *Collecção* que tem o seu nome, das quaes fallarei adiante, deu a lume os seguintes opusculos:

— **Materiaes para a hist. das trad. pop. do concelho de Espozende**, Espòsende 1885;

— **Ramalhete de canções populares colhidas no concelho de Espozende**, Espòsende 1887.

Embora modesto nos seus emprehendimentos, o Sr. Silva Vieira tem prestado ao estudo das nossas tradições populares bons e desinteressados serviços, pelo que merece os applausos e as sympathias do público.

h) **A rosa na vida dos povos**, por Cecilia Schmidt Branco, com um proemio por F. Adolfo Coelho, — in *Biblioteca de las tradiciones populares españolas*, t. VIII, 1886.

Tratam-se nesta obra os seguintes assuntos: cap. I, *A rosa na mythologia*; cap. II, *nos cultos*; cap. III, *na vida profana*; cap. IV, *na medicina e na magia*; cap. V, *como symbolo*; cap. VI, *no vocabulario e no onomastico*.

Da auctora diz o Sr. Adolfo Coelho no proemio: «revela neste seu primeiro estudo folk-lorico, que reúne as condições necessarias para estas investigações, conhecimentos geraes solidos, a intelligencia de linguas numerosas, uma leitura larga de obras especiaes, e de fontes de tradições que até muitos eruditos de profissão nunca abriram, e um tacto fino, e prudente ao mesmo tempo, o que nestes estudos é do mais lato valor». Isto em parte explica-se por ser a Sr.^a D. Cecilia Schmidt Branco, por um dos ascendentes, allemã ¹, e ter como tal recebido educação, não só primorosa, mas profunda.

¹ Pelo outro ascendente, e pela patria, é portuguesa.

Na *Revista Lusit.*, I (53 e 291), e II (78, 321) e III (pag. 1) publicou ella outros estudos sobre tradições populares.

i) Arruda Furtado inseriu no *Jornal das sciencias mathem., phys. e natur.*, n.º 42 (Lisboa 1886), um artigo intitulado *Notas psychologicas e ethnologicas do povo portuguez*, I, *Nomes vulgares de peixes*. O auctor, que era investigador perspicaz, e, apesar de moço, naturalista muito distincto, chegou á conclusão de que na população do Sul (Lisboa, Setubal, Algarve) ha poderosa aptidão para descobrir e formular características naturaes. Cfr. *Revista Lusitana*, I, 190-191.

j) A Sr.^a Doutora D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, que, como se sabe, occupa no dominio da Philologia Romanica lugar eminente, tem, ao lado do estudo da lingua e litteratura portuguezas, acompanhado tambem o das tradições populares.

Além das notas ethnographicas inseridas na sua magnifica

edição das *Obras* de Sá de Miranda, publicou em especial na *Revista Lusitana* os seguintes artigos, sendo particularmente importante o ultimo:

— *Tangro-mangro*, I, 66;

— *Materiaes para o refraneiro português*, I, 69;

— *Estudos sobre o romanceiro peninsular*, II, 156 e 193, a proposito do *Romanceiro asturiano de Munthe*, e do meu *Romanceiro português*. Artigo de vasta erudição, no qual a auctora expõe algumas considerações theoricas sobre o methodo de colligir e publicar os romances tradicionaes. Estas considerações vem a a proposito de eu ter publicado, com destino ás escolas e ao povo, um livrinho com textos populares incorrectos, e sem escolha, taes quaes os ouvi. Effectivamente, como a Sr.^{ta} D. Carolina diz na nota 4 de pag. 211, eu não me lembrei bem do destino do *Romanceiro*, e pensei mais nos especialistas e conhecedores do que no povo e nas crianças; o meu fim proprio era dar a

lume algumas das poesias ineditas e curiosas que eu tinha, e aproveitar a occasião, que poucas vezes então se me deparava (1886), de publicar um livrinho sobre os meus tão dilectos estudos. Quanto ao mais que a Sr.^a D. Carolina diz, parece-me que, se isso se pesar bem com o que tenho feito, ao colhêr da boca do povo as poesias, e com tudo o que tenho escrito, estaremos fundamentalmente de accôrdo! Não posso deixar de agradecer neste lugar á illustre auctora do artigo o modo extremamente amavel como me tratou, e a benevolencia que lhe mereceu a minha pobre tentativa.

— Na *Geschichte der portugiesischen Litteratur*, publicada no 2.^o vol. do *Grundriss der romanischen Philologie* de G. Groeber, inseriu a Sr.^a Doutora D. Carolina Michaëlis um substancioso capitulo sobre *Litteratura popular portuguesa* (§§ 18-22), considerada desde os tempos mais antigos de que restam vestigios, até hoje. Com relação ao Cancioneiro, faz

uma divisão da poesia lyrica do nosso povo em duas epochas, a primeira das quaes termina no fim do sec. XIV. Com relação ao Romanceiro, classifica os romances, quanto aos assuntos, em tres grupos: *cavalheirescos* ou *novellicos*, de aventuras medievaes; *xacaras*, de scenas modernas, ora satyricas, ora sérias, ora joviaes; *sacros*, da vida de Christo, da Virgem e dos Santos. O capitulo termina com uma bibliographia.

k) **Excavações litterarias da Beira-Baixa**, por A. Alfredo Alves, Lisboa, 1887. E' uma tentativa de collecção de tradições populares baixo-beirãs. O collector tem boa fé e sinceridade, mas falta-lhe prática sufficiente para poder distinguir o que é genuinamente popular do que o não é. Cfr. *Revista Lusitana*, I, 191.

O mesmo inseriu na *Rev. Lusit.*, III-74, um artigo tambem sobre tradições populares.

l) **Lusitania**, — canti popolari portoghesi — tradotti ed annotati da Ettore Toci, Livorno 1888,

179 paginas.

As composições traduzidas e annotadas são em número de dezaseis. Os textos aproveitados foram as collecções de Beller-mann e Hardung, mencionadas a cima. Toei traduz em verso italiano os nossos romances.

m) **Fastos açorianos**, por Gabriel d'Almeida, Lisboa 1889 (vol. da *Bibliotheca do Povo e das Eschololas*).

Dois dos cap. versam as tradições populares: *Festejos populares*, pag. 23; *Representações populares*, pag. 56.

n) Do Dr. Vasconcellos Abreu:

— **Notas sobre a questão do «jus primae noctis»**, Lisboa 1889, 16 pag.;

— *A seita dos «afabadores»* in *Correio da Noite* de 25-X-1883.

o) **Collecção «Silva Vieira»**. Esta collecção foi apprehendida pelo Snr. Silva Vieira com o fim principal de publicar varios opusculos sobre as nossas tradições populares; mas nem todos os opusculos publicados são sobre essa materia. Aqui devem só men-

cionar-se os seguintes:

— **As Brotas**, por Soeiro de Brito, Espòsende 1890;

— **A poesia popular alemtejana**, pelo mesmo, 1890. — Cfr. supra, pag. 335.

— **Folk-lore e dialectologia de Espozende**, por Armando da Silva, 1890;

— **Astronomia, meteorologia e chronologia populares**, por Soeiro de Brito, 1890;

— **Tradições maiatas**, por Candido Augusto Landolt, 1891;

— **Subsidio para o estudo do folk-lore portuguez**, pelo mesmo, 1892.

De alguns d'estes opusculos tenho fallado na *Revista Lusitana*.

p) **Tradições populares açorianas** por H. Lang. — in *Zeitschrift f. roman. Philolog.*, XIII, 218-224 e 416-430. — Cfr. *Rev. Lusit.*, II, 96.

Sobre o mesmo assunto publicou o Sr. Lang outro artigo in *Revista Lusitana*, II, 46-55.

O Sr. Lang merece grandes sympathias de nós portuguezes,

porque, com muito saber, critério e dedicação, se occupa das nossas cousas (lingoa e litteratura).

q) Com o titulo de *Canções populares da Beira Alta* publicou o Sr. Pedro Trajano (pseudonymo) uns artigos no *Correio da Figueira*, n.º 268 sqq. (1891); constam de introdução e de uma série de cantigas.

O mesmo A. (P. F. Thomás) está imprimindo um volume sobre isto; as canções são acompanhadas de musicas. A' data em que escrevo, estão já impressas algumas folhas.

r) *La tradition d'Eginhard et Emma dans la poésie romanesca de la Péninsule Hispanique*, essai folklorique par Hans Otto (extr. de *Modern. lang. notes*, Baltimore 1892.) — Cfr. *Rev. Lusit.*, III, 375.

s) *Diabruras, santidades e prophcias*, por A. C. Teixeira de Aragão, Lisboa 1894.

Do character do livro, diz o A. a pag. 1: «Não é romance: são esbocetos troncados, ou scenas

de costumes, crenças e visões, devidas a embustes, a fraquezas de espirito e á educação fanatica, que produzem de ordinario o embrutecimento moral. No escrito não ha inventos: além das tradições populares, e do extractado dos livros de demoniomania, colligimos a melhor parte d'elle nos archivos nacionaes, e nas chronicas».

t) **O Santo Antonio do Povo** por Carlos Sertorio, Lisboa 1895.— Contém poesias populares (cantigas, orações, etc.), contos populares, narrativas de milagres, e outras composições. O collectore nem sempre indica as fontes a que recorreu.

u) Vi citada a seguinte obra, mas não a li, nem sei a sua data, **Die portugiesische Romanzenpöesle**, von Dr. J. Ulrich, Zurich. Zuercher und Furrer, in-8.º, 16 paginas.

**XIX — Revistas especiaes
(e jornaes diversos)**

1. **Revista d'Ethnologia e de Glatologia**, publicada pelo Dr. F. Adolfo Coelho.— Vid. supra, pagina 310.

2. **Anuario para o estudo das tradições populares portuguezas** (1.º anno 1883), Porto 1883. Foi publicado por mim, e collaborado pelos especialistas portuguezes. Não se publicou mais volume nenhum.

3. **Revista do Minho**, — *para o estudo das tradições populares*. — O 1.º fasciculo foi publicado em Barcellos em 1885. Tem sahido a lume até hoje 11 volu-

mes. A fundação d'esta Revista deve-se aos srs. José da Silva Vieira e C. Augusto Landolt, que me offereceram a direcção d'ella, chegando ainda a imprimir-se com o meu nome um rosto; mas, por falta de tempo disponivel, não pude acceitar a direcção, comquanto lá collabore por vezes.

D'ella se dizem algumas palavras in *Rev. Lusit.*, I, 95 e 285, e II, 187.

4. *Revista Lusitana*, — *archivo de estudos philologicos e ethnologicos relativos a Portugal*, — dirigido por J. Leite de Vasconcellos: 1.º vol. (1887-1889); 2.º vol. (1890-1892); 3.º vol. (1893-1895); 4.º vol. (em publicação).

Já em 1880 ou 1881 eu havia apprehendido a publicação de uma *Revista portuguesa de tradições populares*, de que ainda se imprimiram prospectos; mas oppuseram-se á publicação difficuldades materiaes e os meus trabalhos escolares.

Em 1887 porém tive a felicidade de encontrar um editor co-

rajoso, o meu amigo o sr. Antonio Simões Lopes, que se prontificou a realizar os meus desejos de uma publicação periodica neste genero: e appareceu o 1.º fasciculo da *Revista Lusitana*, que marca na minha vida litteraria, com sinceridade o digo, uma data de summo prazer para mim, porque havia muito tempo que eu aspirava a fundar tal Revista, sem o poder conseguir.

Nella tem collaborado, além de outros escritores, já mencionados, os seguintes: F. Martins Sarmiento (I-275, *Duas trad. popul.*), Souto Cervantes (II-308, *Trad. pop. de Peniche*), J. de Castro Lopo (II-80 e 266, *Romances pop.*), Pedro de Azevedo (II-339, *Costumes populares*; III-87 e 329, *Trad. e Superst. pop.*), e Dr. Ferraz de Macedo (III-82, *Ceramica popular*).

*

Quando comecei a dedicar-me ao estudo das tradições populares, como não tinha facilidade de publicar em livros ou opusculos o que colligia, recorri aos jor-

naes, e ahi imprimi, de 1878 em diante, muita cousa. A principio o público ria-se, porque, antes d'aquella data, só muito raramente em alguma publicação periodica tinham apparecido entre nós cantigas, superstições, lendas; mas, porque a verdade triumphava sempre, e tambem porque eu tinha da minha parte professores conhecidos, como o Sr. Adolfo Coelho, Theophilo Braga, e Consigliere Pedroso, os dois primeiros já entregues ao assunto antes de mim, o terceiro, que os iniciára pelo mesmo tempo pouco mais ou menos que eu, em breve os sorrisos cessaram, e muitos jornaes começaram de motu proprio a publicar cantigas populares, tanto em Lisboa e no Porto, como noutras terras.

No entretanto iam apparecendo novos investigadores, que alargavam o campo de estudo e preparavam o gosto do público.

Ser-me-hia impossivel mencionar aqui todos os periodicos em que se tem inserido collecções de tradições populares. Além dos já

mencionados, e de outros que te-
rei de citar adiante, occorre-me
citar aqui os seguintes: *Revista
de Guimarães* (onde sahiram ar-
tigos dos Srs. Martins Sarmen-
to ¹, Leite Castro ², e Abilio
Brandão ³). — *Revista das scien-
cias naturaes e sociaes* (onde,
além dos artigos dos Srs. Adolfo
Coelho e Th. Braga, já citados,
o Sr. Rocha Peixoto publicou ar-
tigos sobre *Tatoagem portuguesa*
e sobre *Malacologia popular*), —
*Diario de Noticias, Diario Illus-
trado, Novidades, A Lucta*, etc.

¹ 1888.

² 1884, 1886 e 1887.

³ 1889, 1890, 1891.

XX. — Additamento

Ficaria incompleto este livro, se não se mencionassem também aqui os trabalhos que tenho publicado no campo das tradições populares. Por isso não considerem como vaidade o que não passa de desejo de me desempenhar, o melhor possível, do encargo, que tomei para mim, de esboçar a historia dos estudos feitos acêrca das tradições populares portuguesas.

I. Trabalhos publicados :

A) EM FÓRMA DE ARTIGO (EM JORNAES E REVISTAS):

1. *O Presbiterio de Villa-Cova,*

1878 (in *Aurora do Cavado*, reproduzido acima, pag. 1 sqq.);

2. *Mythologia popular portuguesa*, 1879 (in *Aurora do Cavado*, n.º 597);

3. *Vestigios do culto do fogo em Portugal*, 1879 (in *O Estudo*, pag. 19);

4. *Poesia popular*, 1879 (ibidem, pag. 22);

5. *Poesia popular portuguesa*, 1880 (in *Cancioneiro português*, pag. 128);

6. *Tradições portuguesas*, 1880 (in *Aurora do Cavado*, n.º 653 e 658);

7. *Tradições dos corpos celestes*, 1880 (in *Vanguarda*, n.ºs 17, 19 e 20);

8. *Tradições dos metaes*, 1880 (in *Penafidelense*, n.ºs 295 e 296);

9. *Fastos do povo português*, 1880 (in *Penafidelense*, n.ºs 305 e 308);

10. *Cultos phalicios em Portugal*, 1880 (in *Vanguarda*, n.º 26);

11. *Cosmogonia popular portuguesa*, 1880 (ibidem, n.ºs 34, 35, 38 e 39);

12. *Tradições das pedras*, 1880

(in *Era Nova*, pag. 75 sqq.);

13. *Tradições da atmosphera em Portugal*, 1880 (ibidem, pag. 216 sqq.);

14. *A ethnographia dos Lusias*, 1880 (in *Album Litterario*, Porto, pag. 26);

15. *Mythologia portuguesa*, 1880 (in *O Pantheon*, pag. 13, 35, 49, 115 e 131 sqq.);

16. *Notas sobre os funeraes*, 1880 (ibidem, pag. 82 e 96);

17. *Materiaes para o estudo das bellas artes populares portugesas*, 1880-1881 (ibidem, pag. 197 e 363);

18. *Nota sobre as adivinhas populares portugesas*, 1881 (ibidem, pag. 214);

19. *As Moiras*, 1881 (ibidem, pag. 240 e 253);

20. *O S. João*, 1881 (ibidem, pag. 277);

21. *Pedra de raio*, 1887 (ibidem, pag. 364);

22. *As tradições populares*, 1881 (in *Religião e Patria*, de 5 de Janeiro);

23. *Trango-Mango*, 1881 (in *Vanguarda*, n.ºs 67 e 68);

24. *Calendario popular*, 1881 (in *Vanguarda*, n.^{os} 74, 75, 76 e 77);

25. *Costumes populares da provincia do Minho*, 1881 (in *Penafidense*, n.^{os} 369, 370, 371, 378, 379 e 380);

26. *Tradições populares da Serra da Estrella*, 1881 (in *A Justiça Portuguesa*, n.^{os} 112 e 115);

27. *Paremiographia Portuguesa*, 1881 (ibidem, n.^{os} 120, 121, 122 e 135);

28. *Para a historia rimaranense*, 1881 (in *Religião e Patria*, n.^{os} 32 e 33);

29. *A ideia de uma triada nas trad. pop. portug.*, 1881 (in *Vanguarda*, n.^{os} de 13 e 20 de Março);

30. *Mythologia botanica*, 1881 (in *Vanguarda*, n.^o de 17 de Abril, n.^o 51 e n.^o de 8 de Maio);

31. *Costumes da Beira-Alta*, 1881 (in *Encyclopedia Republicana*, pag. 187 e 211);

32. *Curmina magica do povo português*, 1881 (in *Era Nova*, pag. 512 e 539);

32-bis. *Varias noticias biblio-*

graphicas, 1881 (in *O Pantheon*, pag. 100 e 204 sqq.);

33. *Um romance popular português*, 1882 (in *Folha de Braga*, de 10 de Setembro);

34. *Boletim folklorico*, 1882 (in *Revista Scientifica*, pag. 580);

35. *Costumes portugueses do sec. XVII*, 1882 (in *Encyclopedia Republicana*, pag. 100);

36. *A poesia das aldeias*, 1882 (ibidem, pag. 125);

37. *Bibliographia do folk-lore*, 1882 (ibidem, pag. 125);

38. *Analyse critica*, 1882 (in *Rev. Scient.*, pag. 540);

39. *Carta sobre trad. pop.*, 1882 (in *O Tirocinio* n.º 23);

40. *Litteratura pop. port.*, — *Contos pop.*, — 1882 (in *Giornale di Filologia Romanza*, pag. 291 sqq.)

41. *Dois contos pop. portug.*, 1882 (in *Revue des langues romanes*, XXVI, 227);

42. *Romanceiro português*, — *critica*, — 1882 (in *Rev. da Socied. de Instrucção do Porto*, pag. 156 e 240 sqq.);

43. *Costumes e crenças de Portugal*, 1882 (in *Archivio per le tra-*

- dizioni pop., I, pag. 272 sqq.);
44. *Rimas infantis portuguesas*, 1882 (ibidem, pag. 570 sqq.);
45. *Análise critica*, 1882 (in *Rev. Scient.*, pag. 481 sqq.);
46. *Costumes populares hispano-portugueses*, 1882 (in *El folklore andaluz*, pag. 172, 208 e 349 sqq.);
47. *Cuatro juegos pop. bercianos*, 1882 (ibidem, pag. 353 sqq.);
48. *Literatura popular gallega*, — em hespanhol, — 1883 (in *El folklore frexnense*, pag. 96 sqq.);
49. *Trad. pop. da Extremadura hesp.*, 1883 (in *Rev. de estudos livres*, pag. 88 sqq.);
50. *Romanceiro popular de Portugal*, 1883 (in *Penafidelense*, n.ºs 607 e 617);
51. *Poesia pop. portug.*, 1883 (in *Archivio per le trad. pop.*, II, pag. 581 sqq.);
52. *Em Trás-os-Montes*, 1884 (in *A Voz do Douro*, n.º 259);
53. *As «Cantigas historicas» de A. T. Pires*, 1884 (in *Discussão*, n.º 223);
54. *Critica á «Jornada dos Seculos» de Alberto Pimentel*, 1884 (ibidem, n.º ?);

55. *Crenças populares*, 1884 (in *Revista do Minho*, I, pag. 5 e 13);
56. *Introdução ás «Trad. pop.»* de Barcellos de C. A. Landolt, 1884 (ibidem, I, 7 sqq.);
57. *Varias noticias*, 1884 (ibidem, I, 11 sqq.);
58. *Noticias bibliographicas*, 1884 (ibidem, I, 13 sqq.);
59. *Criticas bibliographicas*, 1884 (in *Discussão* de Março, Maio e Agosto);
60. *Bibliographia Folklorica*, 1884 (in *Rev. de estudos livres*, II, 413 sqq.);
61. *Carta da aldeia*, — sobre cantigas populares — 1895 (in *Alma Nova*, de 20 de Set. de 85);
62. *Cães de Esculpio*, 1885 (in *Saude Pública*, 12.º anno, n.º 6);
63. *Demopsychologia*, 1885 (in *Rev. do Minho*, I, 57);
64. *Viuva resignada*, 1885 (ibidem, 58);
65. *Cinco adagios*, 1885 (ibidem, 65);
66. *Fórmulas magicas*, 1885 (ibidem, 69 e 74);
67. *Bibliographia*, 1885 (ibidem, 72 e 76);

68. *Numeração infantil*, 1885 (ibidem, pag. 75);
69. *Costumes trasmontanos*, 1885 (ibidem, 77);
70. *Excavações ethnographicas*, 1885 (ibidem, 85);
71. *Noticias várias*, 1885 (ibidem, 90);
72. *Em Evora*, 1888 (in *O Reputer*, n.ºs 180 e 200);
73. A proposito das «*Cantigas populares*», de A. T. Pires, 1888 (in *Elvense*, n.ºs 725 e 726);
74. *Matar o bicho*, 1888 (in *Rev. do Minho*, III, n.º 9);
75. *Cantigas pop. de Sinfães* 1888 (ibidem, ib., ib.);
76. *Superstições populares*, 1888 (ibidem, ib., n.º 10);
77. *Notas várias sobre trad. pop.*, 1890 (ibidem, VI, n.º 8);
78. *Pedras de raio*, 1891 (in *Echo de Mafra*, n.º 9).

B) EM FÓRMA DE LIVRO E DE OPUSCULO :

1. **Fragmentos de Mythologia popular portuguesa**, Porto 1881 (reprodução dos artigos menciona-

- dos acima, sob os n.^{os} 19 e 20);
2. *Romances populares portuguezes*, Barcellos 1881;
 3. *Estudo ethnographico a proposito da ornamentação dos jugos e cangas dos bois no Entre-Douro-e-Minho*, Porto 1881;
 4. *Amuletos populares portuguezes*, Porto 1882;
 5. *As Maias*, Barcellos 1882;
 6. *Dictades topicos de Portugal*, Barcellos 1882;
 7. *Tradições populares de Portugal*, Porto 1882 (neste livro aproveitam-se muitos dos artigos mencionados na secção-A);
 8. *Uma excursão ao Suajo*, Barcellos 1882;
 9. *Tradições populares*, Barcellos 1885;
 10. *Romanceiro Português*, Lisboa 1886;
 11. *Poesia amerosa do povo português*, Lisboa 1890;
 12. *Sur les amulettes populaires portugaises*, Lisbonne 1892;
 13. *Museu ethnographico português*, Porto 1894.

C) REVISTAS ESPECIAES:

1. **Anuario para o estudo das tradições populares portuguesas**, Porto 1882 (onde sahiram vários artigos do redactor);

2. **Revista Lusitana**, Porto 1877-1885. Publicados 3 vol., e em publicação o 4.º (Aqui tem sahido muitos artigos do redactor). Vid. supra, pag. 349.

*

Com relação ao plano a que obedecem todos os artigos, opusculos e livros mencionados, vid. a «Nota final» que juntei á *Poesia amorosa do povo português*, pag. 137-142.

II. Criticas a alguns dos trabalhos precedentes:

1. Artigo de Pereira-Caldas a proposito dos *Fragm. de Myth. Pop. Portug.*, — in *Pantheon*, pag. 361 (fez-se edição á parte).

2. A proposito do *Estudo Ethnographico* publicaram-se os seguintes artigos:

a) de Reinhold Koehler, in *Revue Celtique*, V, 410 (reproduzido in *Anuario das trad. pop.*, 86);

b) de Giuseppe Pitrè, in *Archivio per le tradizioni popolari*, I, 153;

c) de Sequeira Ferraz, in *A Folha Nova*, 1881, n.º 179.

3. A proposito dos *Dictados topicos de Portugal* publicaram-se os seguintes artigos:

a) de Giuseppe Pitrè, in *Archivio per le trad. pop.*, I, 487;

b) de Romero Espinosa in *El folk-lore frexnense*, pag. 60;

c) de Diaz y Pérez, in *El Tiempo*, de 29 de Dez. de 1882;

d) de Micrófilo (pseudonymo); in *El Eco de Fregenal*, de 6 de Março de 1883.

4) A respeito das *Tradições populares de Portugal* publicaram-se os seguintes artigos:

a) de F. Adolfo Coelho, in *Jornal do Commercio*, de 28 de Novembro de 1882;

b) de Teixeira Bastos, in *O Atlantico*, de 6 de Out. de 1882

(artigo reproduzido no livro do mesmo, intitulado *Sciencia e philosophia*, Porto 1890, pag. 97);

c) de Sequeira Ferraz, in *Actualidade*, 1882, n.ºs 205 a 207;

d) de Brás de Sá, in *Anuario das trad. pop. port.*, pag. 87;

e) de Micrófilo (pseudon.), in *El folk-lore freznense*, 1883-1884, pag. 138-141;

f) de A. Machado y Alvarez, in *El folk-lore andaluz*, 1882-1883, pag. 327-333;

g) de Stanislao Prato, no opusculo *Gli ultimi lavori del Folk-lore neo-latino*, Parigi 1884, pag. 8-9 (extr. da *Romania*, XII XIII);

h) de Giuseppe Pitrè, in *Archivio per le trad. pop.*, I, 609-611;

i) de Felix Liebrecht, in *Gott. gel. Anz.*, 1883, pag. 245-253;

5. Na *Revista Lusitana*, II, 208 sqq. publicou a Sr.ª Dr.ª D. Carolina Michaëlis um artigo (a que já me referi acima, pag. 341) acêrca do *Romanceiro português*.

6. Do opusculo *Sur les amulettes pop. portug.*, deu o Dr. G.

Pitrè una noticia in *Archivio per le trad. pop.*, XI, 578-579.

7. Do *Annuario das trad. pop. portug.* fallou G. Pitrè in *Archivio per le trad. pop.*, II, 147.

8. Da *Revista Lusitana* fallou o prof. W. Meyer-Luebke in *Zeitschrift f. die Roman. Philologie*, 1891, pag. 269-270.

Nota final (da 1.^a ed.)

Este livro está no prelo, por várias circumstancias, desde 1891. D'ahi resultaram para elle algumas irregularidades, que o benevolo leitor desculpará.

Quanto á Segunda Parte do livro, foi meu intento a principio escrever apenas um breve esboço da Historia do que entre nós se ha feito no terreno das tradições populares; todavia o plano primitivo alterou-se, alargando-se, e por isso o trabalho revestiu principalmente character bibliographico.

Lisboa, 7 de Julho de 1896.

Addendum & corrigendum

Pag. 210. Accrescente-se a seguir á linha 21:— A terceira xacara publicada logo depois d'estas foi a do *Conde Galhardo*, no poema *Izabel* de Costa e Silva, Lisboa 1832, pag. XI; cfr. tambem Garrett, *Romanceiro*, III, n.º 24. Do *Bernal Francês* foi publicada no *O Espectro* de Costa e Silva (poema), Paris 1838, uma versão provinda de Gôa. Segundo diz este auctor no referido poema *O Espectro*, pag. 5, elle colligiu varios romances populares d'aquella proveniencia.

*

Pag. 302, linhas 4.^a e 5.^a, a contar de baixo, leia-se *tambem* em vez de *tam-da*.

INDICE

Prologo da 1. ^a edição	Pag. V
Advertencia da 2. ^a edição.	VI

*

Repartição d'esta obra em duas partes	VII
---	-----

I

O PRESBYTERIO DE VILLA-COVA

Dedicatoria	1
Palavras prévias	5
<i>I. Noticias historico-geographicas</i>	7
<i>II. Costumeiras :</i>	
§ 1. O Entrudo	22
§ 2. Feitiçaria	34
§ 3. Mouras encantadas	46

§ 4.	Lobishomens	57
§ 5.	O S. João	65
§ 6.	Obradorio (culto dos mortos)	72
§ 7.	Corridas de toiros	86
§ 8.	Primicias	90
§ 9.	Factos diversos	93
<i>Nota final</i>		98

II

HISTORIA DAS TRADIÇÕES
POPULARES

Palavras prévias	105
------------------	-----

Primeiro periodo (do sec. XVI a 1824)

I. NOVELISTICA:

<i>Contos de Trancoso</i>	112
---------------------------	-----

II. ADAGIARIOS:

1.	<i>Refranes de Hernán Núñez</i>	115
2.	<i>Diccionario de Barbosa</i>	124
3.	<i>Philosophia de Fr. Aleixo</i>	125
4.	<i>Adagios de Delicado</i>	132
5.	<i>Florilegio de B. Pereira</i>	136
6.	<i>Lexicon de Howell</i>	138
7.	<i>Feira dos annexins de Mello</i>	141
8.	<i>Eschola decurial de Fradique</i>	149
9.	<i>Vocabulario de Buteau</i>	154
10.	<i>Gr. hollandesa de Folqman</i>	155
11.	<i>Gr. inglesa de Vieyra</i>	155
12.	<i>Adagios de Rolland</i>	156
13.	<i>Proverbios emendados</i>	158
14.	<i>Adagios de Couto Guerreiro</i>	159

III. ADIVINHAÇÕES:

- | | | |
|----|--------------------------------|-----|
| 1. | <i>Passatempo</i> de F. Lopes | 191 |
| 2. | <i>Adagios</i> de Maria do Ceu | 192 |
| 3. | <i>Prosas</i> de Bluteau | 193 |

IV. ENSALMOS:

- | | | |
|--|------------------------------------|-----|
| | Do D. ^{or} Valle de Moura | 196 |
|--|------------------------------------|-----|

V. OBRAS VARIAS:

- | | | |
|----|---|-----|
| 1. | <i>Significação das plantas</i>
de Barreyra | 198 |
| 2. | <i>Vocabulario</i> de Bluteau e
<i>Elucidario</i> de Viterbo | 201 |
| 3. | Obras várias | 201 |

Segundo periodo (de 1824 á actualidade)

- | | | |
|------|--------------------|-----|
| I. | Almeida Garrett | 206 |
| II. | João Pedro Ribeiro | 222 |
| III. | A Herculano | 225 |
| IV. | D. Maria Peregrina | 228 |

V. FASTOS DE OVIDIO. — AL-
MANACHS 241

VI. ADAGIARIOS:

- | | | |
|----|-----------------------------------|-----|
| 1. | <i>Proverbios</i> de Perestrello | 245 |
| 2. | <i>Rifões</i> (na <i>Epocha</i>) | 247 |
| 3. | <i>Ensaio</i> de Pina Manique | 248 |
| 4. | Collecção de Bohn | 248 |
| 5. | <i>Grinalda</i> de J. F. Castilho | 249 |
| 6. | <i>Album</i> de Bordallo | 250 |

7.	<i>Proverbios de Theobaldo</i>	251
8.	<i>Philosophia (da Bibliotheca do Povo)</i>	251
9.	<i>Origens de annexins de C. Lopes</i>	253
10.	Varios trabalhos	255
VII. ADIVINHAÇÕES:		
	Observações várias	257
VIII. DIVERSOS TRABALHOS:		
(1844-1856):		
1.	De Raczynski	259
2.	De Wolf	260
IX.	Estacio da Veiga	261
X. DIVERSOS TRABALHOS:		
(1862-1864)		
a)	De A Ribeiro Saraiva	289
b)	De Christ. Fr. Beller mann	289
XI.	Theophilo Braga	291
XII. DIVERSOS TRABALHOS:		
(1865-1873)		
a)	De Palmeirin	302
b)	De Sopico	303
c)	De Xavier da Silva	303
d)	De Adelino das Neves	303
e)	De Morel Fatio	304
XIII.	F. Adolfo Coelho	305

XIV. DIVERSOS TRABALHOS:

(1874-1880)

a) De Hardung	313
b) De Liebrecht	314
c) <i>Maria Coroada</i>	316
d) <i>Cantigas populares</i>	316
e) De Teixeira-Bastos	317
f) De Rancken	318
g) De A. R. de Azevedo	318

XV. Consiglieri Pedroso	320
-------------------------	-----

XVI. DIVERSOS TRABALHOS:

(1881-1882)

a) De Puymaigre	325
b) Da Sociedade de Geographia	326
c) De Reis Damaso	326
d) De Sequeira Ferraz	327
e) Do P. ^o Aloy	328

XVII. A. Thomás Pires	329
-----------------------	-----

XVIII. DIVERSOS TRABALHOS:

(1893-1895)

a) De Soeiro de Brito	335
b) De J. V. de Andrade	336
c) De Landolt	336
d) De Stanislaõ Prato	337
e) De Alberto Pimentel	337
f) <i>Cantorias</i>	338
g) De J. da Silva Vieira	338

h)	De D. Cecilia Branco	338
i)	De Arruda Furtado	340
j)	De D. Carolina Michaëlis	340
k)	De Alfredo Alves	343
l)	De E. Toci	343
m)	De G. de Almeida	344
n)	De Vasconcellos Abreu	344
o)	Collecção de «Silva Vieira»	344
p)	De H. Lang.	345
q)	De P. F. Thomás	346
r)	De H. Otto	346
s)	De T. de Aragão	346
t)	De C. Sertorio	347
u)	De J. Ulrich	347

XIX. REVISTAS E JORNAES :

1.	<i>Revista de Ethnologia</i>	348
2.	<i>Anuario das trad. pop.</i>	348
3.	<i>Revista do Minho</i>	348
4.	<i>Revista Lusitana</i>	349
5.	Jornaes diversos	350

XX. ADDITAMENTO :

Trabalhos ethnographicos do auctor d'este livro	353
*	
Nota final	366
Addendum & corrigendum	367



Collecção Silva Vieira: 1.º volume (contém 10 volumes a saber):

As Brotas, Linguagem Infantil, Poesia Popular Alentejana, por Soeiro de Brito.—*Folk-lore e dialectologia de Espozende*, (noticia bibliographica), por Armando da Silva.—*Astronomia e meteorologia popular alentejana*, por Soeiro de Brito.—*A Opala*, por M. M.—*Tradições Maiatas*, por Candido A. Landolt.—*A dança em Portugal*, por Alberto Pimentel.—*Duas leis*, documentos antigos.—*Subsidios para o estudo do Folk-lore Infantil Portuguez*, por Candido A. Landolt. Preço 1:000.

II vol. *Ensaaios Ethnographicos*, I vol. de 374 pag. por J. Leite de Vasconcellos. (1.ª edição esgotada). Reimpressa a 2.ª. Preço 1:000 reis.

Vol. III, II dos *Ensaaios*, do mesmo auctor, preço 600 reis.

Vol. IV, (III dos *Ensaaios*), pelo mesmo auctor, preço 700 reis, edição de Lisboa. (A' venda aqui)

Vol. V, (IV, dos *Ensaaios*, pelo mesmo auctor, edição da *Livraria Classica* preço 800 reis. (A' venda aqui).

Outras obras publicadas:

Setecentas Comparações Alentejanas, por Antonio Thomaz Pires
preço 300 reis

—*O Folk-lore*, folheto, por Theophilo Braga 100

—*O que é e para que serve o folk-lore*, opiniões de diversos folkloristas. 100 reis

—*Folk-lore Lanhozense*, por. Albino Bastos. 300 reis

—*Tradições populares da provincia do Douro*, por João Vieira d'Andrade 300 reis

—*Folk-lore Vimaranesense*, por D. Leite de Castro. 200 reis

—*Demosophia*, por Soeiro de Brito. 300 reis

—*Folk-lore da Figueira*, por M. Cardoso Martha e Augusto Pinto, 1 vol de perto de 300 paginas, 500 rs.

No prélo:

O Folk-lore da Figueira, II vol.

Em publicação:

—*Tradições populares da provincia do Minho*, I, cancionero, por José da Silva Vieira.

Envia-se pelo correio estas obras a quem as requisitar mediante o pagamento feito adiantadamente em valledo correio ou notas.

Pedidos ao seu director:

José da Silva Vieira—ESPOZENDE.



REVISTA DO MINHO

publicação quinzenal

para o estudo das tradições populares
dirigida por

José da Silva Vieira

e collaborada por todos os folk-loristas
portuguezes e estrangeiros

Assignatura

Anno, Portugal.....600

Estrangeiro..... 1:000

Toda a correspondencia deve se-
dirigida á Empresa da Revista do
Minho ou ao seu director, José da
Silva Vieira, — ESPOZENDE.



Edições d'esta livraria:

OBRAS LITTERARIAS

De ALVARO PINHEIRO:

Sonancias, versos, 1.^a e 2.^a edição, 1
volume (esgotado) 200 rs.

Amores Perfeitos, versos,
1 volume com o retrato do
auctor 500 »

Pétalas, versos, 2.^a edição,
correcta e augmentada, com
apreciações á 1.^a edição 300 »

De MANOEL VILLAS BOAS:

Croquis, casos vulgares, etc.
1888.

Na Minha Aldeia, (cartas a
um curioso) 1902. 300 »

Conversando, cartas a um
professor, 1908, prosa 300 »

De VIRIATO D'ALMEIDA:

No Campo, versos, 1905,
uma elegante brochura 160 »

TYPOGRAPHIA, LIVRARIA

E

PAPELARIA ESPOZENDENSE

RUA VEIGA BEIRÃO, 7 A 9

ESPOZENDE



